Cinearte

ANNO V N. 23
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 30 DE JULHO DE 19
Preço para todo o Brasil 1$000

KAY FRANCIS

JÁ MANDOU EXAMINAR AS URINAS

Muitas vezes um individuo se apresenta bem disposto, vendendo saude e, no entanto, sob a ameaça de um mal sorrateiro, localizado nos rins ou na bexiga. Quando não for possivel mandar examinar a urina, deve-se, ao menos como preventivo, tomar durante alguns dias seguidos 2 a 3 limonadas de Helmitol por dia.

Desse modo se consegue livrar as vias urinarias de provaveis hospedes perigosos.

Ha muitos medicos que fazem uso systematico desse optimo antiseptico circulante.

BORBULHAS

Muita gente é victima de pequenas borbulhas que apparecem na mão e nos vãos dos dedos dos pés, de causa arthritica. Nestes casos deve-se submetter o paciente a um regimem lacteo-vegetariano e ao uso do grande eliminador do acido urico, denominado Hexophan, que a Casa Bayer-Meister Lucius apresenta em comprimidos e lithinado effervescente.

Inaugurando os seus Espectaculos Mixtos de Tela e Palco — O GLORIA — apresentará com o mesmo programma a revuette

ARCA DE NOE'

PELA COMPANHIA
EVA STACHINO

da qual fazem parte — Eva Stachino — Izabelita Ruiz — Zaira Cavalcanti — Ada de Bogoslowa (princeza russa) — Maria Ruiz — Francisco Alves — João Lino e 10 Girls.

Loreta Young apparecerá ao lado de Otis Blinner na versão falada de **Kismet** que elle está fazendo para a Warner.

* * *

As ultimas noticias informam que foi assaltada a casa de William S. Hart e que alguem o tentou matar, emquanto elle dormia. Depois disso, sua casa tem sido guardada, a noite toda. No emtanto, a culpa toda lhe cabe. Para que é que elle anda dizendo a todo o mundo que vae voltar ao Cinema?...

* * *

Assim que terminar **The General**, para a Paramount, sob a direcção de Lothar Mendes, Walter Huston voltará aos Studios da United para continuar o seu grande contracto com a mesma fabrica.

* * *

William K. Howard dirigirá **The Painted Lady**, para a Fox, com Fifi Dorsay no principal papel.

* * *

See America First, será o proximo film de Will Rogers para a Fox. Para a mesma fabrica já fez elle: **They had to See Paris** Depois, **So, this is London?** e, agora, **See America First**... Qual! Depois se queixa á policia se alguem o fôr matar, ouviu?

* * *

Serge Eisnenstein, director da Sovkino, recentemente importado pela Paramount, já chegou. E já está deitando falação... A primeira conferencia que fez, foi na Academia de Arte da Universidade de Columbia. E o thema de seu discurso, **O Cinema como Arte**. Excusado é dizer que todos acharam um colosso o que elle afirmou, embora já estejam, com certeza marcados todos os planos para as futuras producções do mesmo, nos Estadas Unidos.

ATÉ NO OLYMPO

as deusas disputam a posse d um pequeno frasco de PILULAS DE REUTER, remedio sem rival para todas as pessôas propensas a padecer de prisão de ventre, dôres de cabeça, dyspepsia, bilis, etc. Ellas eliminam facilmente todas as impurezas do organismo e fazem que tanto o figado como o estomago funccionem com perfeita regularidade.

Unicos Depositarios: **Sociedade Anonyma LAMEIRO** — Rio de Janeiro

Ismael A. Muniz Freire

Partos, molestias das senhoras e vias urinarias.

Residencia: 73, Xavier da Silveira — Tel. Ipanema, 1171. Consultorio: Travessa Ouvidor, 39 — 3.º — Tel. Central, — 4966. Das 4 ás 7, diariamente.

Al Jolson terminou as ultimas scenas ao lado de sua esposa, no seu film **Byg Boy**, dirigido por A. Crosland que, aliás, é, tambem, o seu ultimo trabalho para a Warner Bros. Assim, fará elle, agora, uma rapida viagem de descanço pela Europa e, depois, iniciará logo o film **Sons of Suns**, o primeiro do seu contracto com a United, que terá, tambem, Lily Damita como companheira. Lily foi a creadora do papel nos palcos de New York.

* * *

Harold Lloyd cahiu com uma crise de appendicite que o quasi o liquida.

Presadissima senhora
Que estes versos examina,
Respondei-me sem demora:
Conheceis a Metrolina?
Se ainda não, por acaso,
Convem conhecel-a já,
Do contrario isso é descaso
Que traz consequencia má.
Tal conselho sobresáia
Neste momento solemne:
A Metrolina, empregae-a
Na vossa intima hygiene.

Leiam **O Tico-Tico** ás quartas-feiras, a melhor revista exclusivamente para crianças, editada pela S. A. "O Malho".

Novidade

SÃ MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

(Premio Mme. Durocher, da Academia Nacional de Medicina)

— Do Prof. —

DR. ARNALDO DE MORAES

Preço: 10$000

LIVRARIA PIMENTA DE MELLO & C.

RUA SACHET, 34 — RIO.

DOROTHY, JOAN E ANITA...

A LEITURA das revistas profissionaes e jornaes do Rio da Prata nos diz da agitação promovida pela Asociación Cinematographica Argentina, com o fito de obter a protecção dos poderes publicos para a industria nacional de films.

Entre as considerações feitas ao Consejo Deliberante por aquella associação de classe, ha as seguintes, que traduzimos:

"Tome-se em consideração que a industria cinematographica alcançou noutros paizes importancia enorme, por isso que, considerada principalmente como factor mais efficaz de propaganda nacional, ao passo que o nosso permaneceu em estado embryonario de desenvolvimento por falta de apoio dos governos que não viram a arma poderosa que estava á sua disposição, para contribuir para a cultura do publico e fazer-nos conhecer pélas outras nações.

"Os paizes que se acham á frente do mundo civilizado prestaram especial attenção ao cinematographo, assegurando-lhe toda sorte de facilidades para o fim de levar, aos outros povos, a realidade de sua existencia; chegada é a occasião de tambem nos occuparmos do assumpto, para levar á visão de todos os povos a belleza de nossas cidades, a grandiosidade de nossos campos, a belleza de nossas paizagens, afim de que não se continue a acreditar que nos vestimos de pennas e que a nossa pelle tem a coloração de ebano.

"A industria cinematographica é a que dá trabalho a maior numero de pessoas. Todas as classes de trabalhadores e profissionaes são utilizadas para as multiplas phases da producção de films.

Leve-se em conta o numero de trabalhadores que encontrarão o que fazer, quando a industria cinematographica, tomar certo desenvolvimento e a circulação interna do nosso dinheiro, que não mais emigrará para enriquecer os outros paizes. A industria argentina de films tem sido sempre contemplada com indifferença, senão com animosidade. Em recente reunião dos autores theatraes e Associação dos Musicos, não quizeram considerar a Associação Cinematographica Argentina, como lesada pelo problema do film sonóro, quando elles, que são cerca de 200 pessoas prejudicadas, não levaram em conta que o pessoal dos cinematographos, durante muitos annos e em numero bem maior, soffreu as consequencias do monopolio, ao tempo das pelliculas mudas e aggravadas agora pelo film sonóro.

Além da lesão soffrida pela profissão, soffreram-n'a tambem os capitaes argentinos; tenha-se em conta, além disso, que esses autores e esses mesmos musicos serão os directamente beneficiados, no dia em que a cinematographia argentina alcançar o desenvolvimento que merece e que é capaz de alcançar no dia em que os nossos legisladores, com visão clara e verdadeiro amor á patria, lhe dêem o impulso mediante uma sabia lei de protecção.

Bastam esses topicos acima para mostrar como o assumpto é encarado por parte dos nossos vizinhos do sul, que não se descuidam e trabalham afincadamente para as realizações cinematographicas com muito mais enthusiasmo do que nós por aqui.

Tudo quanto dizem os argentinos, podemos applical-o ao nosso meio. A industria nacional do film, entretanto, apesar de quantos contratempos se lhe têm opposto, máo grado os desdens de muitos e a indifferença de quasi todos, vae por diante e cremos mesmo que chegou o dia de se affirmar victoriosamente. O anno de 1930 será marcado com pedra branca para a cinematographia nacional. E até aqui nem um favor pediu e ao menos obteve dos poderes publicos.

Lilita Rosa numa scena de "Labios sem Beijos", da Cinédia.

Nero incendiou Roma, mas Didi Viana incendeia os nossos corações...

Cinema

O Brasil que precisamos conhecer e o que nos convém propagar é o titulo de um pequeno artigo asignado por O. F. e publicado um desses dias no "Paiz". Aqui o transcrevemos, porque vem a proposito de certos films ora em exhibição novamente. Já estamos fartos de films sobre indios e jacarés do Brasil! Já sabemos que elles existem e que precisamos protegel-os, civilizando-os e educando-os. Mas films sobre este assumpto devem ser apenas exhibidos em sessões particulares aos interessados em estudal-os ou pelo governo, incumbido de os proteger. O assumpto comportaria outros commentarios que provariam o nosso ponto de vista, mas vamos ler o artigo: —

"Publicou-se recentemente um livro de grande interesse para os brasileiros e que teve aqui escassa divulgação: *Entre os pelles vermelhas do Brasil*, do padre Joseph Marie Tapie. E' opportuno que se recorde esse notavel trabalho de observação pessoal quando existe quem, num esforço que se julgaria ingenuo para lhe não attribuir intuitos maldosos, pretenda fazer aqui mesmo, nesta culta Sebastianopolis, a propaganda do Brasil através das impressionantes miserias da vida primitiva dos nossos indigenas. Esse é o Brasil que necessitamos conhecer, mas não o que convém propagar.

O padre Tapie veiu ao Brasil para conhecer a vida dos indios. Passou pelo Rio e por S. Paulo com os olhos serenos de quem reatava conhecimentos antigos, de quem revia paizagens, sem curiosidade pelo tumulto das grandes *urbs*. Nessas, talvez se encontrassem, mais do que nas regiões remotas, as multidões soffredoras que buscam com ansia nunca satisfeita o balsamo tranquilizador das suas dores. Penetrou por S. Paulo, galgou o triangulo mineiro e surgiu mais tarde em pleno coração goyano. Baixou Araguay em procura do homem primitivo dessa região, para nós ainda tristemente mysteriosa, e foi annotando, com a classica paciencia dos benedictinos, os imprevistos, o rosario de amarguras das zonas enfermiças, o abandono daquelle mundo desconhecido que bastaria, elle só, para redimir as culpas de um seculo de construcção politica. O embevecimento do monge, ante a natureza bravia, estava em parallelo com a tristeza do civilizado em frente á maior miseria de conglomerados humanos. Vexou-o aquelle quadro que de legua em legua se reproduzia nas furnas, aldeamentos improvisados, malocas, onde

Durante a filmagem de "Meu Primeiro Amor".

Ronaldo de Alencar será a principal figura da proxima producção da Metropole Film de S. Paulo que já fez "Escrava Isaura".

se compram homens a goles de paraty, onde o barbaro poetizado e famoso estende ao correr das praias ou nas florestas a preguiça da sua chocante realidade. Esse o Araguaya que foi visto pelo padre Tapie, mas descripto com uma enorme suavidade, commentado com respeito quasi religioso, divinizado no que a natureza lhe deu de grandioso e opulento, e apenas lamentando na melancolica existencia dos barbaros que a imaginação dos nossos romancistas urbanos transforma ao sabor dos artificios literarios.

Os quadros que o Cinema exhibe são os mesmos que o padre Tapie observou. O colorido, que o jesuita discretamente esmaeceu, o Cinema escandalosamente avivou. A pellicula destina-se ao Mundo que póde ver e o livro a um numero limitado de curiosos. Dentro em pouco, o film irá justificar no estrangeiro a propaganda malsã, que combatemos, dos varios Savage Landor que ha meio seculo perdem o tempo em pintar o Brasil como um conjuncto de clans, paraiso da psittacosis e reino invulneravel de serpentes e macacos...

Brasileiro

Entre a eloquencia de um film que offerece um quadro de miseria e ruina, ainda que pretendendo descrever o coração do Brasil, e o esforço de qualquer propaganda que apresente o Brasil, com suas tradições e riquezas, com o seu poder economico e a sua extroardinaria evolução moral, prevalece a realidade bruta do film. E ainda ha quem condemne a ignorancia e a maldade do estrangeiro com relação ão nosso Brasil!

Pelo seu trabalho em "Forward March", da M G M, Buster Keaton acaba de ganhar um novo contracto de cinco annos, com a mesma e, ainda, direito de viagem á Europa, ou á qualquer outro ponto do globo, tudo financiado pela mesma fabrica. A heroina de Buster, Sally Eilers, tambem obteve generosa offerta, inclusive o principal papel em "Cheriberi", com Lon Chaney. Não acceitou, porém, porque está para se casar e, assim, pretende abandonar o Cinema.

卍

Num choque de yachts, em Greenwich, Claire Windsor, que se achava em um delles, quasi soffreu accidente fatal. Salvou-se por verdadeiro milagre.

卍

"The Gorilla", na sua versão falada. que a Warner Bros. está preparando, terá Lila Lee no papel que Alice Day creou, na versão muda e Joe Frisco e Harry Gribbon, substituindo Charlie Murray e Fred Kelsey. Frank Mc Hugh será o reporter. A direcção estará a cargo de Bryan Foy. ....

卍

A canção "Why Leave Me", quando a ouvirem, saibam que é composição, de George K. Arthur. A primeira vez que foi ouvida, cantou-a Lawrence Tibbett, numa festa intima. A mesma será ouvida em "Knight Before Xmas", da R K O.

卍

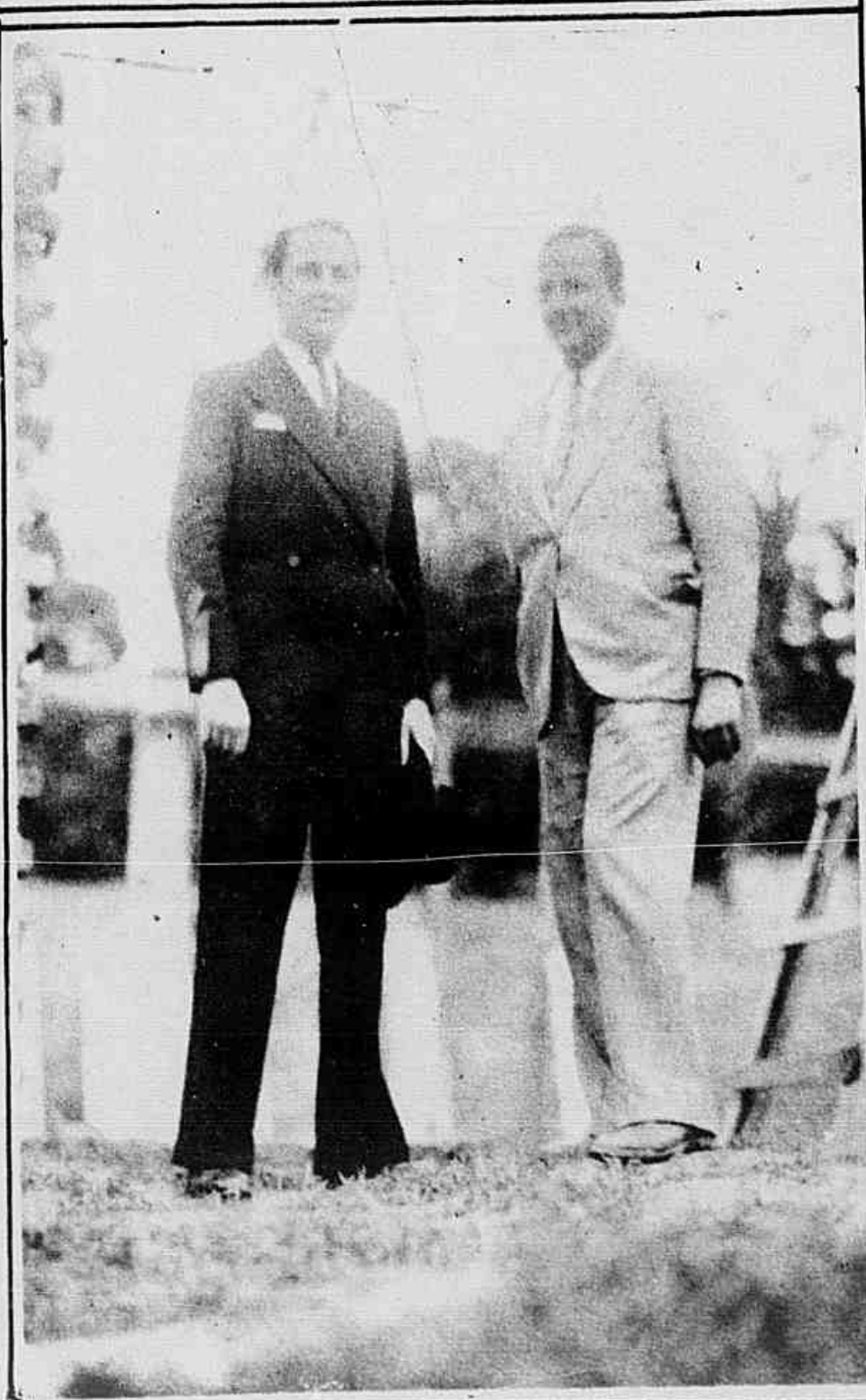
Depois de "Sweet Kitty Bellairs", o seu primeiro film para a Warner, de accordo com o seu novo e grande contracto, Hobart Henley passará a dirigir "The Flirt", para a Universal. Que, aliás, foi o seu grande successo em versão silenciosa, ha annos. Elle vae emprestado e logo tornará á Warner, para continuar na execução do seu contracto.

卍

Henry King, da Inspiration, tendo terminado o seu contracto com a mesma, acaba de se passar para a Universal, para a qual dirigirá. Assim, com John M. Stahl, John S. Robertson e Tod Browning, forma o novo grupo de grandes directores da Universal.

卍

"The Egg Crate Wallop", historia que ha annos Charles Ray filmou, vae ser refilmada, com Grant Withers, no seu papel e Marian Nixon no principal papel feminino. Alfred E. Green será o director. E' um film da Warner Bros.

Roulien visitou o Cinédia Studio na semana passada.

Crizetta Moreno, estrella do film "Eufemia".

George Walsh voltou. Não como artista e, sim, como director assistente do seu mano Raoul. O seu primeiro esforço, neste novo ramo, é pelo film "The Big Trail", um dos mais pretenciosos que Raoul já fez. E' da Fox.

卍

"Just Imagine". é o titulo do proximo film da Fox que David Butler dirigirá.

Ellas

Ellas vão gostar de Decio Murillo.

Porque, no seu todo. Elegante. Distincto. Amavel. Todo sinceridade e desprendimento. No seu olhar preto e gluido. Nas suas phrases rendadas. Decio Murillo é, mesmo, o galã que as pequenas preferem. Preferem, porque elle lembra, vagamente, nesta epoca 1930. Um principe de sonhos. Todo de ouro e prata. Espada á cintura. Que luctava pelas princezas bonitas. Até mesmo com risco de morte. Neste seculo de barulhos e communismos. Elle ainda é um principe de roupas modernas, impeccaveis. Que ainda usa a espada da distincção. E lucta, se fôr preciso, com risco de morte, pela pequena do seu coração.

Tambem é o galã das mãezinhas. Das vovózinas. E das meninas.

Porque, para as mães. E' o eterno menino caçula. Bomzinho e meigo. Que, um dia, vem chorar, ao seu regaço.

A magôa de um amor infeliz. E os amores infelizes, delle, na téla. Serão, para as mãezinhas. Lagrimas nos olhos e uma grande vontade de o ter como filho, para o consolar.

Para as vovózinhas, o neto querido. Que, pela manhã e á tarde. Vem pedir a benção e ouvir a rememoração caduca de uma juventude que já ha tanto se foi... Estas, quando o virem, chorarão. Muitas dellas, baixinho, dirão. "Elle é tão parecido com o meu netinho que se foi..."

Para as meninas. Será o irmão paciencia. Carinho. Que as leva ao parque, brincar. E que, domingo, em vez de ir para a rua. Como os outros. Fica ensinando-lhes a lição difficil...

Para os rapazes. Elle será um amigo. Será o galã que nenhum invejará. Porque sentir-se-á feliz em o ver feliz. Porque o Decio, todo elle. E' sympathia e amabilidade. Os rapazes o estimarão como um esplendido amigo. Que inspira logo confiança e que logo merece confidencias.

Elle é o rapaz que cede lugar, nos bonds, ás velhas e ás senhoras. E que ajuda o doente a alcançar o estribo. E' preciso mais para affirmar os seus dotes de cultura social?...

Hoje 1930, Decio Murillo ainda crê em elegancia moral. E ainda pensa em derrubar um coraçãozinho fox-trot com um soneto velho, cheirando a 1930...

A sua maior prenda, é a educação finissima que tem. E', mesmo, o seu maior escudo.

Tudo que traga arte, em si, merece a sua attenção. A pintura. A photographia. Os films, principalmente.

Fóra da téla. Tem, na sua vida, um grande romance. Viveu-o Conta-o a todos. Para que todos saibam um pouco das suas alegrias e um pouco das suas tristezas.

E, na téla. Merecia o papel bonito de um rapaz que não esquecesse a distincção moral. Pela honra da mulher que amára...

Elle é um pouco de Richard Barthelmess. Um pouco de Ramon Novarro. Um pouco de Charles Rogers.

Não é nenhum delles.

Nem tem, mesmo, delles. Qualquer traço physionomico.

Mas, nas suas maneiras. Nos seus pensamentos. Nos papeis que sempre confessa querer interpretar. Lê-se, claro, o espirito que os citados artistas sempre tiveram, nos seus films.

Elle seria "David, o Caçula". Ou Armand Treville, "O Bem Amado". Tambem o Joe, de "Meu Unico Amôr"...

Elle é o rapaz que amou uma só vez, na vida. Que nunca mais esqueceu a sua desdita.

Elle é o rapaz que respeita a fidelidade e adora o sentimento.

E' aquelle que beija, acariciando. Que abraça com ternura. E que não teme gritar, ao mundo todo, a immensidade do seu affecto.

E' bem, mesmo, **David**, o **Bem Amado**, que só teve, na vida, um **Unico Amor**...

Esta, é a impressão que elle nos causou. Sempre. Hoje, que o acabamos de entrevistar. Temos a mesma maneira de pensar.

As respostas que nos deu. Todas ellas. Confirmaram, na integra, o quanto já haviamos ajuizado a seu respeito. E, aqui, para as pequenas. Para as mamães e vovós. E para os rapazes, tambem, está um pouco de Decio Murillo. Uma das figuras principaes de **Labios sem Beijos**, que acaba de ser concluido.

E' figura central de **O Preço de um Prazer**, a ser concluido brevemente.

Não o vamos ouvir. Porque, afinal, quasi nada elle falou. Apenas o vamos apresentar. Como o apreciamos. Sinceramente. Como se para aqui jogassemos. Sua distincção. Sua delicadeza. Seu caracter. Seus mais delicados sentimentos.

Entre as figuras distinctas e correctas. Que honram o Cinema Brasileiro. Decio Murillo figura, em grande evidencia.

Entrou para os films. Com a felicidade estampada no rosto. Como se entrasse para uma Faculdade. Ou para uma Academia.

Offereceu, ao Cinema Brasileiro. Seu nome limpo. Traducção de uma linhagem que honra qualquer ambiente. E não se importou com os apupos dos despeitos. Que lhe diziam não ser distincto ser artista de Cinema. E nem bom.

Achou que era o seu ideal. Conheceu aquelles que se achavam jogados na lucta. Apreciou-os, como amigos. Admirou-os, como tenacidade. Quiz se juntar á elles. Para que fosse **mais um**. A augmentar a sempre e sempre crescente columna de esperançados.

Entregando, á **camera**. A sua photogenia agradavel. Entregou, ao Cinema Brasileiro. Ao mesmo tempo. Todo o seu grande ideal. Servil-o. No cargo que lhe fosss destinado. E viver, para as télas. As historias que lhe fossem entregues.

Decio Murillo é filho de Bagé. Uma das mais importantes Cidades do Rio Grande do Sul. Traz, na sua fibra. Aquella mesma coragem. E aquelle mesmo destemor. Que sempre foram a affirmação do caracter gaúcho. E, no seu physico. Traz, tambem, a compleição forte de uma raça forte. E, no seu caracter. A vontade que não quebra. Caracteristico dos seus conterraneos.

Ha tempos no Rio. Nunca pensou, realmente, entrar para o Cinema. Sentia, quando apreciava os films, que seria o ideal viver uma daquellas historias bonitas que seus olhos viam. E, por um poder de sentimento artistico. Não poucas vezes. Viu-se, na téla. Vestindo a mascara do artista que representava.

Depois, soube que havia um Cinema Brasileiro. Que já era mais do que um idealismo. E quasi uma affirmação completa.

Amigo de Paulo Morano, foi á sua casa. Quando do seu anniversario. E, lá, observado pelo Gonzaga. Foi immediatamente considerado para ser galã e principal figura masculina de **O Preço de um Prazer**.

Não se mostrou emocionado. Nem commovido. Apenas acceitou e affirmou sua dedicação e coragem, para a lucta.

Depois, foi escolhido para um dos papeis de **Labios sem Beijos**. Aquelle que Julio Danilo ia intepretar. E que não o fez, por causa da sua viagem ao Norte. E já o fez. Com toda sua consciencia artistica e com todo seu carinho.

Decio Murillo é muito jovem. Tem apenas 22 annos E' possivel que toda a sua bôa vontade. Nada mais seja do que um enthusiasmo de jovem. Mas, ainda que seja assim. Nota-se, nelle. Um grande interesse pelo seu trabalho. E uma grande vontade de acertar.

Gostar de Decio

Para **O Preço de um Prazer**, já fez uma scena. Dramatica. Intensa. Que, na voz de quantos a assistiram. Foi uma affirmação as suas qualidades de bom artista.

E talvez tenha, em **Dansa das Chammas**. Um papel que é mesmo o que elle é.

——

Em cocktail, aqui, um pouco das suas idéas.

— Nada posso dizer do amor. Em torno delle é que vivemos. Já o senti. Já tive, em meus braços, a mulher que foi, para mim, mais do que a propria vida. Mas... Para que dizer? E' tão vulgar... **Mais do que a propria vida**... E' a phrase eterna! Talvez eu houvesse sido mais delicado, com ella. Do que um outro qualquer. Porque, do amor, approveito mais o sentimento-alma. Do que o sentimento-vida... Gosto de ter a creatura que amo. Dentro de meus braços. Para beijar-lhe os cabellos. Para tocar-lhe apenas com as pontas dos dedos a maciez da pelle. E, depois, quero beijar. Mas procuro ser differente. Procuro transmittir. No beijo que lhe der. Todo o romance que me vae na alma. Romance, para mim, não é conquistar. E' esperar. E' sonhar com o impossivel. E' querer bem uma figura que não existe e que sempre se está vendo...

— Da vida, já tenho colhido grandes emoções. Amei uma figura de sonho. Que foi tudo quanto de bom já tive. Um dia, quando fui para o encontro de sempre. Não a encontrei Palavra, soffri por não ter sido o primeiro, no mundo, a receber, em vez da mulher. O classico bilhetinho. **Não penses mais em mim. Eu já cansei dos teus beijos**. Mas, infelizmente, fui um dos muitos... Mas ella se fôra porque não me amasse? Talvez não. Ella se foi. Pela mesma razão que as outras mulheres se vão. Para partir uma cadeia de sonhos. Que já lhes é mais pesada do que grilhões de chumbo...

— Na vida, vegetei. Sim, porque o homem que se emprega. Que toma o bond das 11 e 15, invariavelmente. Que lê, depois do jantar, os jornaes da tarde. Que vae ao Cinema. e passa pela sorveteria, no verão. Não vive. Positivamente! Vegeta... Vive, aquelle que sonha. Eu queria sonhar. Mas não podia... Era a buzina de um omnibus. O apito de uma fabrica. O roncar de um motor. Isso é viver? Será viver para uma praia. Deitar-se ao longo, da areia. Escrever, sobre á areia, um conto de amor. E, logo depois, ouvir um jazz. E ter que contar, á namorada, que o Vasco da Gama é o time mais fraco do mundo. Mas que o Fluminense não o é menos? Não. isso é vegetar. Agora, estou vivendo. Estou vivendo, porque entrei para o Cinema. E porque, no Cinema, poderei durante as filmagens, ser um pouco de mim mesmo. Dentro dos papeis que me derem para viver. No Cinema, vive-se. Porque, no Cinema, ainda ha um sonho, numa praia. Ainda ha a poesia de uma paysagem. E, no fim, a historia acaba bem... Acho que o Cinema é a mascara da vida. Que nunca nos permitte desanimar. Porque não lhe conhecemos, nunca, o verdadeiro aspecto... Sem o Cinema, viveriamos?...

— Prefiro um papel assim, para interpretar. Um moço. Uma mulher. Uma aldeia deserta. Um rio. Um passaro cheio de agouro... Depois, o inverno. Uma ingenuidade de homem. A se esquentar á malicia e ao peccado de uma mulher... **Rio da Vida**... O film que mais gostei. Depois de tambem ter gostado tanto de **Setimo Céu**... E' por isso que eu gosto do Cinema! Quantas e quantas vezes eu não fui um Charles Farrell para uma das muitas Mary Duncans do mundo? Quantas?!... No emtanto. Um dia eu me sentei para assistir um film. E fui rever um pouco do que eu já tinha passado, tambem... Não terei razão?...

— Depois do Cinema. A minha maior adoração. Vem a musica. Eu danso. E gosto dos **blues**. Mas eu fico muito mais **blue** quando fujo para um canto de sala. E, quasi escondido. Para que o jardineiro não ouça. E para que apenas minha alma escute. Eu vou ouvir Mozart. O meu compositor predilecto. A musica, para mim. E' o mel do espirito. Muitas vezes, em casa. Em dias de desillusão. Em dias chorados. Mais do que criança. Se o fosse. Sobre uma carta de veneno e saudade. Eu me escondi na sala de musica de meu pae. E lá, sozinho. Eu escutei, em surdina, a musica que eu queria bem. Quando ella terminava. Eu já não tinha desanimo. Eu me levantava. Tinha mais coragem para a vida. Ia assistir um film...

— A mulher, no mundo, é a maior de todas as artes. Sim! Porque, esculptura perfeita. E' um soneto cheio de bôas rimas. Canta melodias de romance e malicia. Na perfeição de suas formas. E enche a vida de um homem. De novella. De drama e de tragedia... Sem ella nada seria de nós...

— Eu prefiro Greta Garbo. No Cinema, é a unica mulher que eu verdadeiramente idolatro. Os seus films, para mim, têm o poder de um iman. Eu já assisti **Orchideas Sylvestres**. Já a vi em **Mulher Singular**. Depois, em **O Beijo**. Sempre differente, sempre uma pedra de gelo, cercada de chammas... Greta Garbo foi um symbolo. Inconstante. Fiel. Voluvel. Honesta. Maliciosa. Pura. Symbolisa a propria vida. Que a cada minuto é uma cousa... Não a amo. Seria tolice. Mas admiro-a, profundamente. Tanto quanto amo uma dessas figuras de historia. Uma Carlota Corday, por exemplo. Que merece a adoração dos seculos.

— John Gilbert, no Cinema, é aquelle que mais aprecio. Talvez por me ter sentido dentro dos seus papeis. Quando elle soffria, ao lado de Greta Garbo. E amava e maltratava... O Leo Von Harten, que amou a Felicitas, de **A Carne e o Diabo**. E' o maior vulto da téla. Pelo seu typo. Pela sua vivacidade. Pelo seu grande senso artistico. **A Carne e o Diabo**. Nas suas varias situações. Foi o film que mais profundamente me impressionou.

— O Cinema Brasileiro. No qual estou e para o qual tudo espero fazer. Para mais o conceituar. Tem, em Didi Viana, Paulo Moreno e Lelita Rosa. Os seus tres maiores vultos. Didi, é minha companheira de trabalhos. Paulo Morano e Lelita Rosa. Distincta, graciosa e intelligente; eu os vi em filmagem. E conheço-os, fóra della. Serão, tenho certeza, admiradissimos e queridissimos do publico.

— O Cinema Brasileiro, elle proprio, parece-me a concretização da força de vontade e do amor ao ideal. E' nobre e distincto. Sinto-me feliz sendo um dos seus elementos. E espero, para elle, dar o melhor do meu sentimento.

— O film silencioso. Apenas acompanhado de bôa musica. Era o que mais eu gostava. Todos os dias. De todos os lados. Em todos os lugares. Ouve-se a voz do homem. Ouve-se um gemido. Ouve-se um brado. Alegria e tristeza. Sempre irmanadas em exclamações. Cheio disso, fugia-se para um Cinema. Lá, quando era um daquelles films-romances. Films-sentimentos. Ficava-se. Duas horas. Apenas ouvindo a musica. E vendo. Vendo só. Scenas e scenas. Vida e mais vida. Sem falas. Sem gemidos ou gritos. Sem vozes. Sem rumor. Apenas os gestos. Apenas as expressões. Apenas os detalhes. Unicamente os symbolos... Era tão bonito o Cinema silencioso. A voz faz com que falem mal delle.

— A minha primeira opportunidade, no Cinema Brasileiro. Foi o momento mais feliz de minha vida. E além disso, outra grande felicidade Foi o apoio de meus paes. E a maneira com que me aconselharam e animaram, no meu novo modo de viver Meus paes sempre me confortaram A' elles eu devo o que hoje sou. Educaram-me. Fizeram-me respeitar, na

(Termina no fim do numero)

DECIO MURILLO E DIDI VIANA NUMA SCENA DE "LABIOS SEM BEIJOS"

Gwen Lee...

BEBE E' DO AMOR...

O que eu penso do Amor

— O amor, para mim, é uma esplendida responsabilidade. Um dever que todos cumprimos com tanta devoção... Uma opportunidade que se tem, na vida, para se ser real. Quando alguem ama. E' muito grande a sua responsabilidade. Deve amar, com ardor. Até que esteja morta a ultima chamma desse affecto. O dever de amar não deixa de existir por um só instante. Isto diz, claro, que, para os hombros, o amor não deixa de ser um peso grande. E é, tambem, uma intensa emoção. — Mas que emoção gloriosa!

— Eu bem sei o que é o amor. Já passei por elle mais de uma vez. Mas não serei sincera se affirmar que, desde o principio. Eu sabia o que elle era. Estava, mesmo, muito longe de saber... Quando ainda era muito joven. Pensava, do amor, o que pensam as moças sem experiencia. Julgava-me com a liberdade de entrar por elle a dentro. E delle sahir. Quando me apetecesse... Pobre de mim!... Caminhei, sonhadora, de romance para romance. A constancia, porém. não era o maior predicado das minhas amisades de então. Tinha consciencia, naquelles tempos, que nada devia aos rapazes que me estimavam. E, sim, que eram elles que me deviam attenções e carinhos. Penso que todas as demais pequenas tenham a mesma idéa. Mas a razão, é simples. E' porque ellas, como eu, não sabem, ainda, que o amor é uma responsabilidade.

— Depois, um bello dia, surge, pela vida da gente a dentro. Alguem que nos toma o coração. E exige, delle, tudo quanto elle póde dar. Achamos, ahi, no amor, o que realmente elle tem a mostrar. E, ao mesmo tempo. Comprehendemos, num relance, que elle é uma cousa muito seria. Dá-nos pesares e dores de coração. Sentámos, em nós, uma admiravel e prodigiosa responsabilidade. A nós, nada mais importa...

— O que significo eu por responsabilidade? A lealdade! Deixar que o homem, por nós, tudo faça. E' errado! E' um senso antigo. Hoje, dtvemos ter, por elle, ao lado do grande amor. Um instincto quasi maternal. Para que possamos cuidar delle com toda dedicação que só esse amor fornece. Tudo que fazemos, quando amamos, parece tão pequenino perto do que ainda queriamos fazer... Noites e noites. De lua ou de tempestade. Ficamos, janellas abertas. Olhando o céo. Negro ou rendilhado de estrellas. A pensar, minutos afóra, o que fariamos pela felicidade do ente que amamos... Tirar-lhe as difficuldades. Pedras grandes no caminho da vida... Que cousa immensa é o amor. Quando se mostra realmente aquillo que pensavamos que elle fosse. Que delicioso trabalho elle se torna para nós! Sentimos prazer em o sentir em nosso coração.

— A mulher, porém, nunca deve esquecer que a responsabilidade premedita, tambem, uma possibilidade de fracasso. E', mesmo, a unica razão que já encontrei para explicar claramente o fracasso e a morte do amor. E' preciso, antes de mais nada. Que tenhamos a mais absoluta certeza. De que se nos puzerem, diante dos olhos. Sacrificios e penas. Pezares e azares. Pelo amor. Que tenhamos a certeza de os vencer. A todos. Pela conquista do supremo goso. Mas se esquecermos, por um dia que seja, o nosso dever. Perderemos o amor, irremediavelmente. Ha, tambem, da parte delle, uma grande responsabilidade. Se elle não a souber cumprir. Justamente como cumprimos a nossa. Tambem estará tudo acabado... Depois da primeira quéda. E' impossivel que se reconsidere tudo e se volte para traz. O amor, depois de perdido, é a caça mais mais difficil de se recapturar...

— O amor póde-se facilmente ser comparado á amizade. A relação que entre ambos existe. Implica, em tudo, a responsabilidade, em primeira plana. A amizade, sem duvida, não requer a fidelidade que requer o amor. Mas, em resto, é identica. Alguem de vós já passou pelo transe de ter um amigo. E vel-o falhar. Lamentavelmente, justamente no instante em que depositaveis toda confiança nelle?... E' assim que dóe o coração quando se perde o amor. Porque, amando, eu terei, no que amo, céguissima confiança. Nada impedirá meus passos amorosos, ao seu lado. Mas se elle falhar. Se desmerecer toda essa confiança. E me trahir. Acham que é possivel reconstruir, depois, todo esse immenso castello desmoronado?...

— Se alguem me perguntar como sei quando estou amando. Acharei logica a pergunta. E, tambem acharei logico que me perguntem quando saberei a que ponto tenho a responsabilidade do amor. Antes de mais nada, porém, digo-lhes que á mim propria demorei muito a dar essa resposta. Mas comprehendi, perfeitamente, que amava. Pela onda profunda de altruismo que me possuio, inteirinha. Eu nunca fui o que se possa chamar de egoista. Mas, apesar de tudo, sempre tive um grande amor a mim propria. E foi por isso que, facilmente, averiguei que era a morte do egoismo. O primeiro symptoma do amor... Sem razão alguma, um dia comecei a fazer o bem. A achar tudo bom. A sentir, pelos outros. Profunda amizade! E, tambem, a gostar de todo mundo. E achar todos esplendidos. A minha propria carreira e felicidade. Para mim. Passaram a ser cousas secundarias. E, cada vez que despertava. O homem que eu amei era o unico motivo de imaginar, seguidamente. Todas as maneiras possiveis de lhe mostrar o meu altruismo e a minha dedicação. Era a responsabilidade do amor que se apossava do meu coração. E, afinal, como é deliciosa... .....

— O amor, para mim, é o altruismo completo. A morte do eu para a resurreição do amor!...

— Não teria dito tudo. Se aqui ficasse e nada fallasse daquillo que é admiravel e immenso. E que só o amor traz comsigo. A camaradagem! O companheirismo! E' possivel, no mundo, encontrar-se a camaradagem que se encontra na pessoa que amamos? Os alicerces de uma profunda amizade. Têm, com certeza, grande camaradagem. Immenso companheirismo. Mas a amizade amorosa que nasce do amor sincero. O companheirismo que o amor traz. E' unico. Jaz em alicerces solidissimos! A camaradagem, no amor, é a cousa mais deliciosa, esplendida, immensa, que já encontrei em toda a vida!

— A segurança, no amor, isto é. A certeza absoluta de se ser amada. Para a vida toda! E' um sentimento que só vem depois do amor. Depois da camaradagem e do companheirismo. Mas, quando vem, traz, comsigo, um sentimento profundo de posse. Uma certeza immensa de se ter, nas mãos, a creatura que se quer bem. Eu, sinceramente, não acho, no mundo, nada que se compare ao homem que amo. E, é justo, quero que elle pense e sinta a mesma cousa a meu respeito. E quando olhei um homem. Com intenção de amar. E' porque vi, nelle, possibilidade para o futuro. Um que de protector e immenso. Eu posso depender delle. E eu quero depender, para sempre, do homem que amo. O sentimento de posse, no amor, é a cousa mais bella e prodigiosa que elle tem.

— Mas o amor, na verdade, não é synonimo de felicidade...

— Esta affirmativa, depois de tudo quanto disse, poderá lhes parecer estranha. Naturalmente, qualquer um de vós dirá, "Não comprehendo. Porque, afinal, qualquer um dos sentimentos expostos. E, mesmo, a fuzão de todos elles. Só podem, mesmo, trazer a mais absoluta felicidade". Mas não é bom confundir. O amor é "capaz" de conseguir uma eterna felicidade. Uma felicidade que seja quasi impossivel, mesmo. Mas não convem esquecer. Que, tudo quanto póde trazer uma grande alegria. Uma grande e immensa felicidade. Tambem poderá trazer o contrario... Se isso não fosse verdade. A felicidade não seria esse fructo de ouro que todos querem e que tão poucos conseguem obter...

— Se a felicidade, para durar, tiver que ser, ella, o arrimo de um amor, não terá, esse amor, a minima segurança. a minima força. Agora, consideremos o amor. Elle, Deus forte, offerece dois caminhos. Ou a grande, a immensa e real felicidade. Ou, ao contrario, a profunda e immensa miseria. Eu conheci muitas mulheres. Para as quaes o amor era a suprema felicidade. E eu tambem senti essa sensação. Eu já amei. Mais profundamente do que qualquer um possa pensar. Mas já senti, amando. Feliz, mesmo, a mais profunda das infelicidades que já alguem sentiu, na vida... Não sei explicar, realmente, o que é que me trazia tanta miseria. Tanta infelicidade! Mas eu podia garantir, tambem, que, apezar de tudo, eu ainda agradecia a Deus a opportunidade que me deu, no amor.

— Para uma pessôa considerar, calmamente, esse voluvel problema que é o amor. Problema de tantos prós e contras. Mais complicado do que o mais complicado mathematico possa suggerir. E' preciso que ella seja profundamente intelligente. Immensamente arguta e culta. Idéas, ideaes, emoções, tudo, em summa, são cousas que o amor traz. E' muito para uma artista de Cinema. Comprehender o altruismo. A Camaradagem. A posse, no amor. A segurança, no amor... E, ainda, considerar, ao fim de tudo, a responsabilidade e a infelicidade. Que o amor comsigo traz e póde trazer...

— Aprendi cousas sobre o amor. Deixando que os homens me amassem. Foram os seus sentimen-

(*Termina no fim do numero*)

LOLA

— Pequenas! Sallys. Marys ou Jennys.

— Vamos! Já pensaram, por acaso, saltar para a a frente da Associação de respeito. E dansar, violentamente, um charleston. Apenas para mostrar espirito revolucionario?

— Vamos! Já pensaram em perder um lugar de 17 dollars por semana. Apenas por não supportar uma reprimenda do chefe? Do ensaiador?

— Ainda! Já pensaram em sêrdes vós proprias! e não aquillo que as circumstancias querem fazer de vós?...

— Bom. Leiam a historia que se segue. De uma Dorothy Mulligan. Uma pequena de aldeia. Que nunca deixou que lhe abaixassem o narizinho arrebitado. E que, apesar de tudo, continua, agora, ganhando bons dollars dentro de Hollywood?

Leiam... Mas vejam lá o que vão fazer, hein?...

—

LOLA LANE, NESTE ARTIGO, CONTA A SUA VIDA...

Para começar, Dorothy Mulligan resolveu nascer numa cidade que se chama Indianola e que fica no Estado de Iowa. Cidadezinha que tem cerca de 3 mil habitantes. Muitas outras ali nasceram. Mas, nem por isso deixaram Indianola... Mas Dorothy teve coragem para sahir. Desde pequena, não havia quem a contivesse, nos seus impulsos de instincto. E, quando cresceu. Sufficientemente para ser vista, sem se abaixar demais o pescoço. Resolveu, num golpe de audacia. Ser senhora de seu proprio nariz... Empresaria de si mesma...

Para começar, resolveu, naquelle domingo cheio de paz. E de patos, passeando pelas ruas. Arrumar, para aquelle povinho todo que sahia da Igreja. Um violento charleston. Ali mesmo. Quasi diante da Igreja. Só para irritar as beatas. E só para mostrar que essa questão de praxe é muito facil de romper...

Houve uma exclamação, apenas, de toda aquella gente.

— Já sei! E', de novo, aquella pequena Mulligan! Nós já sabemos, perfeitamente, que ella nunca ligou á nada e á nada ha de ligar... (Cousa interessante e, permittam-me o parenthesis. Agora, ha pouco, esteve ella Indianola, a passeio e o povo de lá, todinho, esqueceu-se disso e pagou 5 dollars a cadeira para ver dansar charleston ou outra dansa parecida. Ou, se quizerem, saccudir um cocktail com o corpo. 5 dollars...) Continuemos. Desde mocinha, Dorothy já comprehendia que não dava para esse negocio de ser direitinha. Ser mocinha casadoura... Nem, tampouco, costurar ou bordar, á luz de um candieiro. Nem, muito menos noiva pudica ou esposa perfeita de um daquelles fazendeiros cheios de callos e vazios de distincção... Ella, quando resolveu não ser mais aquillo. Realmente não sabia o que queria ser, mesmo. Mas sabia, apenas, que não queria ser como sua mãe. Ou como sua irmã mais velha. Uma pequena de interior. Sem aspiração alguma. Pequena que chegasse ao cumulo de vestir vestido engommado, todo branco, em dia de procissão... Não! Positivamente, não.

Começou tocando piano no Cinema de Indianola. Ganhava 7 dollars por semana. Houve um escandalo em Indianola.

— Dorothy está tocando piano no Cinema!

Pareceu que algum santo havia descido, disfarçado e havia convertido a selvagemzinha. O que teria acontecido? E, de prompto, as beatas reconstituiram certos planos...

— Vamos lá! Assentaram-se-lhe os miolos. Agora... Já sabemos. Ella é pianista do Cinema. Daqui ha pouco casa-se com um dos nossos bons rapazes. E, depois de casada, passará a ser professora de piano... Que tal?...

Mas nem uma semana se tinha ido e já Dorothy implicava solemnemente com aquillo. Que emprego páo! Aquillo, positivamente, não éra o ideal que ella tanto sonhára. Era, logico! Sentar-se onze ou doze horas, diarias, malhando as teclas amarellas de um piano horrivel. Apenas por 7 dollars por semana? E, um dia, assim pensando. Tocando, talvez, uma valsa vulgar. Olhou para cima. Sabia a musica de cór. Deu com uma pequena. Soffrivelmente bonita. Na téla. Que, lá, representava. Depois, soube que a mesma pequena recebia bom dinheiro pelas suas attitudes amorosas e pelos beijos que dava, prodigamente, no principio, no meio e no fim do film...

— Ganhar mais do que 7 dollars por semana. Ser beijada. Amar. Representar... E' melhor do que tocar piano em Cinema de Indianola, não é?

Procurou o empresario.

— Escute aqui, cavalheiro! Estou O. K.! Chega! Não quero mais ser menina de aldeia!

O homem achou que aquillo era o supremo escandalo. Abandonar um lugar daquelles... 7 dollars por semana...

A' sahida, ella se inspirou. Voltou-se para elle.

— Escute aqui, amigo. Desista do Cinema! Compre uma fazenda! Se lhe faço falta, melhore o Cinema de Indianola! Vamos! Compre uma pianola ou uma victrola, mesmo...

Sahiu.

Em casa, quasi apanhou. Sua Mãe, afinal, resolveu deixal-a com o freio nos dentes. (Que me perdôe a gentil artistazinha a comparação!) E ella, poucos dias depois, embarcava para Des Moines, uma cidade colosso, na sua opinião de indianolense nata e jamais dali sahida...

Afinal, ella não sabia, mesmo, o que queria saber. Sabia, apenas, que não queria continuar vivendo em Indianola.

Havia, em Des Moines, uma agencia de empregos. Para lá, diariamente, Dorothy Mulligan ia esperar emprego e ler os jornaes.

— Quem quer se empregar em uma sorveteria?

Todas pularam. Mas a que pulou primeiro. Foi Dorothy. Empregou-se, logo...

Passou a ganhar 15 dollars por semana. Um verdadeiro successo! Aprendeu a fazer sorvetes. A misturar refrescos. E a lidar com tudo quanto podia refrescar o estomago e esquentar o cerebro.

Ao cabo de dias ella já sabia e já sentia que aquillo tambem não era o que ella queria... Outra pequena, ali, capricharia. Para ser, sem favor, a Rainha do sorvete. Mas Dorothy, pouco ligava que fosse a Rainha ou a ultima. Queria, apenas, saber de uma cousa. Que aquillo não era, positivamente, o que lhe convinha...

Deixou o emprego. Tinha apenas 40 centavos no bolso. Tomou um **sundae**. Gastou 25. E foi de novo para a agencia.

Ganhou outro emprego. Em uma loja. Para ganhar 17 dollars por semana. Talvez, pensou ella, mesmo, seria isso o começo da sua carreira commercial... Quem saberia? Ao cabo de 4 semanas, tinha o sufficiente para comprar um par de sapatos. Comprou-o. Depois, tambem tinha a certeza de que para aquillo não nascera. Resolveu continuar a supportar aquillo, por mais alguns dias, até que tivesse com o que comprar um par de meias.

No fim de mais uma semana, o dono da loja a chamou.

— Está despedida.

— Por que?

— Por causa de minha mulher. Está com muito ciume de mim. Disse que ha semanas que nos espia pelo buraco que mandou fazer ali, na parede e que te acha muito bonita. Não ha remedio. Está despedida!

Dorothy nada disse. Deu uma risada nas ventas do dono da loja e deu uma resposta cantando...

Depois disso, é que lhe veio o primeiro raio de luz. Encontrou com uma mulher que a apreciou, como pianista e, para dar concertos e cantar, contractou-a para ir até Chautauqua, e, afinal, ella gostou mais disso. Havia, na sua vida, achava ella, alguma cousa que se transformava e que se fazia possivel...

Dorothy Mulligan, afinal, reanimava-se. E além disso, havia o ordenado de 40 dollars por semana. Regio, sem duvida.

Mas as semanas se succederam. Dorothy já se cansava de mais aquella vida. Achava aquillo insupportavel, mesmo!

E, ao cabo de mais alguns dias, recebia de sua mãe uma carta, pedindo-lhe para que voltasse. Resolveu-se ella. Porque, afinal, a sua instrucção ainda não estava concluida e, assim, ella deveria completal-a. Foi o que fez. Resolveu voltar, não para trabalhar. Para estudar mais um pouco e, ao ao lado dos seus, adquirir um pouco mais de animo. Que, apesar de tudo, já lhe vinha fracassando...

Chegou.

Foi para a escola. Ao cabo de dois mezes. De cabular aulas. De arrumar taxas nas cadeiras dos professores. De passar tinta nos bancos das collegas que não apreciava.

Era expulsa, a bem da paz collegial!...

— Que dias divertidos! Que colosso!

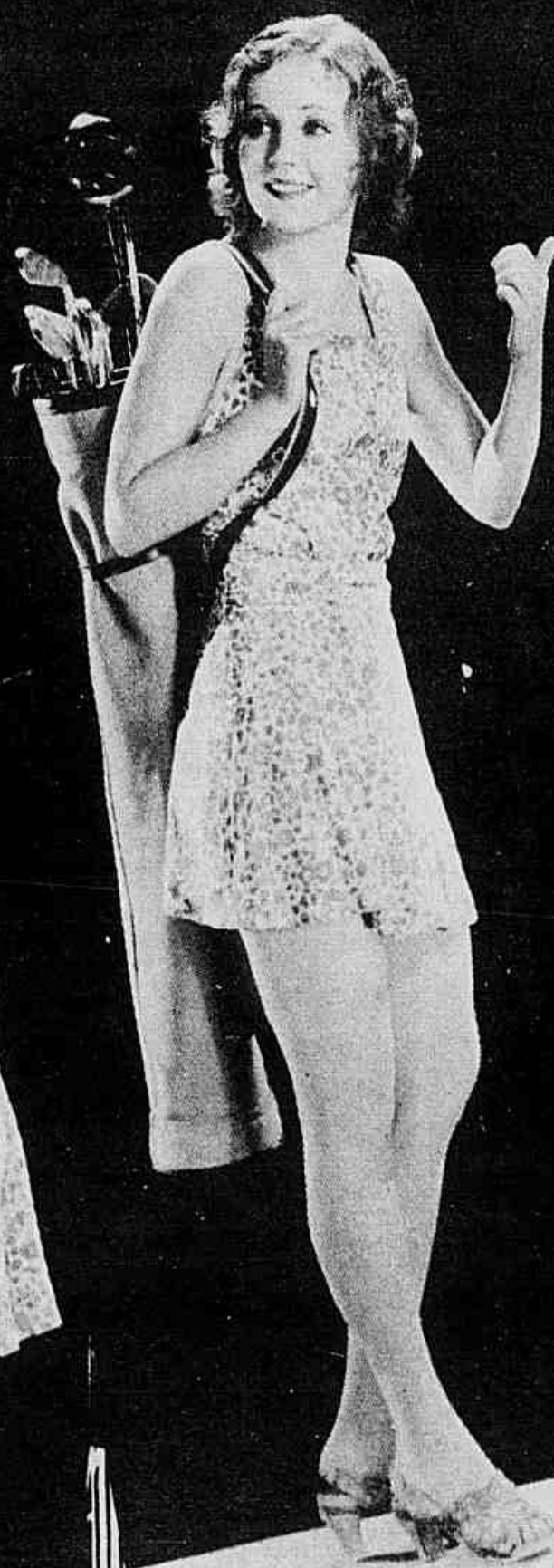
Foi apenas o que ella disse, á sua mãe que a olhava, apalermada, mesmo...

Foi ahi que ella se resolveu a ir a New York. Para a grande cidade. Afim de tentar vencer, em mais alguma cousa que não havia tentado. E que, afinal, poderia, mesmo, ser aquillo que apreciasse fazer. Escreveu uma carta a Gus Edwards. Offereceu-se. Disse-lhe, na carta, que ella o precisava conhecer. E, uma semana depois da carta, com 200 dollars emprestados, embarcava para New York. E, lá, para a casa de Gus Edwards... Sem o conhecer... e sem nunca o haver conhecido, antes..

Naturalmente tinha talento. Porque Gus, em pouco tempo, fel-a adiantada e pol-a entre as mais

(Termina no fim do numero)

Nancy Carrol

A IRLANDA TAMBEM TEM DAS SUAS...

ASSIM, TAMBEM GOSTO DE JOGAR GOLF

MARION SHILLING E L. S. MARINHO, REPRESENTANTE DE "CINEARTE" EM HOLYWOOD, COM O SEU NOVO BIGODINHO.

Quasi uma

(De L. S. Marinho, representante de CINEARTE em Hollywood)

Não sei como foi. Sei, apenas, que ella descobriu que havia uma pessoa do Brasil no Studio. E, logo depois, tratou de a procurar e de conversar, com ella, sobre o Brasil.

— Elenco: Ella, Marion Shilling.

A pessoa, Eu.

Local, Studio da Paramount.

Pura verdade! Se fosse criança, jurava por Deus. Mas não é preciso jurar. Porque, afinal, vocês vão ouvir um pouco desta bôa prosa que tive com ella. E, por ella, averiguarão a sorte de enthusiasta pelo nosso Brasil que ella é.

Já tive, em Hollywood, palestras e mais palestras. Com artistas differentes. Sobre o Brasil. Mas Marion. Tire o seu paletot. Deixe de cerimonias! O seu todo é sincero. Simples e despido de vaidades. Põe qualquer um á vontade, mesmo. Palavra, tenho tido experiencias com gente daqui. Com gente *séria,* mesmo. Mas, francamente, Marion poz-me peor do que Sharkey, depois da luta com Shlling...

Depois, ás primeiras palavras que disse, sahiram estes primores que vão ahi abaixo. O typo das

sem favor, vem de supplantar a todas que já tive... Tamanho interesse, com franqueza, acabou pondo-me peor do que o Ben Turpin... A sua vivacidade, poz-se olhando para a téla, ingenuo como Oliver Hardy, apanhado em flagrante... Afinal... Acabei já não sabendo, com franqueza, se estava fazendo entrevista. Ou se estava tratando de outro assumpto...

Acabei, com duas convicções. Admirei-a profundamente. E mais ainda tive saudades da minha Patria tão longe de mim...

Mas porque quiz ella conhecer a pessoa do Brasil?

Porque?

Ha uma razão. Agora mesmo vocês vão saber e matar a curiosidade...

Acabára ella de receber as suas primeiras cartas de "fan". E, cousa engraçada. Eram duas. Uma de São Paulo. Outra do Rio de Janeiro. Vindas dahi. Da minha Patria. Que, assim, era a primeira que já tinha gente se interessando pela sua figura bonita que em breve vae ser a seducção de muitos films.

Disse-me ella que já havia respondido. E que se admirava, com franqueza. De ver que, do Brasil, tão distante della. Chegavam-lhe, sem que houvesse ainda figurado em um só film. Cartas pedindo photographias e mostrando interesse pela sua pessoa... Justa a sua admiração, sem duvida. E, bem por isso. Disse-me ella que agradecesse. Nesta chronica. Mais uma vez, aos signatarios de ambas, a gentileza que haviam tido.

Eu fiquei maluco de satisfação!

Ahi, pessoal! Mostre á este daqui que ahi se lê e ahi se observa Cinema como talvez nem aqui, mesmo....

Marion Shilling é... Como deirei... Sim! Isso mesmo! Parece-se, extraordinariamente, com amor a primeira vista... Entra pelos olhos. Domina, logo. No entanto, não é vampiro. Mas não deixa, apesar disso, de ser um caso... sério...

Já dando a mão, para dizer bom dia. Ou *adeus.* E' o typo da pequena esteja a vontade.

MARION JA' AMOU ALGUM BRASILEIRO OU E' BRASILEIRA...

BRASILEIRA

palavras que botam um christão totalmente tonto. Porque, afinal, mostram duas cousas. Conhecimentos geographicos. Incompativeis com a ingenuidade dos nossos bons amigos yankees. E, ainda, um real interesse pela minha Patria. Tão desconhecida, aqui. E, assim, mais recordava, ainda, quando se encontra alguem que della falle e ella nos lembre, sempre...

— Não imagina, senhor Marinho. (Chamo attenção para o h não omittido!) Como aprecio o Rio de Janeiro. O Pão de Assucar. O Corcovado. A belleza operosa de São Paulo. Os sertões de Matto Grasso! O Amazonas, então...

Agora, francamente, desçam dahi e adhiram ao meu enthusiasmo! Caramba! E mil e mais mais mil expressões hespanholas... Para os que pensam que no Brasil tal se fala... Uma americana! Falando assim?!... E' demais! Eu enlouqueci, positivamente! Sahi dansando valsas pelas ruas... Matto Grosso, na bocca de uma americana?... Positivamente! Facto identico, palavra, jamais aconteceu commigo. Ouvindo-a falar. Espichei as pernas. Encolhi-as. Soltei-as, de novo. Tornei a encolhel-as. Trancei-as. Tanto e tanto. Que, afinal, quando me quiz erguer. Verifiquei que até havia dado um nó cégo com as mesmas, uma misturada á outra... Mas eu tamborillei sobre a mesa. Ri amarello. Accendi vinte e tantos cigarros, apenas para accender. Sem fumar... E fiz tanta, tanta cousa que, afinal, já não sabia, mesmo, o que mais fazer...

Porque?

Ora essa! Simplesmente porque eu falava com uma artista de Cinema. E, afinal, é concebivel uma artista de Cinema que, de facto, tantos e tantos conhecimentos tenha deste Paiz? Quando, na maioria, e no meio das mais illustres, mesmo, pensam ellas, afinal, que Paris é marca de ligas para homem e Londres o titulo bem escolhido de um máo cabaret...

Além disso... Bem, Madame Marinho, dê-me licença! Eu, francamente, não gosto de confessar estas cousas. Porque, afinal, ella (a minha esposa), sempre lê CINEARTE... Mas... Além disso, ella me olhava com olhares tão sentimentaes... Que, esqueci-me do mundo. Tive a impressão de estar ouvindo um daquelles films de John Stahl. Falado...

Disse-me ella, ainda, que já teve uma amiga que visitou longamente o Brasil. E que, naturalmente, tudo lhe contou a respeito. Já leu, além disso, diversos livros sobre o nosso Paiz. E, afinal, entrevistando-a, dei entrevista... Descrevi-lhe o que ella ainda não conhecia. Falei do nosso céo de mel. Das nossas paysagens de assucar. E de tudo que era doce... Influencias dos olhares melosos, talvez... E contei-lhe, entristecido, que já ouvira outro artista perguntar-me o quanto se pagava para comer o pão de assucar, ahi no Rio de Janeiro... Ella se riu. E, depois, continuamos em deliciosa prosinha.

Lembrei-me de CINEARTE. Que é uma revista de Cinema. Que não comporta considerações geographicas. Ou topographicas. Mas, num instante, ouvi-a dizer. Com sua voz... (Que peccado, ia dizer *sua voz argentina...)* Com sua voz Brasileira...

— Mr. Marinho! Vamos, deixemos os meus bons amiguinhos do Brasil para a nossa proxima conversa. Sabe que não tenho muito tempo

(Termina no fim do numero).

Amor de Satan

(MEXICALI ROSE) — COLUMBIA

BARBARA STANWICK . . . . Mexicali Rose
Sam Hardy . . . . "Happy" Manning
William Janney . . . . Bob Manning
Louis Natheaux . . . . Joe
Arthur Rankin . . . . Loco

Director: — ERLE C. KENTON

Abriu-se a porta do quarto de Rose. E Happy, seu marido. Trazendo Joe, o croupier do club. Entraram.

— Aqui o tens:

Rose afastou-se. Seu corpo apenas tinha, sobre elle, um ligeiro peignoir. E seu tornozello ainda trazia, reluzentes, os brilhantes de uma pulseira que Happy lhe trouxéra daquella recente viagem...

Manuela havia contado tudo a Happy. Porque tinha gratidão por aquelle homem Que tão bem tratava o seu pobre filho. O Loco.

Contára quando Joe e Rose haviam approveitado a sua ausencia. Narrou até idyllios. Que presenciára...

Joe estava gelado. Rose, apenas na espectativa. A acção de Happy. Não foi bruta e nem violenta. Foi simples...

— Deixei uma das gravatas delle ao lado do nosso leito. Tu a viste. Apanhaste-a e a foste esconder com medo... Depois, eu soube de tudo.

Joe sahiu. Happy nada fez para o deter.

Apenas ficou observando o Rose. Ella o enfrentou, com os olhos. Longamente. Depois, abaixou-os. Ia sahir. Happy a apanhou, pelo pulso e entrou pelo quarto de Joe.

— Joe.

Elle arrumava suas malas.

— Vaes partir?

Joe estremeceu. Sua voz falseou.

— Quero umas ferias ..

— Mas tu as tiveste, ainda ha pouco...

Joe curvou a cabeça. Happy approximou-se. Bateu lhe ao hombro.

— Vamos! Aqui tens o teu presente de Natal!

Era Rose o presente de Natal.

— Mas eu... E' que...

Nada podia dizer. Aquillo era demais!

Happy teve um sorriso.

— Eu te comprehendo... Tens razão, afinal! De que vale levar esta mulher? Para estragar teu futuro? Para te ser infiel e te martyrisa? Tens razão! Mas tu!... Voltou-se para Rose. Tinha o semblante congestionado. Mas apparentava calma.

— Tu vaes sahir daqui! E logo!!! O divorcio virá!

Arrancou do bolso um pacote de notas enrolladas. Atirou-as aos pés de Rose.

— Aqui tens com que te manteres alguns mezes. Vaes deixar o Mexico. Basta!

Rose não fez um movimento em direcção ao dinheiro. Fel-o em direcção á porta. Sahiu. Sem medo. Sem coragem. Meio cynica, apenas...

— Tu...

Olhou Joe. Este, humilhado, não o queria olhar. Era demais! Preferia, antes, que Happy o arrumasse ao chão. Que o maltratasse. Que o matasse, mesmo. Mas assim...

— Vae te deitar! Amanhã partes e, afinal, tens que ter uma noite bôa. Vae!

Mal se ouviu o seu ultimo passo, no corredor, a porta abriu-se, rapidamente.

Era Rose.

Apanhou o dinheiro, rapida e ia sahir. Joe deteve-a.

— Que vamos fazer?

— Sei lá! Vou sahir do Mexico. Nada me importa. Apenas uma cousa. Fazer este homem pagar. E, isto, garanto-o eu... Sahiu.

Joe ficou olhando a porta que se fechou...

Happy, depois da partida de Rose. E de Joe. Nada mais quiz saber que não fosse trabalho. A sua Mina de Ouro. Era tudo quanto lhe restava de sonhos. Mulheres? Não as queria mais ver. A's vezes, mesmo, quando entrava para um trago. Eram muitas as que lhe circundavam o pescoço num abraço que custaria poucos dollares, mesmo. Mas elle as repellia. Sem violencia. Sem asperaza. Apenas com o seu despreso por Rose estampado em tudo aquillo... Aquellas mulheres, mesmo, não passam de uma infinidade de Roses. Ali estavam. Naturalmente haviam trahido outros Happys... Happy! Que ironia no seu nome...

Restava-lhe apenas Bob. Seu irmão que cursava uma Academia, na California. Havia, entre ambos, mais do que amizade. Elle, queria Bob mais do que sua propria vida. Bob, á elle, mais como pae do que como irmão. Achava-o forte. Grande. Sempre protector e conselheiro. E, pelas visitas que Happy lhe fazia. Gastando, nas mesmas, grandes somnas.

Para o divertir. Não occultavam o quanto rendia aquella Mina de Ouro. Mas, pobre Bob, era muito criança. Não sabia comprehender que a Mina de Ouro era uma casa de jogo. E que seu irmão era o dono, afinal, de uma casa de jogo e de um cabaret...

Bob parecia amar uma de suas colleguinhas. De sorriso bom. E de olhar puro.

Na ultima visita que lhe fizéra. Happy deixara-lhe mais dinheiro. Para comprar um anel, talvez...

E foi apenas isso.

Depois, mezes passados, quando Bob mandou aquelle telegramma.

— Sigo passar lua de mel sua Mina de Ouro.

Happy sentiu-se dentro do seu nome, uma vez ao menos...

— Mina de Ouro?

Era a unica situação difficil. Porque, afinal, Happy não queria e nem podia dar uma desillusão assim a Bob. Precisava-se de uma Mina de Ouro. Isso é que era exacto...

Foi Ortez que salvou a situação. Era dono de uma das mais importantes minas da localidade. Pouco distante da cidade. E, assim, emquanto o casal ali estivesse, trocariam de posição. Happy passaria a ser o proprietario da Mina. E Ortez, por sua vez, o dono do cabaret e club de jogo...

Foi um achado. Assim se resolveu. Assim se fez.

Na sua ansia de agradar o irmão. Happy arranjou tudo. A banda, para a chegada. Publico. Pequenas com flores para atirar. Tudo, em summa.

O vapor desceu suas escadas. E, por ellas, começaram a descer os passageiros.

Happy tinha os olhos fixos no topo da escada. Aguar-...va Bob e sua esposa. Não viu que, perto delle, chegava um vulto feminino.

Olhou, depois.

— Rose?! O que fazes aqui? Não te disse que te fosses?

Ella o mediu. Riu, cynicamente.

— Sim. Mas não disseste mais nada. Apenas que me mantivesse fóra do Mexico...

— Não me dês escandalo. Cala-te!

— O que esperas? A nova pequena?

— Cala-te!

E já a ia agarrar. Quando viu Bob que,

(Termina no fim do numero)

MARIA ALBA
Cinearte
788·Sp.

NANCY
LEE
BLAINE

Cinearte

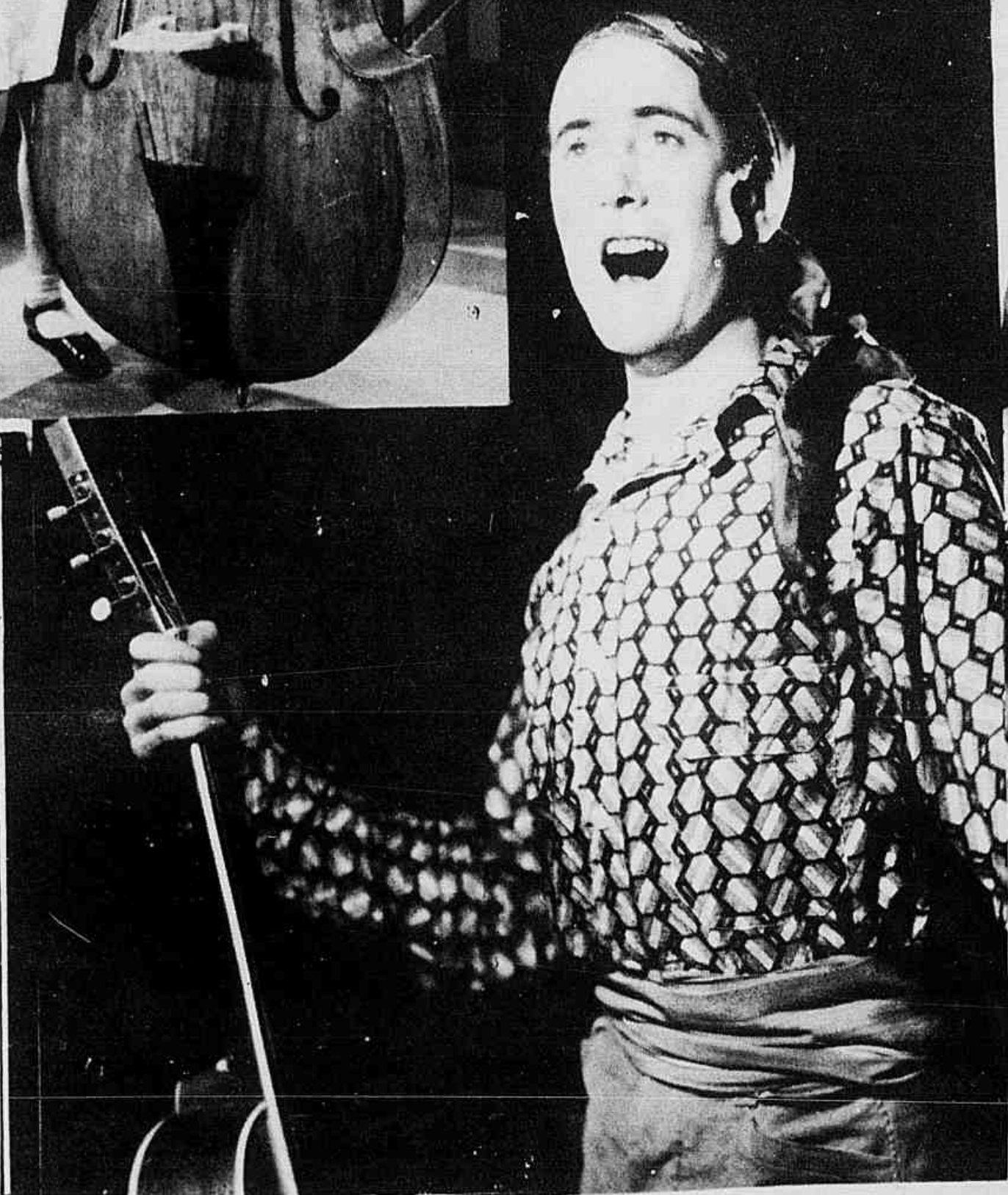
GRETA GARBO
M.G.M
CINEARTE

RAMON NOVARRO
Cinearte

Noite Sonora do Cinema Sonoroso...

NINO MARTINI

JEAN ARTHUR

MITZI GREEN

GARY COOPER

CLARA BOW

CHEVALIER

O CINEMA PASSOU A SER VICTROLA...

L. D. (Recife) — Vou ver se publicam. Mas porque não manda a sua photographia, independente disso? Olhe que talvez, bem, é melhor esperar que mande, não é? Não gosto de você? Que injustiça! Gosto muito. Tanto quanto dos meus outros amiguinhos. Tenha paciencia. Não demorará muito mais, não.

ARISTIDES (Rio) — Recebi e já respondi. Tem sido vista, sim. Não desanime que ainda conseguirá. Não precisa. Aquella, mesmo, serve. Tenha paciencia e enfrente tudo isso com animo forte. "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio de Janeiro, é o seu endereço. Tomei nota do seu telephone. Até á outra.

LUPE VELEZ (Rio) — Já, sim. Elle vae bem. Já lhe escrevi, pedindo. Não viu, ha dias? Diz elle que, é menos do que na téla. Mas, assim mesmo, bastante sympathico. Se é parecida com Greta Garbo, não quer mandar uma photographia e tentar o Cinema Brasileiro? Devolvo o seu grande beijo e o seu abraço apertado.

JOÃO BARROS (Maceió) — 1°. First National Studios, Burbank, California. 2°. R K O Studios, 780, Gower Street, Hollywood, California. 3°. Universal Studios, Universal City, California. 4°. Paramount Famous Lasky Studios, Hollywood, California.

MALONY (São Paulo) — Sim, Tacito de Souza, o "Pery", do ultimo "Guarany", figura em "Messalina".

LINDA (Ilhéos) — Mas... Decepção? Não impede, não. Continuaremos amigos apesar de tudo, não é? "O Preço de um Prazer", terá. Não é a versão de "King of Jazz", que, é brasileira. E' preciso comprehender isso direitinho. Os mestres de cerimonias é que são brasileiros. Olympio Guilherme e Lia Torá. O film, porém, continúa o mesmo. Elles não têm papeis. Fallam, apenas, apresentando os numeros que vêm. Vitaphone é patente da Warner Bros. A First, que pertence á Warner, tambem a usa. Movietone, é patente de Thomaz Case e é o processo exclusivo empregado pela Fox. Mas as demais fabricas applicam, indifferentemente, um e outro systema. Ha films, mesmo, que têm duas copias. Uma movietone e outra vitaphone. "Fome", de Olympio, agora está aqui. Provavelmente será lançada brevemente. Em São Paulo, já o foi. Lia, ainda não se sabe ao certo o que fará. Não sabe o que mandar?...

GARY (Joinville) — Occupado com Cinema, meu amigo, ainda nem tive tempo de decorar o nome das misses. Póde escrever aos brasileiros citados, para "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. Para os americanos, só enviando os que quer. De cinco em cinco, não se esqueça. Marinho, aos cuidados desta redacção. Gary Cooper, Paramount Famous Lasky Studios, Hollywood, California.

INAJA' DE ALMEIDA (Flores-Pernambuco) — Tratar-se-á de encaminhar o seu trabalho, logo que chegue, muito embora não seja assumpto de nossa alçada.

NOELY (Cruz Alta) — "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. Lia, 117, Hart Avenue, Ocean Park, Santa Monica, California.

C. B. OTTONY FILHO (Rio) — Não costumamos enviar photographias á quem quer que seja. Mas póde escrever-lhes para "Cinédia Studio", rua Abilio 26, Rio de Janeiro. As noticias e pormenores, temos dado, sempre e, além disso, os jornaes, mesmo, já os têm dado. Mas "Labios Sem Beijos" já está concluido. Você mora bem pertinho do Humberto Mauro, director do film.

RISONHA MARIONETE (?) — A injustiça que elle lhe fez, é a que todos fazem. Mas não dê importancia á isso. Isso mesmo, esperar é sorrir. Porque não me manda uma sua photographia? Se é como descreve... Vae logo para os grandes films! Acho, sim. Recebo com alegria, sim. Agradeço muito a sua grande attenção. Você tambem quer um quartinho aqui, quer?

FITTO (Recife) — O Gonzaga entregou-me sua carta. Interessantes os seus commentarios. Tem razão e o plano é esse mesmo.

A MODA ENTRE AS PEQUENAS SEM MODOS...

JOAN MARSH

JOAN CRAWFORD

PEROBINHA (São Paulo) — Não é perobinha, não. E' "bemvinda"... Era preciso que me mandasse os dados do concurso. Porque a photographia que enviou está trocada e tem queixo de um e rosto de outro.

RAMON RODRIGUES (Rio) — Recebi o endereço e a photographia. Muito bem. Agora é esperar algum tempo a opportunidade.

WILLY (Tubarão, Santa Catharina) — São interessantes os seus trabalhos. Mas não têm applicação na "Cinearte".

AUGUSTA TRENTO (Urussanga) — O Gonzaga entregou-me sua carta. E' necessario enviar photographias e endereço. E, depois, aguardar a opportunidade.

BARBADO QUENTE (Rio) — Tive impressão que estava recebendo um relatorio do serviço funerario... 1°. Castanhos. 2°. Deve ser menor do que você. 3°. 22 annos. Universal Studios, Universal City, California.

MORENA TRISTE (Poços de Caldas) — Recebi o ramalhete. Obrigado... E' Leroy Mason. Recentemente figurou em "O Desfecho". Não tem endereço certo. Tente Universal Studios, Universal City, Hollywood, California. Escreva quando quizer e não tenha medo de aborrecer, não.

DAMA NEGRA (?) — 1°. Pathé Studios, Culver City, California. 2°. Universal Studios, Universal City, California. 3°. Igual ao primeiro.

N. RINALDE ARENA (S. Paulo) — Annotei o seu endereço e a sua offerta. Sem duvida é interessante. Depende de occasião e é preciso esperal-a. Agradeço-lhe a photographia.

HENRIQUE DE NAVALHA (S. Paulo) — Não continúa, não. Lelita Rosa já deve estar em Paris. Você não acha que eu sou bomzinho?

CHUCA CHUCA (Santos) — Como vae? Bem? Eu não me esqueço de ninguem, Chuca Chuca! 1°. E', sim. 2°. Frederic March é americano. Quanto ao resto, eu precisava que me mandasse os dados desse tal concurso para que eu visse melhor do que se trata. 3°. Idem. 4°. "Little Shepherd of the Kingdom Come". "Do your Duty". "Heart Trouble".

POLLY MORAN-MARIE DRESSLER (Rio) — Nem sempre mandam. Os pedidos são muitos. "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. Devolvo o seu beijo estalado e synchronisado...

NANCY (Taubaté) — Só ha em inglez, que é esta: — Where the golden sun beams. And the lazy land dreams. All the happy years thru. You'll belong to me and I to you. Come with me where moon beams. Light Tahitian skies. And the star lit waters. Linger in your eyes. Native hills are calling. To them we belong. And we'll cheer each other whith the Pagan Love Song.

JIAF (Varginha) — Já temos dado innumeras. E' ter um pouco de paciencia e percorrer a collecção de "Cinearte".

DAVID ROLLINS (Maceió) — 1°. Muito bem, obrigado. 2°. Ausentaram-se. 3°. Irvin Willat. 4°. Já foi dada.

PAULO ENGRACIA DE FARIA (Ribeirão Preto) — Mande quando quizer. Lia, 117, Avenue, Ocean Park, Santa Monica, California.

CHARLES NORTON (São Paulo) — E' provavel que precise. Mas tente escrever, antes, a ver se obtem de graça. Tem 23 annos e é solteiro. Mas você arranjou um pseudonymo masculino?...

BENEDICTO HONORATO (Pinheiro) — Está augmentando, sim, mas isso não impede que receba bem os amigos como você. Tem razão nas suas considerações. "Labios Sem Beijos" já está terminado. Já temos assistido os "rushes" e elles têm estado simplesmente magnificos. "O Preço de um Prazer", para breve. O outro ainda não se sabe se será exhibido aqui. Nem em São Paulo ainda se exhibiu. Está pensando até muito bem! Olympio Guilherme continúa lá. Lia Torá talvez figure em alguns "talkies". Dei as recommendações. Até a outra, Honorato.

JOSE' MORAES (Campina Grande) — Não é não merecer. E' que o material photographico que elles possuem é pessimo. Photographias pequenas, horriveis. E os films, em geral, não agradam, esta é a verdade. O correspondente já existe, se bem que raramente elles recebam um jornalista no Studio com gentileza. Não dão valor, nem entendem de publicidade. Se você pudesse vir aqui á redacção, nós lhe mostrariamos tudo isso e mais alguma coisa. 2°. Não se fallou em nada disso. Apenas numa, surpresa e esta você a terá! "Dó Ré Mi Fá Sol" é uma secção nova... 3°. Não. São apparelhos de disco. Variam muito de preços. 4°. São muitos os endereços que pede. 5°. Ainda não se sabe. A entrevista que pede, já demos, quando em passeio. Agora não sei porque motivo. Que projectos? Ainda bem que você reclama tanta cousa mas não parece que lê "Cinearte" para perguntar pela estrella de "Prazer de um Beijo"...

NURIPÊ BITTENCOURT (Rio) — Averiguamos que o film em questão era americano, mesmo. Grato pela attenção dispensada. E, por fallar nisso, porque não arranja uma sua photographia para o nosso archivo? Já temos o seu endereço.

PRINCEZA VONIA (Rio) — "Do Your Duty, "Heart Trouble" e "Little Shepherd of Kingdom Come". Leila Hyams. A cunhada de Jack Blythe deve ser a prima do irmão da vizinha daquella loira que morou muitos annos ao lado do sobrinho de um extra que figurou ao lado de Lon Chaney quando elle tambem era extra... Desculpe-me, Princeza, mas esse concurso já tem dado bastante trabalho... Não se zangue. Mas, francamente, póde me informar quem é esse senhor Jack Blythe?

ARMIDA (Rio) — Se quer, porque não manda retratos? John, Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, California. Lelita Rosa foi para a Europa, sim. Mas volta. A outra deixou o Cinema, sim. Agradeço o beijo e retribuo.

PILOTO 13 (Jacarehy) — Boas as suas informações. Aquelles tangos não eram brasileiros, não.

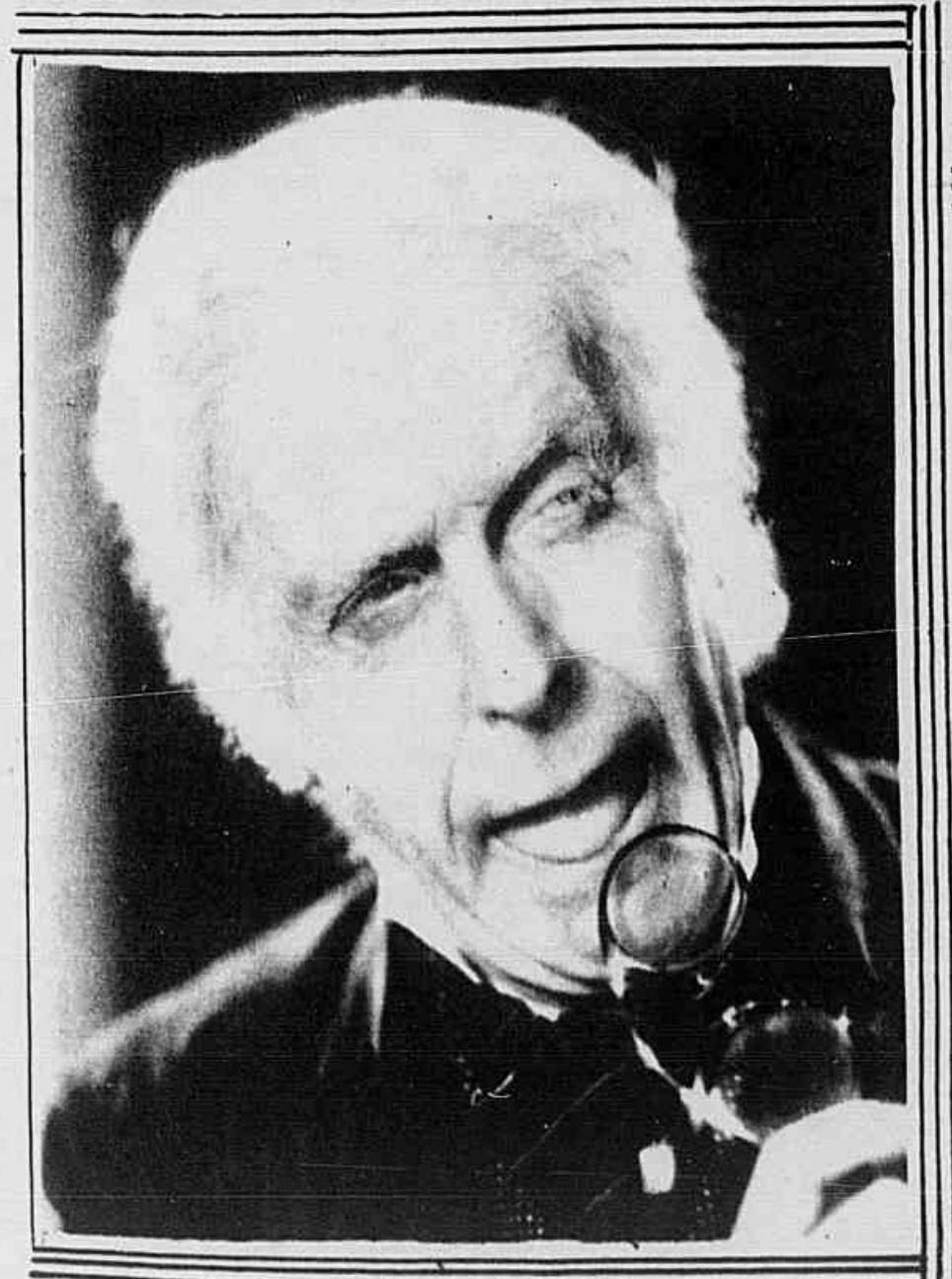
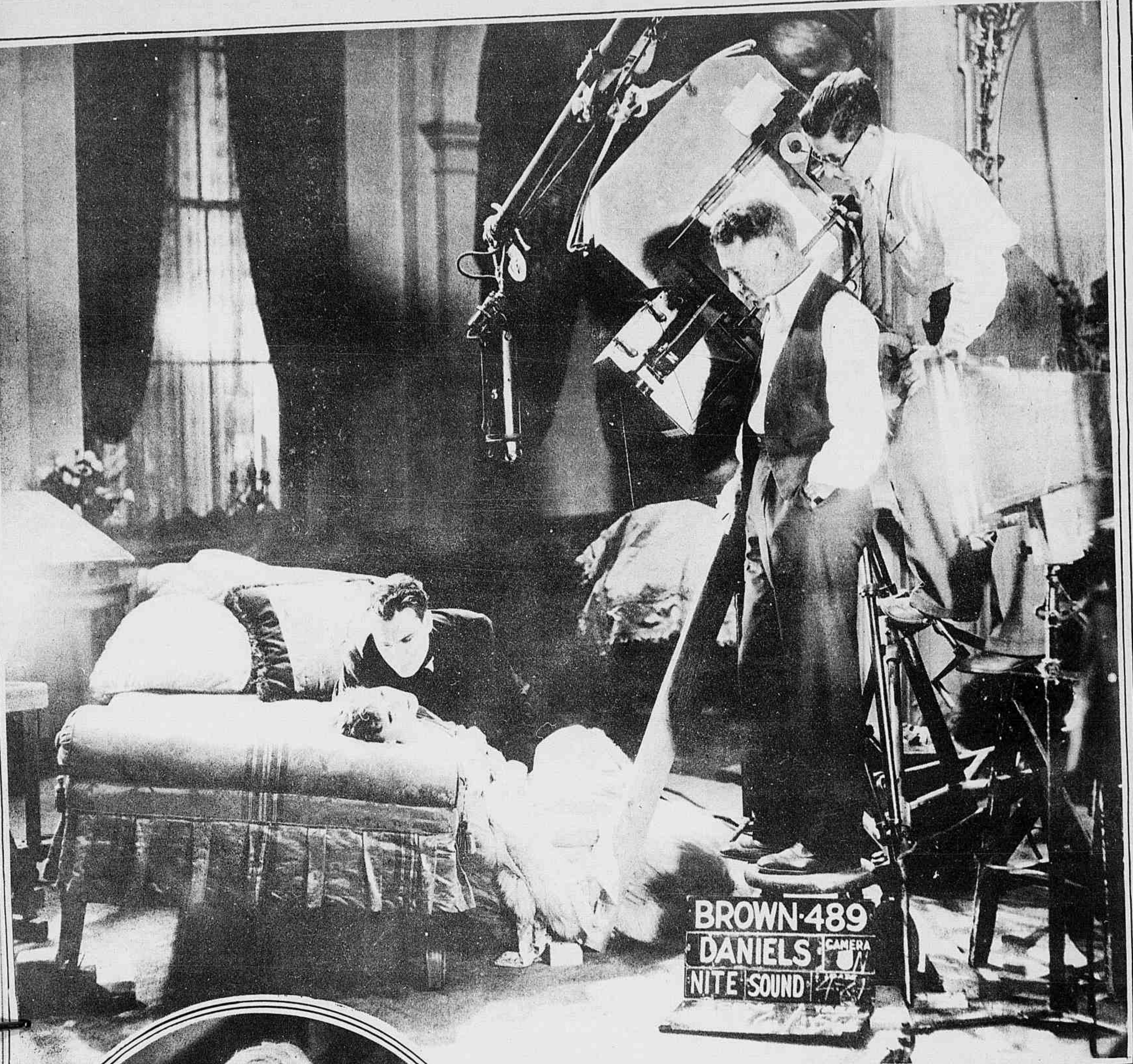
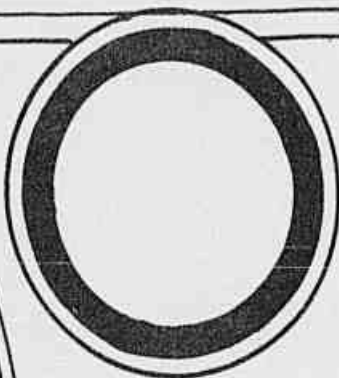
MARIO MORENO (Pelotas) — Interessantes os seus commentarios sobre "A Escrava Isaura". 1°. A' redacção. 2°. Talvez. 3°. E' provavel. 4°. Dois mezes. 5°. E' ahi é que eu digo que você é pouco perspicaz...

RAMONA (Rio) — Fez bem. Quando se sentir triste é só escrever. E' logico que sempre recebi com muito prazer tudo quanto escreve! Eu já sei, tambem, que esses dias bolem com as meninas como você... Xaropada, não. Tem razão: eterno thema. Gostei muito dos seus commentarios. Todos elles muito animadores. Gostaria muito que continuasse assim. Não é Ary Lima, não. Foi erro de impressão. Elle se chama Ary Rosa. Conheço, sim. E muito bem!

Nem queira saber! Não está aspirando nada de tão alto, não. Elle é um camaradão. Pois faça o pedido que terei muito prazer em attender. Volte sempre, Ramona.

OPERADOR

ERNESTO VILCHES NO CINEMA EM HESPANHOL NUM FILM QUE SE CHAMA "CASCARRABIAS!" E' O "GRUMPY", "NOIVA LEVIANA", QUE THEODORE ROBERTS JA' FEZ... E BEM MELHOR. NA CARACTERIZAÇÃO PELO MENOS...

BARRY NORTON E CARMEN GUERRERO. ELLA E RAMON PEREDA.

CLARENCE BROWN DIRIGINDO UMA SCENA DE "ROMANCE" COM GRETA GARBO E GAVIN GORDON

O Coração de

E' uma historia. Igual ás outras? Não. E' uma historia sobre Greta Garbo. E as historias sobre Greta Garbo, quem poderá negar?, não são sempre novas, ineditas?...

Uma historia da mulher que ninguem surprehende acompanhada, peals ruas. A heremita que jamais illumina a vida nocturna ou social de Hollywood. A mulher, ou, antes, a moça que todos querem conhecer. Mas que ninguem conhece...

Uma revelação que, sem duvida, nem á proprio Greta Garbo deixará de causar surpresa... Porque, é logico, ella não supporia, nunca, que alguem o descobrisse.

Após a leitura disto que se segue. E' provavel que lhe aconteça, leitor amigo, o que se aconteceu á nós. E ficarão, tambem, conhecendo um lado do seu caracter até agora desconhecido de todos. Pois, ao contrario do que todos pensam. Não é um coração de gelo ou uma reclusão de aço que a caracterisam. Não! Ella é bem differente do que todos pensam.

A historia começa com um rapaz. Nascido e criado lá para o sul. Ao lado das montanhas.

Até aos dezenove, jamais vira um film. As montanhas do Kentucky, seu lar, não permittiam que elle se desse á este prazer. O povo de lá, na sua maioria, é illetrado. Silensio. Mais dado a pobreza do que ao bom trato.

Depois, pelo Cinema, tudo, na vida, se descortinou para elle. Lugares do mundo, que lhe pareciam phantasias. O mar. Tudo, em summa! Pelo Cinema. Apenas. E, então, começou a comprehender, tambem, a belleza dos dramas da vida.

O Cinema, em pouco, creou, para elle, uma no-

Greta Garbo

va universidade. Plena de ensinamentos os mais perfeitos. E fazendo-o, pela vista, estudioso e illustrado.

Um dia, um annuncio de uma firma de Chicago, annunciava, em **letras grandes**, que estava contractando rapazes **e moças Pagando** bem. Para serem artistas de Cinema. **E elle**, de prompto, comprehendeu que muitos. Dos **hoje celebres**. Haviam sido desse quasi nada.

Foi ahi que Gavin Gordon deixou as montanhas do Sul. E, para Chicago, dirigiu-se para conseguir o lugar que julgava possivel para si. Chegou. No dia seguinte, muito sem geito, apresentou-se ao escriptorio da tal Companhia.

— Aqui estou. Li o annuncio. Sei que pagam bem os artistas. E, como quero, ser artista de Cinema, aqui estou.

Era tudo errado. Ninguem queria saber de artistas para pagar. Chicago é conhecida como cidade de "gangs" e bandidos. E, realmente, o tal annuncio. Nada mais era do que uma dessas ratoeiras que por ahi existem, em grande quantidade. Mesmo no Brasil... Uma escola de Cinema. Elles não queriam pagar ninguem. Queriam ser pagos.

Elle sahiu. A "gang" de Cinema não conseguiu comer os seus 9 dollares. Elle sahiu. Empregou-se. Como operario. E, assim, passou a ganhar a vida, honestamente, até que lhe chegasse a opportunidade com a qual sempre sonhára.

Passaram-se annos. Muitos outros entraram para o Cinema. Muitos outros fizeram successos. Mas Gavin continuava firme no seu proposito. Havia de conseguil-o, custasse o que custasse.

Assim que conseguiu ajuntar algum dinheiro, foi para New York.

Lá, pelo seu physico e pela sua bella apparencia, apanhou, logo uma pequena opportunidade. Arranjada pela agencia á qual se apresentou. Deram-lhe. E, assim, pelo palco, iniciou elle a carreira de artista que tanto sonhára inciar pelo Cinema.

Mas elle não quiz continuar muito pelos palcos. New York, afinal, não tinha mais attractivos para elle.

Porque?

O'ra... E' tão simples... Elle estivéra, um dia, num Cinema. Vira uma mulher...

As mulheres, afinal, na sua vida nada haviam significado. Nada elle sabia e nada queria saber sobre mulheres. Sempre estivéra muito occupado para gastar tempo, pensando nellas. As solidões em que sempre ficara. Mesmo nas grandes Cidades. Já o haviam acostumado a viver só. **As pequenas que elle admirava, eram aquellas que faziam o curso entre Boulevard Michigan e a Quinta Avenida. Eram as unicas que lhe davam uma pequena impressão de estar assistindo um film.**

Mas a mulher que elle vira. Que o fizéra incontinenti deixar o paclo. E'ra perfeita. As outras, ao lado della, eram quazi nada. Essa mulher, para elle, éra tudo de mais sublime que já conhecera, na vida. Chamava-se Greta Garbo...

Gavin Gordon embarcou para Hollywood. Sabia que ella se encontrava lá. Que, lá, fazia seus films. Que lá, fazia aquelles mesmos films que eram todo o encanto dos Cinemas que os exhibiam, pelo mundo todo.

O rapaz alto, sympathico, que desembarcou em Hollywood. Não era, afinal, nada parecido com aquelle rapagóte que desembarcara em Chicago, dias antes, para conseguir o lugar bem remmunerado daquella escola... Perfeito, para copiar o que via de bom, nos outros, em pouco tempo adquiria a attracção de John Gilbert. O desembaraço de Adolphe Menjou. A sympatia de Richard Barthelmess. Isto. Elle aprendeu em tres annos que andou rodando por Hollywood. Sempre a espera de sua estrella. Sempre a espera de Greta Garbo...

Para mantel-o, caso entrasse para o Cinema, havia a sua voz. Possante e bôa. E, ainda, o seu porte elegante e correcto.

Mas, Hollywood nada queria delle. Durante dois annos, passou de desengano para desengano. Fez, sem duvida, aquella mesma estrada de amargura que é a conquista da fama pela estrada de lagrimas...

Mas elle não derramava lagrimas. Não sabia o que era desespero. O seu maior e mais profundo desgosto, sem duvida, fôra nunca se ter siquer avistado com Greta Garbo. Ao cabo de pouco tempo de Hol-

(Termina no fim do numero).

Do Re Mi

LAWRENCE TIBBETT APPARECERA' EM "ROGUE'S SONG" QUE E' UMA ESPECIE DE "AMOR DE ZINGARO".

Nestes ultimos tempos, temos ouvido diversos films cantados. Fallados. Dansados. Synchronisados.

Alguns delles, verdadeiramente notaveis. Sob o ponto de vista musical. Adaptação harmoniosa, nos trechos "mudos". Canções mais ou menos audiveis. Tudo, em summa, simetricamente disposto. Mas, em compensação. Temos tambem ouvido e visto. Sob o ponto de vista musical e, principalmente, sob o ponto de vista Cinematographico. Diversos films mal musicados. Mal cantados. Pessimamente fallados. E inteiramente des-synchronisados...

Mas, pelo seu contraste. Chamou-nos a attenção, recentemente, o film "O Bem Amado", de Ramon Novarro. E, agora, ha dias, "A Marselheza", com John Boles.

Porque, ambos, cantando para enlevo dos "fans" que ambicionam mais do que ver e sentir pelos olhos. Com bôa musica, accompanhando. Demonstram um estylo totalmente differente. Totalmente opposto. E que, sem duvida, daqui merece um pequenino reparo.

Ramon Novarro tem voz menos volumosa e menos harmoniosa do que John Boles. Mas este, em compensação, não tem, como Ramon. Aquelle modo romantico de cantar. Vivendo, para a figura da heroina do film. Os versos que illustram a melodia. Ramon, quer cantando "Charming". Ou "Shepherd's Serenade", esteve estupendo. Porque imprimiu, á sua voz, toda a maviosidade necessaria. Todo o encanto preciso. E John Boles, ao contrario. Tomando conta do volume maleavel da sua voz. E approveitando-o, em toda sua extenção. Nada mais fez do que musicar os versos. Não os sentiu. Apenas por elles sentiu um effeito ligeirissimo. A sua Marselheza, cantada diante de Napoleão. Foi despida de vida. De fogo. De ardor. A sua canção, "For You", cantada com Laura La Plante nos braços, não teve o romance que teve a "Serenade" que Ramon cantou para os ouvidos de Dorothy Jordan. E a marcha militar que Boles canta, antes daquelle banquete. Tambem não teve o impeto daquella "Marcha da Velha Guarda", que Ramon canta para Napoleão. Tudo, porque? Apenas por isto. Porque Ramon, ao lado do seu espirito de grande artista. Reune um profundo gosto pela musica. E, assim, encontrando, agora, no Cinema, o meio seguro de a empregar ao lado das personagens que vive. Apaixona-se por ella. E, cantando-a, vive-a para si, ao em vez de a viver apenas para o microphone. E Boles, ao contrario, é menos artista. No emtanto, se se approveitasse cabalmente da magnifica voz que tem. Seria um dos maiores nomes do Cinema cantado. Porque, além de tudo, sua voz tem um timbre agradabilissimo. Com um "que" de Gigli.

Não somos dos que crêem que os americanos continuem, para sempre, no regimen dos fox-trotts. Dos blues. E demais melodias. E' impossivel, mesmo, que ponham melodias syncopadas até em historia romana...

E' de se crer, certamente, que se corrijam, e, finalmente, dentro da perfeição technica que caracterisa qualquer dos seus trabalhos, nos mandem verdadeiras obras Cinematographicas-musicaes. Que tanto vêm fazendo falta. Porque, afinal, se a musica americana se infiltra, no nosso publico, como já se infiltrou todo o espirito dos Estados Unidos. Atravez os films. Em breve não só teremos perdidas as nossas melodias caracteristicas. Como, ainda, morrerá, para sempre, todo bom gosto musical que o publico poderá ter. Porque, mesmo que uma pessôa não queira, é obrigada a ouvir. A accompanhar insensivelmente com o pé direito o rythmo. E a mecher com a cabeça, ao syncopado. E' fatal! Ainda que seja ella adepta de Tshakowski. E apaixonada de Rimsky Kowsakow...

Mas, com franqueza, temos uma convicção intima que ainda veremos films realmente musicaes. Realmente feitos dentro de uma musica que seja a rehabilitação do bom gosto. Actualmente tão menospresado. E' impossivel, mesmo. Que, dentro de um repertorio leve. Como sóem ser os films actuaes. Não se encontre ao menos um. Que, ao lado de melodias sãs, nos tragam sã historia.

Um film brasileiro, fallado e cantado. Não precisaria, é logico, ser repisado cada segundo por um maxixe. Não temos tantas canções? Tupinambá? Barroso Netto? Voigtler? E, além disso, se quizessemos musica mais classica, não a encontrariamos?

O que é preciso, porém, é que a musica seja mais presada. Este commentario, nos vem, apenas, pelo facto de havermos ouvido, ha dias, os discos "Victor", cantados por "Lawrence Tibbett". O esplendido barytono americano. Que, em "The Rogue's Song", brevemente a ser exhibido, estréa no Cinema. Tibbett, nos dois discos que ouvimos. Cantando 4 melodias. Revela-se o mesmo grande Tibbett que já ouvimos cantando operas esplendidas. As melodias que canta, em numero de 4, como já disse, são "White Dove". "Narrative". "The Rogue's Song" e "When I'm looking at You".

CHARLES ROGERS TAMBEM ESTA' CANTANDO PARA OS DISCOS. E JA' SE VESTE DE TENOR DE OPERA...

E, disto tudo que falei, terão a prova os "fans", quando assistirem o film. Tibbett, com a voz que tem. Dentro de um papel que adapte-se á sua personalidade tambem exhuberante. Agradará, por força. No emtanto, as melodias de Stothart e Grey, que canta. As tres, fóra "White Dove". São méros fox-trotts em tempo mais lento e alongados para caberem dentro da possante voz do barytono celebre. Mas fox-trots, apesar de tudo, baratos e sem attractivo. Já "White Dove", ao contrario. Sem ser uma cousa maluca. E' uma valsa de Lehar. Com todos os caracteristicos suaves do grande compositor austriaco. Melodiosa. Agradavel. Esplendida e suave, dentro do timbre masculo da voz do artista. Ao passo que as outras. A não ser "Narrative", que ainda tem um caracter mais serio. São méras canções populares postas para uma voz educadissima, como a de Tibbett, cantar. O disco "White Dove", é recommendavel a todas as collecções. Falta a Tibbett, apenas, dentro deste repertorio romantico, amaciar mais sua voz e tornal-a mais assetinada. E elle ainda canta, para os films, com aquella mesma inflexão violenta com que cantà o seu papel de Scarpia, na "Tosca".

Estes dois discos da Victor, são sello vermelho, de 18 cm. Não nos occorrem os numeros que por lapso omittimos.

Além desses, ouvimos os seguintes, tambem de themas de films. Desejariamos, no emtanto, que nos desculpassem os "fans". Porque, na verdade, não foram muitos os que as casas Paul J. Christoph e Bytington & Cia. receberam para nos enviar. Assim, aqui vão elles. Seguidos de commentarios sobre os que já se acham lançados nos Estados Unidos.

THE VAGABOND KING (O Rei Vagabundo), film que em breve veremos, ainda não nos deu o prazer de ouvir o proprio Dennis King e sua voz esplendida. No emtanto, para consolação dos "fans", a Columbia, sob nº. 5616, já nos offerece duas das suas melodias. "The Vagabond King", de Friml, executada por orchestra. "The Columbians", aliás. E, além desta, "Song of the Vagabonds", solo de piano, pelo proprio Rudolf Friml. Esta ultima melodia é bastante agradável.

NEW YORK NIGHTS — O film de Norma Talmadge que em breve veremos, já tem a sua melodia "A Year from To-day", gravada em disco Victor, nº. 22194. A melodia é de Al Jolson, seu compositor e é executada pela orchestra de Leo Reisman. O verso deste disco tem a canção "My sweeter than Sweet", do film "Queridinha", que já vimos ha dias.

RIO RITA — O film que veremos em breve, tem um disco. "Following the Sun **Around**", melodia de Mc Carthy & Tierney, executada pela orchestra de Jacques Renard, disco nº. 22182. O verso é a bonita valsa "If You're in Love you'll waltz", executada pela orchestra de Roger Wolfe, com refrão por Henry Burr. Um esplendido disco. Mais para dansar.

Dos films que proximamente veremos, já se annunciam os seguintes discos. Que, alguns já estão entre nós e, outros, para vir. Aqui vão elles, segundo lemos em revistas estrangeiras. Em breve nos alcançarão, com certeza.

THE KING OF JAZZ — Desse film estrellado por Paul Whiteman, existem as seguintes melodias.

Da Columbia, "Bench in the Park, Ragamuffin Romeo", pelo proprio Paul Whiteman e sua orchestra.

Da Victor, "It Happened in Monterey", "The Song of the Dawn". Cantados, ambos, pelo proprio tenor que o canta no film. John Boles. A primeira, é uma delicadissima valsa de Mabel Wayne. A feliz compositora de "Ramona" e "Chiquita". E é, mesmo, o melhor numero musical do film.

THE CAPTAIN OF THE GUARD (A Marselheza) — Já vista, aqui, tem, para chegar, as melodias "For You" e "You, You All Alone", cantadas pelo proprio artista do film, John Boles.

PARAMOUNT ON PARADE — Offerece-nos, da Columbia, "Any Time's the Time To Fall in Love", cantado por Charles Rogers, o artista desse sketch e que o canta igualmente

Fá Sol

bem no disco. A Victor, por sua vez, offerece-nos "Up on Top of a Rainbow", cantado por Maurice Chevalier, que o creou no film. Este numero, Charles Rogers tambem o canta para a Columbia e Maurice Chevalier, para a Victor, canta, ainda, a melodia "All I want is Just One" — Note-se, ainda, que estes são os primeiros discos que Charles canta. "Sweepin' the Clouds Awy" é outra melodia que occupa o verso de "All I want". Tambem é cantada por Chevalier.

MONTANA MOON, que apresentará Joan Crawford, tem as seguintes melodias já promptas e gravadas. "The Moon is Low", cantada por Cliff Edwards, para a Columbia. Cliff, aliás, é o artista comico do film. Esta mesma melodia, Frank Luther canta, para a Victor.

THE BIG POND, de Chevalier, tem promptas as seguintes melodias. **You Brought a New Kind of Love** e **Livin' in the Sunlight, Lovin' in the Moonlight**, numeros de mais successo. Estas, por emquanto, vem apenas na edição de Paul Whiteman, para a Columbia. Naturalmente Chevalier tambem as gravará para a Victor.

Victor Arden e Phil Ohman, apresentam, do film "The Cuckoos", as melodias **Dancing the Devil Away** e **I Love You so Much**. Que, com certeza, é um excellente numero.

GAY MADRID, o film de Ramon Novarro, já tem, por emquanto, gravadas, duas de suas canções. **Into mv Heart** e **Santiago**. Pela orchestra de Paul Specht, disco Columbia. **Into my Heart** é uma melodia formidavel.

SAFETY IN NUMBERS, que apresentará o muito querido Charles Rogers, tambem offerece, em discos Columbia, as melodias **I'd Like to be a Bee in Your Boudoir** e **My Future Just Passed**. Particularmente a primeira, Buddy Rogers a canta muito bem. São numeros esplendidos.

E assim, para os "fans" que gostam de saber quaes as melodias dos films que apreciaram que já existem em discos. Aqui está mais uma **Dó Ré Mi Fá Sol**. Para a proxima, com certeza, já poderemos annunciar a chegada de mais algumas novidades importantes.

Antes de mais nada, **Dó Ré Mi Fá Sol** tambem tem o prazer de contar aos "fans" de Cinema Brasileiro, que Tamar Moema, uma das artistas de **Labios sem Beijos**, da "Cinédia", tambem gravou alguns discos. Canções Brasileiras. Canções que trarão, por certo, o encanto da sua vozinha e um pouco dessa menina que é artista do Cinema Brasileiro.

Ouvil-os-emos, com certeza.

卐 A Metro Goldwyn, fará, para gaudio dos amantes da bôa musica, a reedição do film "Humoresque", que, ha annos, tanto successo alcançou. E, para seus principaes interpretes, terá o celebre violinista Jascha Heifetz, marido de Florence Vidor, um dos maiores artistas vivos, e, no mesmo papel, quando menino, o prodigioso menino violinista, Yehudi Mehulin, de 11 annos. Será, pois, isto, um successo de nomeada.

PAUL WHITEMAN EM "KING OF JAZZ"

A NOSSA TAMAR MOEMA TAMBEM ESTA' GRAVANDO DISCOS.

RAMON E DOROTHY JORDAN NUMA SCENA DE "GAY MADRID".

Jean Arthur acaba de assignar novo contracto com a Paramount, pelo qual sobe de cathegoria e torna-se mais importante... Uma cousa é certo: muito não lhe falta para ser esrtella...

卐

Kay Johnson acaba de ser contractada pela Paramount para ser a heroina de Gary Cooper, no seu film "Spoilers", que Edwin Carewe está dirigindo. Ella terá o papel de heroina e o de vampiro, a Cherry Malotte, tel-o-á Betty Compson, como já se annunciou e que fôra creação de Kathryn Williams, na primeira versão e de Anna Nilson, na segunda.

卐

Harry Cohn, presidente da Columbia, está considerando todos os jovens de Hollywood, presentemente, para o papel de David, em **David, o Caçula**. Um dos mais considerados, tem sido Lew Ayres, pelo soberbo desempenho que deu á principal figura do film **Al. Quit in the Western Front**. William Conselman, da United Artists, será productor associado deste film, assim que termine o seu contracto com aquella fabrica.

卐

O lar de King Vidor e Eleanor Boardman, acha-se esperando donna cegonha, novamente...

卐

A causa de divorcio, entre John Mac Cormick e Colleen Moore, foi vencida por Colleen...

E' bem provavel que Bebe Daniels seja cedida, pela R. K. O., á United Artists, para ser a primeira figura do primeiro film que Irving Berlin fará pelo seu novo contracto com a mesma fabrica. Chama-se elle **Reaching for the Moon**.

卐

A Triangle vae tentar uma edição falada de **Broken Blossoms**, com Richard Barthelmess, Lillian Gish e Donald Crisp, dirigidos por D. W. Griffith.

卐

A Warner Bros. convidou Victor Varconi, de novo em Hollywood, para substituir Frank Fay em **The Gay Caballero**.

卐

John Mc Carthy está dirigindo, para a **Oklahoma Cyclone**, da Trem Car, com Bob Steele, Rita Ray e Al St. Johns.

卐

Reaching for the Moon o film que Irving Berlin vae fazer para a United, reune, no seu elenco, Bebe Daniels, como a estrella Ginger Rogers, num dos importantes papeis do film. Ginger foi emprestada da Paramount.

卐

O proximo film de George Arliss, para a Warner, será uma comedia de Booth Tarkington, especialmente escripta para este fim

卐

Depois de **The New Moon**, da M. G. M., Lawrence Tibbett fará **The Count of Monte Christo**, para a mesma. Mais um Edmundo Dantés para o Cinema... Só que, desta vez, vem synchronisado...

卐

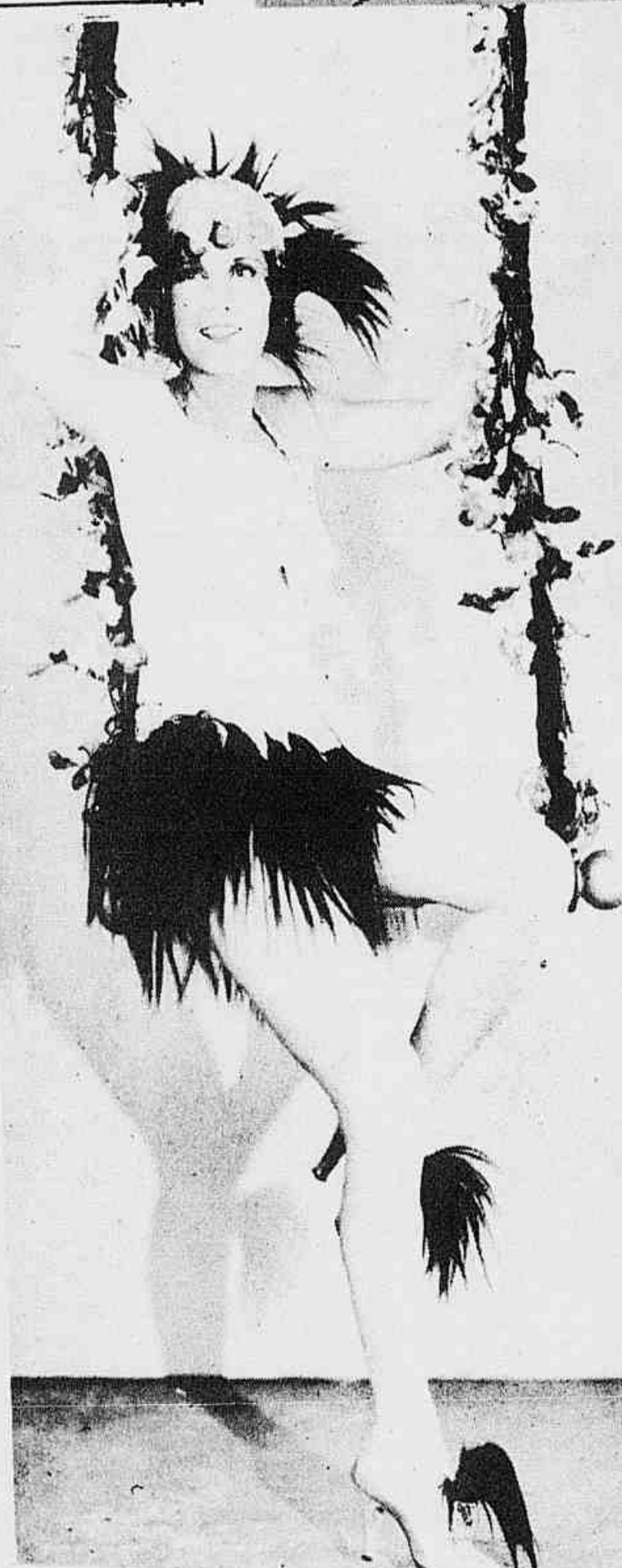
Rolling down to Rio, é o titulo do proximo film de George Bancroft, para a Paramount, com Rowland V. Lee na direcção. Mas... Que Rio é esse, hein?...

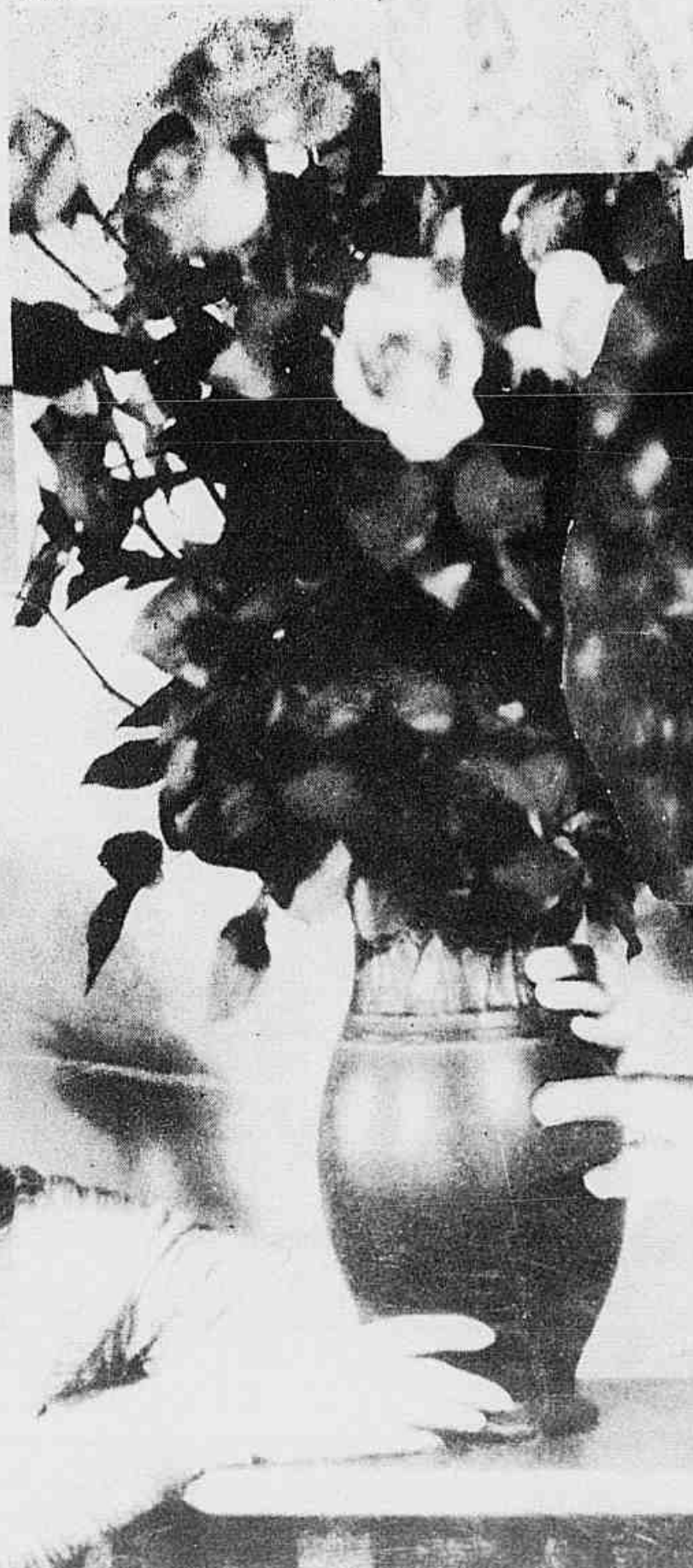
Evelyn Brent

Passa os films de Brancroft a fumar cigarros. Calma. Parece um film de Lubitch. E' por isso que nós todos gostamos do Cinema silencioso...

Evelyn, eu faria tudo "pra" você "gostá" de mim...

—o—

Não este balanço é exagero!

ELLA FAZ SEMPRE O PAPEL DE LADRA. E NA VERDADE, EVELYN NÃO ROUBA TODOS OS FILMS?

MESMO SEM O CHAPEU DE PLUMAS...

O "CINEARTE ALBUM" PARA 1931 SERA' O MELHOR DE TODOS!

Preço de um Capricho

Quando ainda era operario. Roller só pensava na alta sociedade. Queria trajar um smocking. Queria frequentar bailes. Queria dizer galanteios. Gostava de versos. E pensava que o perfume mais forte fosse o mais fino...

Depois, quando a fortuna lhe sorriu. E, de operario passou a millionario. Toda essa esperauça murchou. Completamente...

E' que só podia conquistar os sorrisos das "ladys" com o poder do seu dinheiro. E, apesar disso, muitas ainda lhe viravam o rosto... As que lhe davam attenções. Todas. Eram da especie que se vende a seis por um nickel...

Quando se sentou, aquella noite, na mesa daquelle Club. Para jantar. Tinha

ganho mais 5 mil dollares numa especulação de cambio. E, mais ansioso do que nunca. Corria os olhos pelos que ali se achavam. A ver os seus defeitos. E, tambem, para estar em contacto com. aquella gente que já aprendia a despresar mas cuja attracção não podia resistir.

Depois de muito cançar seus olhos. Inutilmente. Pousou-os sobre uma figurinha de mulher. Altiva. Com um "que" de nobre e e esplendido. Que mais seductora ainda a tornava. Ao seu lado, agitado. Walter Tabor, um seu ex-concurrente de negocios. Derrotara-o, ha annos, em um importante negocio. O qual quasi que o levou á ruina total. Mas, assim, vendo-o ali. Ao lado daquella finissima creatura. Não resistiu. Ergueu-se. E dirigiu-se á mesa.

— Hello, Walter!

Elle se voltou. Olharam-se. Walter, quasi com brutalidade, pediu-lhe que se sentasse. Roller ali ficou. Parecia, mesmo, não mais querer se levantar...

Walter resolveu-se. Não havia mesmo remedio...

— Anne... Este aqui é Roller Mc Cray, meu conhecido.

Apertaram-se as mãos. Roller quiz reter a mão della. A phrase final tiroulhe a vontade.

— Minha esposa, Roller...

Depois apresentou-lhe Mr. e Mrs. Willard.

Seguiu-se o jantar. Roller, encostou sua cadeira ao lado da de Anne. Walter parecia não ligar. Mais de uma vez Anne virou-se para elle. A supplicar, com os olhos, que a livrasse daquillo. Mas Walter, com imperceptivel signal, pediu-lhe que se mantivesse calma. E, as phrases se succediam. Despidas de poesia.

— Você é linda, Anne. Desculpeme tratal-a assim. Mas... que quer? E', não é? Depois, entre nós ha tanta igualdade...

Ella o olhou. Quasi com severidade.

— O mundo devia ser nosso, Anne... Você não quer que o mundo seja nosso.

Ella se enfureceu. Voltou-se para elle. Num tom apenas perceptivel á elle, disse-lhe, num impeto.

— Foi ousado. Depois, confiado. Agora, grosseiro. Basta!

— E'?...

Ella se ergueu. Com rapidez.

— Walter, já nos vamos!

Walter negaceou uma desculpa, para Roller. Passaralhe o máo humor, como por encanto...

Retiraram-se. A ultima phrase de Roller alcançou Anne.

— Não vá mudar de opinião amanhã, menina...

No dia seguinte. Com segurança e firmeza. Roller Mc Cray completou a ruina financeira de Walter Tabor.

Horas depois. Pallido, emocionado. Walter entrava pelo escriptorio delle a dentro.

— Estou arrasado, Roller! Dê-me uma opportunidade a mais. Peço-lha! Não para mim. Para minha familia. Para minha mulher..

Roller apenas sorriu. Calmamente contemplou aquelle individuo derrotado.

— Meu bom amigo... Sua esposa riu-se de mim a noite passada.

Riu-se e não acceitou a minha prosa... Agora, só lhe resta uma cousa. Procural-a e pedir-lhe que se ria de novo...

Walter arrancou de um revolver. Levou-o á testa. Um murro, rapido, atirou revolver para um lado e elle para o outro.

— Mata-te. Mas não aqui! Vamos, saia!

Sem dizer mais palavra, elle se retirou. Minutos depois, houve panico. Um, mais novidadeiro. Entrou pelo escriptorio de Roller e lhe deu a noticia.

— Sabes? Aquelle Walter?... Atirou-se da janella de um 10º. andar e se espatifou lá em baixo.

(Termina no fim do numero)

(WALL STREET) — COLUMBIA

RALPH INCE	"Roller" Mc Cray
ALLEEN PRINGLE	Anne Tabor
Phillip Strange	Walter Tabor
Sam de Grasse	Willard
Ernest Hilliard	Savage
Freddie Frederick	Richard Tabor
Jimmie Finlayson	Andy Cairns.

Director: — R. WILLIAM NEILL

Se Edmundo Lowe fosse

EDMUND LOWE ACHA QUE E' MELHOR SER DOMINADO. QUE ELLAS FAZEM O QUE QUEREM...

— Não! Nunca! Nem que fosse marido de 600 esposas! Eu nunca as dominaria e nem as governaria. Eu sempre quereria ser governado por ellas todas... E' muito melhor.

Desde o principio do mundo, foi negocio ser dominado pelas mulheres. Ella é sempre a que conforta e que ajuda. Isso, vem desde o principio do mundo. Veio, mesmo, antes de todo symbolo de civilização. Ser dominado pelas mulheres é mais facil do que conhecer geometria. E mais agradavel, tambem...

— Nos tempos da pedra lascada. Quando os homens regressavam, ás cavernas. Totalmente cansados. Vencidos pelas lutas com as féras. E encontravam, ainda por cima, em casa, uma esposa . . . Podiam, por acaso, reagir? Eram fatalmente dominados!

— Bravos!

— O que ha?

— E' que pensei que fosse ser original. E, afinal, venho encontrar mais um homem que me diz que o lugar da esposa é em casa. Isto, meu caro Eddie, se você não se zanga, é tão velho...

— Não! Não me zango. Mas... Você se enganou. Eu não te vou dizer nada que seja semelhante á isso. A civilização já modificou uma serie de cousas. A sua superficialidade, agora, é que encobre muita cousa que, antes, os verdadeiros instinctos deixavam claramente transparecer. A mulher, se cuida do marido, acho que o deve guiar. E' logico! Um homem que toma conta de sua esposa, só pode ser empresario, não acha?

— Antes de mais nada, digolhe que é necessario a naturalidade para conquistar a mulher. Sem ella, o jogo é impossivel. Porque, se ella não fôr utilisada, logo é descoberto todo jogo.

— Eu creio no amor. E, tambem no amor, a naturalidade é necessaria. O amor é um principe. Que tem tres escravos sempre seguindo-o. A Honestidade. O Egoismo e o Ciume. Sim, o Ciume, sim. Não ha amor que seja completo sem o ciume. Mas elle deve soffrer um controle grande. Não conheço, realmente, um só grande amor. Que não tivesse soffrido, tambem, a interferencia directa do ciume. O amor, sem elle, não é tão bom...

— A Honestidade, é a qualidade mais importante no amor. As mulheres conhecem os homens honestos no amor. E, por isso, é preciso continencia. Não se deve, nunca, mostrar todo jogo, abertamente...

— Nesse caso, Eddie, você não conduziria, por exemplo, no casamento, Dolores Del Rio da mesma maneira pela qual você conduziria Billie Dove?

— Sim! Como não? Mas eu faria isso expontaneamente. Sem aparentar estar representando. Quando eu amo, sei, perfeitamente, quando estou certo ou estou errado, nas minhas maneiras de agir.

— Está bem, Eddie. Agora, vamos ao que serve. Tome lá seis mulheres de Cinema. E faça-as suas esposas, por uns instantes...

— Bem. Nesse caso, vamos começar por...

— Dolores Del Rio?

— Isso! Dolores é exotica. E' uma senhora e ama a belleza. Aprecia, immensamente, ter objectos finos ao redor de si. Para melhor captival-a, eu tomaria desusado interesse por bons livros. Bôa musica. Melhores pinturas. Mas, além disso, Dolores tem um outro lado... Não convem esquecer, aqui, que estamos nos referindo á uma latina. E os latinos possuem um extraordinario fogo dentro das veias... Assim, é ella suceptivel a differentes mudanças impetuosas de modos de pensar. E, além disso, ha a considerar o temperamento, que, tambem, é o maior attractivo de todos encantos quantos tem. A unica maneira, pois, de a tirar de um desses rompantes. E' acaricial-a, brandamente, e esperar que socegue o seu impulso de genio. Mas isto, sem duvida, não deve ser confundido com governar. Se eu acho e já disse, claramente, que não ha mulher que se domine, por completo. Poderia ou siquer por um pequenino instante, pensar em dominar Dolores Del Rio?... Acaricial-a, tirando-a de dentro do seu impeto genioso. Não é dominar. E' an-

Só a belleza de Billie Dove nunca me daria o peccaminoso pensamento de a dominar...

tes, não levar a serio nenhuma de suas zangas. E, antes, leval-a a comprehender que, se continuar assim, terminará tudo em máos passos... Mas, é logico, eu nunca contaria os taes máos passos quaes seriam. Eu proprio os conheceria e comprehenderia... Assim, eu, propriamente, nunca os daria. Mas fal-a-ia crer que os estava dando... Isto, no emtanto, tambem não seria um jogo. Porque, é logico, eu estaria agindo dentro da honestidade dos meus principios. Viver com Dolores, não é pensar em ter vida calma e nem pacifica. E' a mesma cousa que comprar tempestade e tel-a em casa, sempre, aproveitando-lhe o ardor e aturando-lhe a violencia...

— Agora...

Pensou alguns segundos. Depois, resolveu-se.

— Billie Dove. Ella é tão linda. Que, francamente, só a sua belleza nunca me daria o peccaminoso pensamento de a dominar... Eu apenas ficaria extactico diante della... Ella é tão calma. Tão descançada. Tão socegada... Que, se eu chegasse em casa, um dia. Exhausto de serviço. E ella me dissesse. Mostrando-me a conta do joalheiro. Perfeitamente calma e linda, como sempre. "Meu bem. Não se espante com este augmento de imposto..." Eu acabaria é rindo e achando aquillo a cousa mais natural e interessante do mundo... Isto, estou tomando apenas sob o ponto de vista masculino. Assim, estou apenas considerando a sua maneira de me controllar e não calculando como eu a controllaria. Porque, afinal, o trabalho de uma mulher é manter o marido que Deus lhe dá... Eu sei uma cousa apenas sobre Billie. Sei que nada faria para perturbar aquella sua pose e aquelle seu encanto mystico. Trataria de tornar, para ella, a vida a mais feliz e a mais pacifica possivel. E, ainda, seria absolutamente sem egoismo e apenas cuidaria de a agradar. Mas se eu me casasse com Constance Bennett. A vida, para mim, não seria tão calma e feliz.

Fez uma pausa. A fumaça do seu cigarro. Subia até ao forro. Elle, olhando-a, pensava na sua companheira de um film, com certeza. E preparava-se, tambem com certeza, para dizer, della, o quanto achava necessario...

— Constance é uma das pequenas mais maliciaveis que tenho encontrado em vida. Mas, atraz de toda sua malicia. De todo seu sophisma. Ha apenas sinceridade. Apenas honestidade e modestia. Não ha homem que aprecie, numa mulher, apenas sophisma. Sem duvida elle admira a malicia. E sente-se arrebatado pelo sophisma. Quererá, talvez, mesmo, que sua esposa tenha um pouco dessa "qualidade"... Mas, apenas como uma pitadinha de pimenta, para melhorar um tempero... Eu faria o possivel para me pôr sob o sophisma de Constance. Eu quereria, com isso, mostrar ao mundo todo como ella é interessante e cheia de attractivos. Mas, quando a tivesse sózinha, dentro de meus braços. Eu apenas faria della a minha esposa. Quebrando, assim, todo esse véo de sophisma. Capa, apenas para os olhos curiosos de belleza que todo mundo tem... Fóra do mundo e suas apparencias é que eu iria colher dados para estudar a verdadeira Constance Bennett... Seria, assim, esse, um jogo de apparencias, apenas. Jogado pelo amor. Jogando com sciencia e realmente apaixonado por ella, eu levaria o nosso casamento á suprema felidade. Haveria a malicia. Haveria tambem o sophisma. Mas não para mim. Apenas para o mundo e para as apparencias... Colleen Moore, já, é differente.

(Termina no fim do numero)

O Barba Azul

Constance Bennett é maliciosa. Usa sophismas...

Mas, Lillian Tashman é a unica esposa de Edmund. Della, elle nada diz...

Viver com Dolores é comprar uma tempestade. Ella gosta de bons livros e lindas pinturas, mas, é do carinho...

Com Colleen Moore eu tinha que me tornar uma creança e arranjar novos modos de beijar...

Hoje, todos sabem como é que isso começa.

Toda a "turma" estava presente. Jogava-se um pokersinho, uns por prazer, outros por camaradagem, e algum por distracção. A noite estava chuvosa, e os pensamentos dansavam nos cerebros, passando de um assumpto para outro, indo e vindo, mas detendo-se pouco nesse pokersinho que tanta gente toma a serio. Falava-se a respeito de tudo, e a conversação discorria sobre aquella gamma de nullidades quando as attenções se firmaram sobre o Ramão Planella

Como sempre acontecia, o Ramão tinha chamado as attenções sobre si mesmo, ao mencionar o Cinema de Amadores. Ramão era um "fan" ardente, e tinha progredido ultimamente, passando da photographia, em "its" para a Cinematographia, e afinal procurando a filmagem e côres, com o auxilio de um filtro Kodacolor que elle havia adquirido para a sua Cine-Kodak, já que a sua Pathé não passava jamais daquella emulsão de um tom negro bem monotono. Elle havia conhecido toda a nossa "turma" por meu intermedio, e agora que todos se interessavam pela "mania" do Ramão, procuravam discutir os seus pontos de vista. Agora o nosso amigo Ignacio Rizzi, e o Euler Almeida, que tinha vindo de Ilhéus com o proposito de adquirir material para a sua sociedade de amadores, poucos deixavam de fallar sobre a mania do Ramão, tomando-a porém como uma mania, mais do que outra coisa. E foi por isso que o Jorge Julien, propositalmente fez notar:

— A mim me parece que o que tu chamas o Cinema de Amadores é mais um passatempo do que um estudo.

O Ramão franziu os sobrolhos, mas continuou calmo, embora a coisa me parecesse que ia acabar em barulho.

— Mas Ramão, voce acredita que qualquer pessoa tambem possa fazer uma fita *com enredo?* indagou o Luiz Serack.

— E além disso, Ramão, argumentou o Barros, os films custam rios de dinheiro. Eu, por exemplo, soube que a Cinédia andou gastando muito dinheiro para terminar os seus "Labios sem Beijos" dentro de uma semana.

Puxei a carteira de cigarros e tomei de um daquelles que todos nós preferiamos. Accendi um phosphoro. E ia puxar a primeira fumaça, quando notei que o Jorge ainda debatia sobre o mesmo assumpto, insistindo em considerar o Cinema de Amadores como um passatempo.

Por fim o Ramão entrou na arena. E, dirigindo-se a todos nós, expoz suas idéas:

— Escutem vocês, amigos sabios, e especialmente tu, illustre Jorge. Eu não tenho a pretenção de dizer que conheça muito a respeito no nosso Cinema. Conheço tanto quanto vocês, porque cada um de nós usa da sua camarasinha. Apenas as minhas idéas são diversas, e só são diversas porque *eu tenho a certeza* de que muita gente, por ahi afóra, tem feito films apresentaveis, films de amadores, films com enredo, e dispondo de menos material do que nós dispomos! E tu, Jorge, si és verdadeiramente um "fan" e um brasileiro, proponho-te isto: vamos fazer um film. Todos que estão aqui concordarão comnosco, e concorrerão mesmo com o material que fôr preciso. E si eu não puder realizar um film que te convença, e mais a tres outros criticos que tu escolheres, dar-te-hei uma tão formidavel *feijoada*, que não precisarás nem de jantar. Mas si o film te convencer, ou aos teus criticos, então, Jorge, entrarás com os feijões.

A proposta estallou como a mais inesperada das surpresas. Eu tinha ouvido aquelle discurso todo do Ramão com o cigarro entre os labios e o phosphoro entre os dedos. Com

Como um amador conseguiu igualar os angulos de Fritz Lang.

uma expressão de surpresa, e ao mesmo tempo encantado com o que aquella proposta nos promettia, atirei o phosphoro no cinzeiro e começei a "fumar" aquelle cigarro que nem tinha chegado a accender...

O negocio estava feito!

— E prestem attenção, continuau o Ramão. Si ha uma coisa, que põe toda e qualquer producção de amadores por agua abaixo, é essa idéa, que muita gente possue, de que as estrellas do film é que são o principal. Eu não quero que vocês concordem commigo, mas quero que fique bem comprehendido que vo-

Cinema de AMADORES

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

"A Biographia de um Club"
(Phantasia)

cês todos vão ter um director; e que a palavra desse director será lei! A mim, pouco me importa quem vocês escolham para director. Mas o que eu exijo é que todos sigam a sua palavra ao pé da letra.

— Proponho o Romão, disse o Barros, para director do nosso film!

— E eu proponho que o thesoureiro, si acaso precisarmos de um thesoureiro, vá annotando toda a escriptura da associação. Além disso, proponho que se lhe dê o titulo de Cia. Cine- Amadorismo do Brasil, promovendo-se o Romão a director e presidente do conselho de administração, suggeriu o Ribeiro de Moraes, cujo conhecimento do Codigo Civil parecia um portento.

As duas propostas foram acceitas por unanimidade. E então o "fan", que havia sido eleito como director e chefe do nosso grupo, tomou a palavra:

— Antes de tudo, preciso explicar que não "dou" para discursos floreados, como vocês quizeram suppôr. O meu modo de dizer tem que ser Brasileiro e bem Brasileiro. Por isso, vocês têm que ouvir o que lhes vou ensinar, de um modo bem e todo popular. Escutem o que tenho a dizer. Eu posso commetter varios erros, tanto na distribuição do elenco, como na direcção ou na photographia, mas esses erros serão meus, e o unico culpado delles serei eu e mais ninguem. Em troca, porém, eu darei a vocês, posso affirmar com toda a certeza, um mez de convivencia em estudos praticos de Cinema como vocês nunca puderam ter sózinhos, lá nos Estados d'onde vieram! Que tal?

— Maravilhoso, disse eu. Estou de pleno accordo. Tu, Ramão, entras com o megaphone directorial. Tu, Almeida, entras com a camara novinha em folha que acabas de adquirir. E eu desde já affirmo aqui a todos que amanhã mesmo "contractarei" as minhas primas para os papeis femininos. Precisamos determinar as nossas despezas com a producção do film. E precisamos, por isso, distribuir o total dessas despezas, aqui por entre nós mesmos, que já somos os "accionistas" da companhia. Não estás de accordo, Ramão?

— De certo, Sergio. E além disso, eis aqui a minha proposta: Cada um de nós entrará com um rôlo de film virgem penchromatico Kodak, de 50 pés de comprimento, isto é, de 15 1|2 metros. Esses rôlos de 50 pés, que a Kodak Brasileira anda vendendo agora, póde sahir a cada um de nós, incluindo-se a revelação, por uns 30 a 40 mil reis. Ficaremos portanto com 600 pés de film, já que somos 12; 600 pés, agora os titulos, o que levará uns 40 minutos de projecção! Fica entendido que não iremos cortar scenas assim atôa; nem iremos gastar o nosso film sem muito criterio. Mas si os 600 pés não derem para a encommenda, estou certo de que, com mais 100 pés, acabaremos a producção. Esses outros 100 pés serão pagos proporcionalmente por todos nós. Cada um entrará com um—doze avos do seu custo. Mas escutem bem isto: póde bem acontecer que um de vocês tenha que entrar com os 50 pés de film, porém não appareça no film, nem mesmo como figurante; e isso porque o director o tenha encarregado de tomar conta dos reflectores. Mas as coisas terão que ser assim mesmo. Ou todos ficam de accordo de antemão, ou então não se faz nada.

Que é que você diz Jorge?

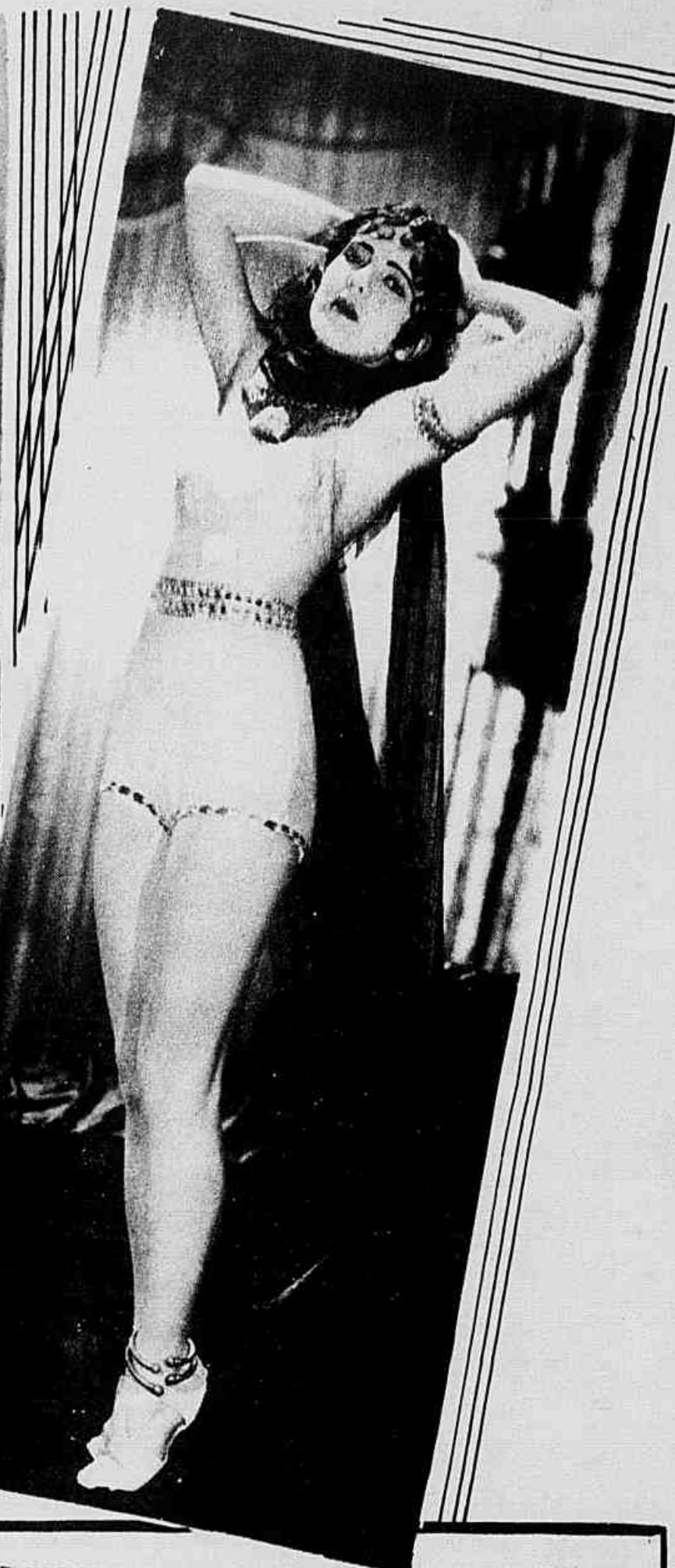
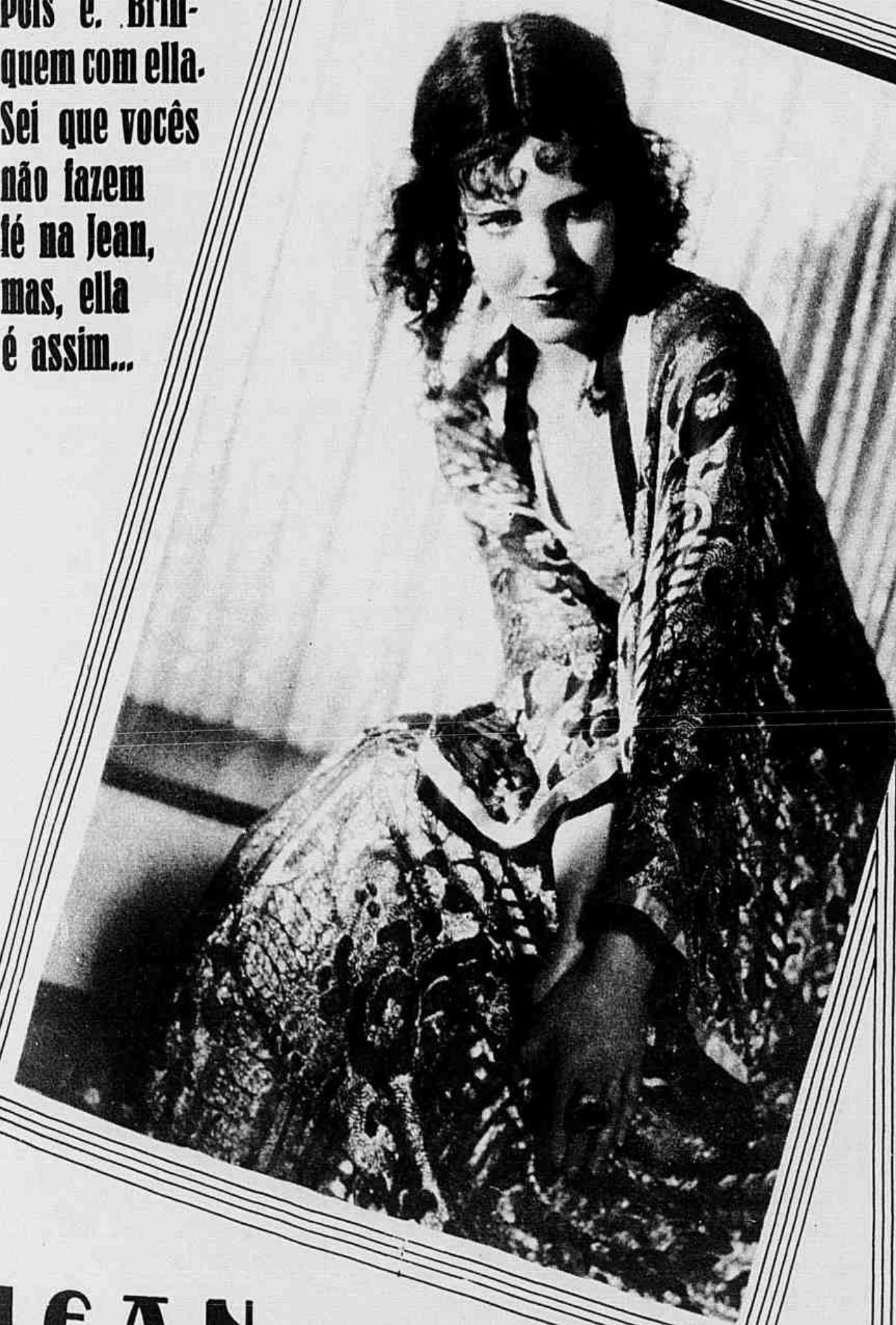
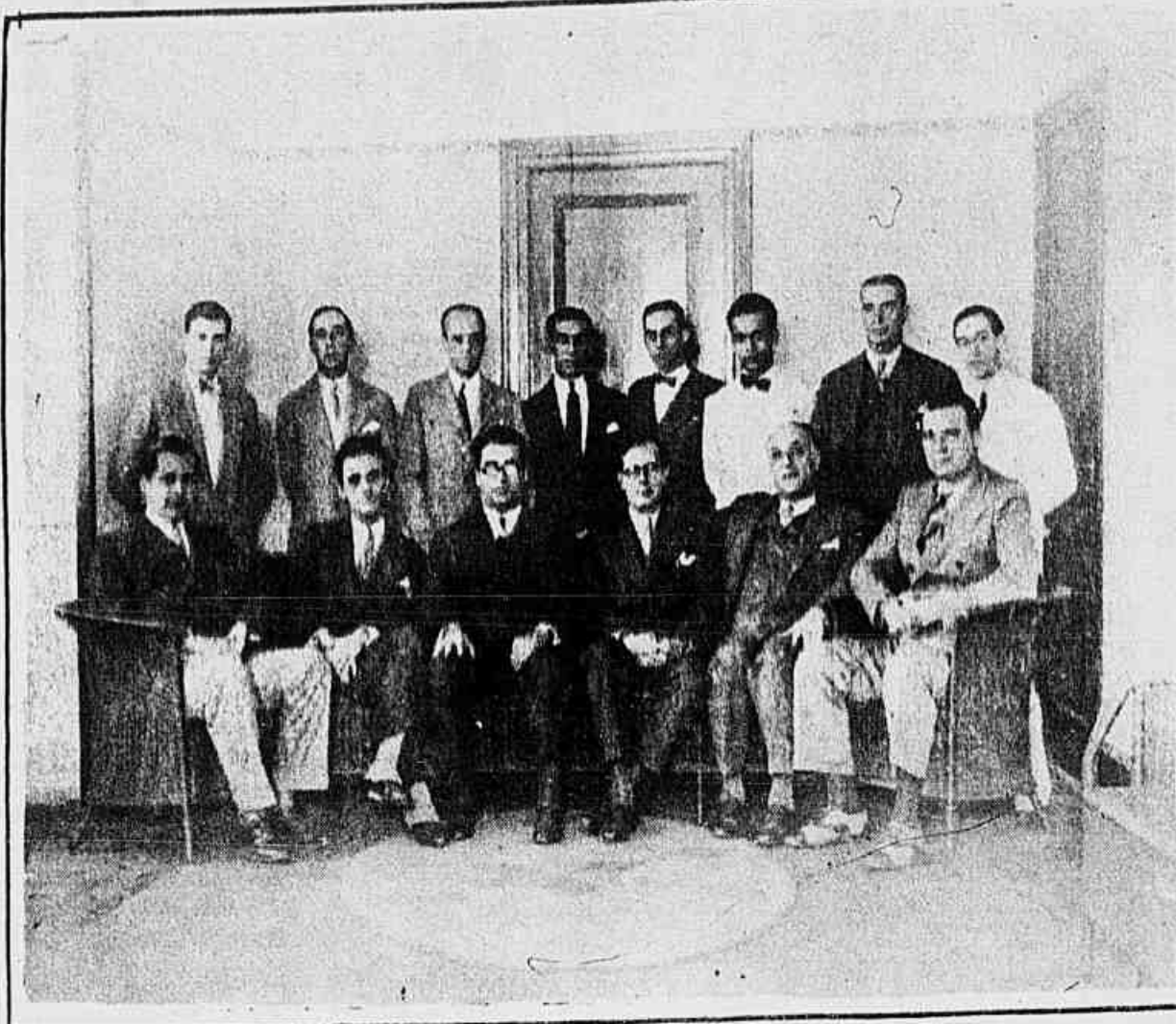
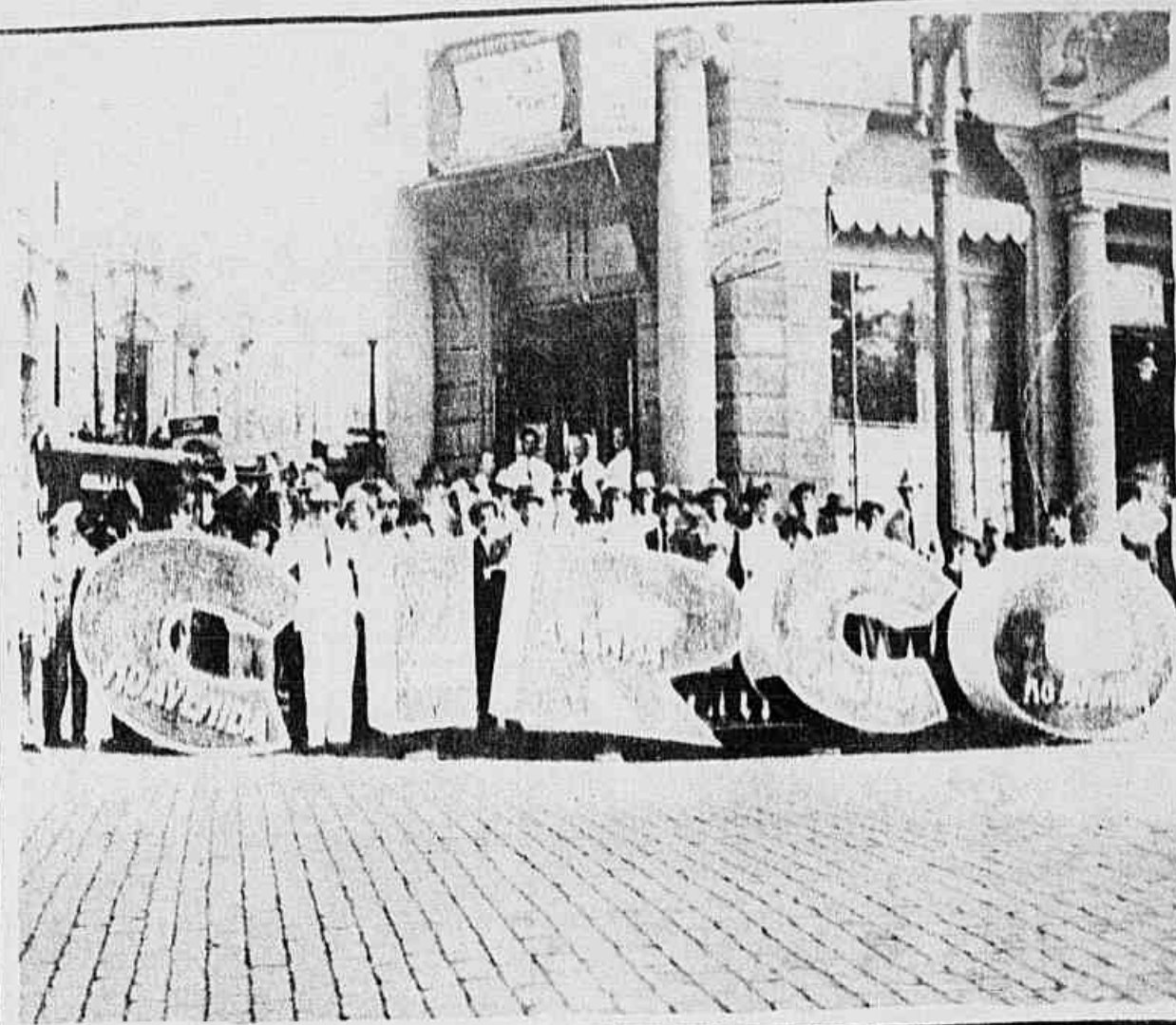
— Perfeitamente de accordo. Aliás podes vêr que todos concordam.

— Muito bem. Então este ponto está assente. Agora, quanto ao scenario...

— Isso se arranja na hora, disse um dos da "turma".

— Não! Pensas que é assim? tornou o Ramão. Pergunta ao proprio Jorge. A historia precisa ser bem imaginada. E além disso. não pode ser nem muito longa, nem muito complicada. A producção tem que ser curta, suave; e quando ella estiver prompta, poderemos então iniciar algo de mais importancia. E aqui temos a continuidade, para ser iniciada.

— A continuidade representa, na filmagem da nossa historia, o que a colla representará na projecção das scenas, fiz eu. Ella irá ligar os "rushes", uns com os outros, de um modo seguro, perfeito, e inegualavel!

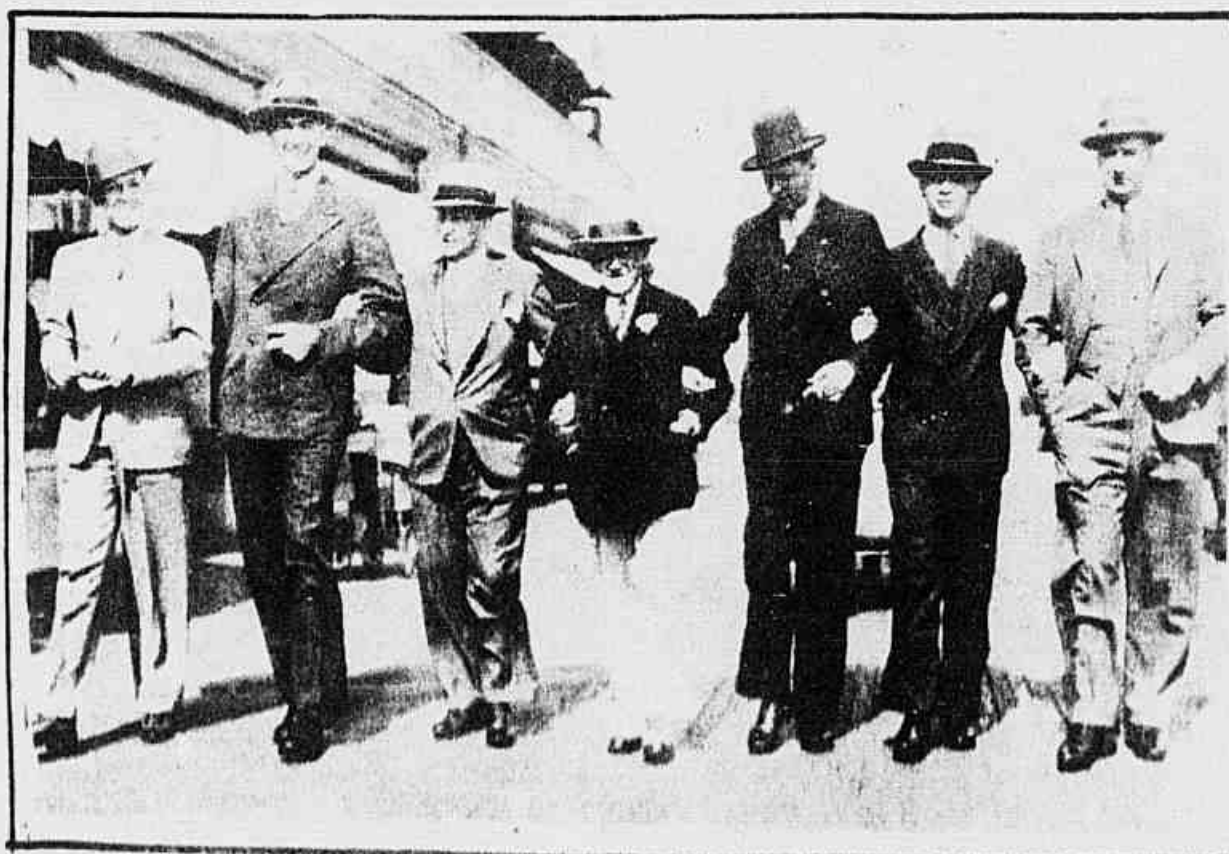
Neste ponto, o Ramão expoz os seus planos. Elle tinha imaginado um scenario bem simples contendo apenas um interior. Todas as outras scenas eram exteriores. A historia referia-se á difficuldade da vida, e aos revezes soffridos por um pobre coitado que era obrigado a dormir nos bancos dos nossos jardins.

Estão vendo? Pois é. Brinquem com ella. Sei que vocês não fazem fé na Jean, mas, ella é assim...

JEAN ARTHUR

No dia do almoço offerecido a J. Barros, da empresa de apparelhos de projecção nacionaes "Anephon", que seguiu para os Estados Unidos.

Reclame do Cinema Avenida da empresa Atilio Tedesco de Porto Alegre

Cinemas e Cinematographistas

O Cinema Alpha, em Madureira, inaugurou, com *Hollywood Revue*, os seus apparelhos sonoros. O apparelho é de marca *Cinephon* e são proprietarios dessa mesma casa de diversões, os srs. Pereira e Morena.

Rio Rita, que se estreou em São Paulo, ha dias, tendo, mesmo, nos primeiros dias, sido exhibido em secções especiaes, a 10$000 a cadeira, será em breve exhibido entre nós. E' um trabalho da Radio, distribuido pelo Programma Matarazzo.

Em viagem de recreio, seguiu, dia 8 do corrente, para a Europa, Leo Beran, representante da Universal Pictures no Brasil. A sua sequencia durará 3 mezes.

Em New York, no escriptorio da Paramount sentados: Ventura Sureda, traductor hespanhol, Mary Spaulding, representante de "Carteles", magazine cubano. Gertrude de Wilthake, traductora allemã. Charles Gartner, subgerente da publicidade estrangeira. Em pé: José Betancourt, traductor hespanhol e Arthur Coelho e J. Cunha, brasileiros traductores portuguezes.

Durante a Convenção Internacional da Universal em New York: Carl Laemmle, no centro, tendo á direita N. L. Manheim, director do Departamento Estrangeiro; Hero Mc Intyre, representante na Australia, e Jerry Horwin, secretario de Carl Laemmle Junior. A' esquerda, Al Szekler, ex-representanto da UNIVERSAL no Brasil, hoje Representante Geral no Continente Europeu; Monroe Isen, representante geral na America Latina; e S. F. Ditcham, Gerente de Vendas na Inglaterra.

Aspecto da Agencia da Universal em Campos, cuja gerencia está ao cargo de José C. Filho.

JEAN ARTHUR

KAY FRANCIS

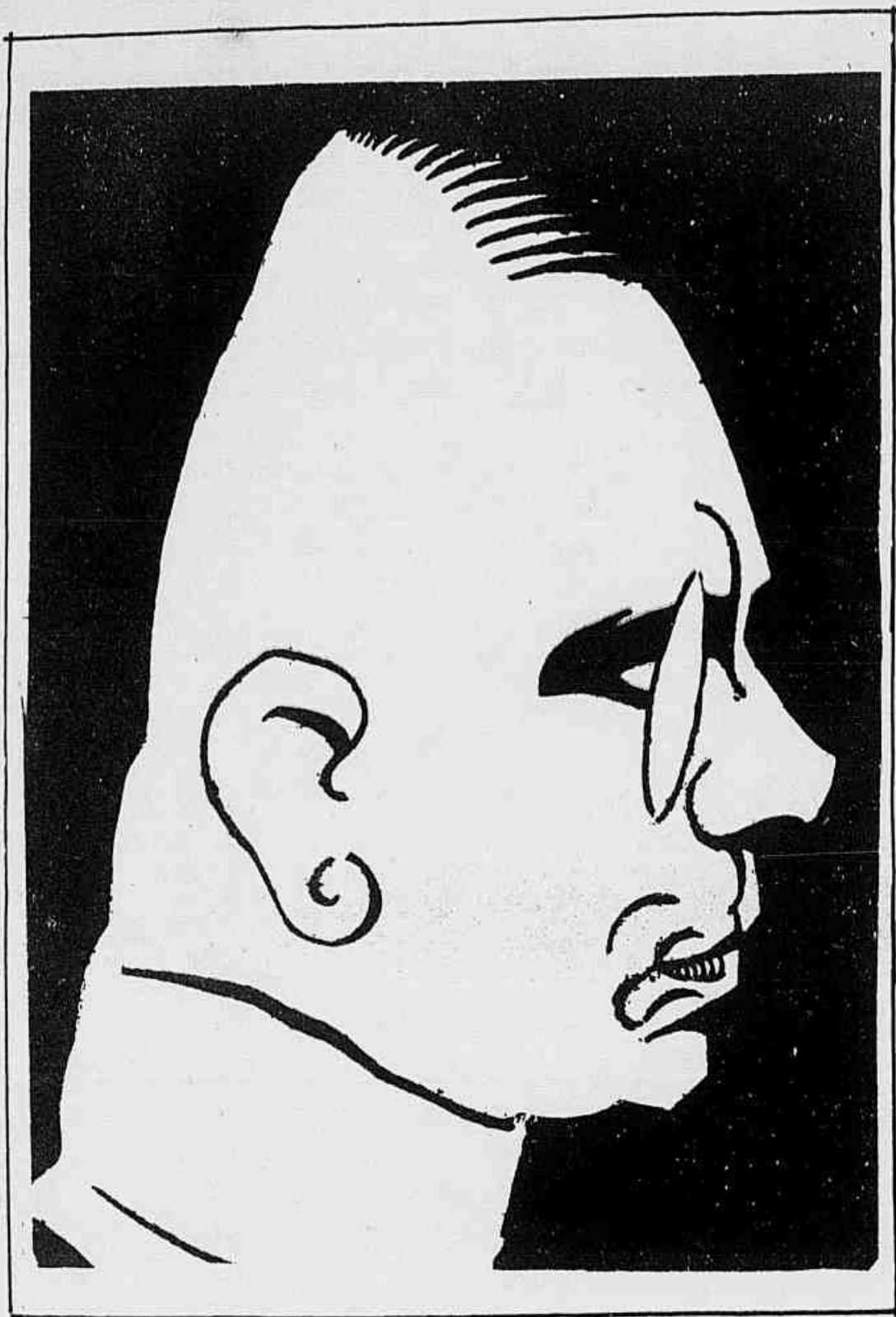
JUNE COLLYER

Noivas de Hollywood

QUAL DELLAS VOCÊ GOSTARIA DE LEVAR AO ALTAR?

MARY BRIAN

JEAN ARTHUR

A TELA EM

VON STROHEIM E' TODO O VALOR DO "GRANDE GABBO".

PALACIO

O GRANDE GABBO (The Great Gabbo) — Sono Art. — Producção de 1930. — (Serrador).

O primeiro film que James Cruze dirige para a sua fabrica particular. E' bom. Elle já fez bem melhores. Para maior nome deste, escolheu Von Stroheim para o principal papel. Este, sem duvida, é 90 % do successo do film. E' provavel, mesmo, que não concorde com nada daquillo. Que saiba, perfeitamente, que o excesso de voz. E o accrescimo de theatro. Não é nada de Cinema... Mas, apesar de tudo, é o artista mais photogenico do elenco. E' o maior artista do film. Nelle. Nas suas exquisitices. Nas suas scismas. Nas suas manias. Reside todo o profundo agrado que o film desperta.

Contra o film. Ha apenas um enorme numero de scenas de revista. Bailados sem fim. Embora alguns realmente estupendos. Como o da teia, com Betty Compson bailando como mosca. Mas, se tivesse menor revista, menos canções, e mais acção, seria um dos primeiros, sinão o maior dos films fallados até hoje feitos.

A situação delle, fallando pelo boneco. Tudo que bom tinha na sua alma. E occultando, atraz de sua neurasthenia morbida a sua verdadeira alma, é soberbamente imaginada. E auxiliada em parte pela voz. Porque, de facto, este seu papel de ventriloquo soffreria a ausencia total da voz. Este film, silencioso. Com a unica mira no ponto de vista artistico, do mesmo, seria uma das maiores realizações do Cinema. Apesar disso, está muito bem dirigido, embora James Cruze não seja o que se póde chamar um director moderno. Ninguem, melhor do que elle, dirige scenas dramaticas. Com tanta sobriedade e correcção. A situação da loucura de Von Stroheim. Ridicula, nas mãos de outro director. Teve, da parte delle, tão excellente tratamento e, da de Von Stroheim, tão estupenda interpretação. Que, sem favor, é uma das mais grandiosas que o film já teve. Principalmente quando Von agride o boneco. Doido de despeito. Beijando-o, logo em seguida, arrependido.

Von Stroheim falla um inglez correctissimo e sua voz é das mais microphonicas que já se viram no Cinema. Em certos trechos, falla allemão. Interessante aquelle em que conversa com seu criado. Parte em allemão e parte em inglez. E, cousa bem observada, todas as pragas. Elle as diz em allemão. O que é uma cousa espontanea em qualquer individuo que esteja fóra de sua patria.

Os trechos de revista, se fossem mais curtos e mais discretos. Seriam o successo garantido. Como estão. Exaggerados, mesmo, em certos trechos, prejudicam a parte dramatica do film, afastando os espectadores por demais da acção. E, ainda, tiram todo o sabor do film. Bastaria aquelle da teia. E seria, então, um film 60% melhor.

James Cruze approveitou, de Von, tudo quanto lhe foi possivel. E este, mais uma vez, prova a sorte de grande artista que é. Além de ser o maior director do Cinema. Betty Compson, lindissima, tambem tem o seu quinhão. Se aquella voz é della, não ha duvida que canta com muito agrado. Don Douglas é soffrivel, como artista. Apenas uma bôa voz. Os "doubles" da scena do bailado, bem photographados, disfarçam bem. De resto, um elenco homogeneo.

Gravação esplendida.

Cotação: 7 pontos.

PATHÉ-PALACE

A MARSELHEZA (The Captain of the Guard) — Universal. — Producção de 1930.

Ha, ao começar o film, um sub-titulo que diz ser o film uma ficção. Perdoando-se, portanto, as liberdades que se tomaram com a historia.

Está certo.

Admitte-se, mesmo, tudo isto. Porque, afinal, Cinema é Cinema. E historia é historia. Quando um film tem que ser perfeito. O scenarista e o director têm o direito até de matar gente que não morreu. E resuscitar mortos. Está certo. Porque, é logico, trata-se de melhorar um assumpto para a sua explicação photographica. E, assim, não é raro vermos dessas ficções que tomam liberdades. Mas o que é raro. Isso sim. E' ver-se uma ficção tão fraca. E liberdades tão ousadas que chegam a adulterar todos os factos, modificando-lhes a pujança da belleza do significado. A troco de pontos de vista...

"A Marselheza", sem favor algum, vae ser um film que Paris, por exemplo, receberá extraordinariamente... Não se admitte aquelle Rouget de l'Ile. Nem, tampouco, aquella "La Torche". São, neste film, figuras genuinamente yankees. Perfeitas, sem duvida, dentro de um film sobre Grant e Lee. Mas absolutamente sem sabôr como heróes desta infeliz ficção sobre a vida do compositor Rouget de l'Isle. A situação capital do film, é, sem duvida, a tomada da Bastilha. Mas está mal realizada e não convence. Outro trecho que poderia ter sido formidavel, seria Rouget cantando a Marselheza, para Louis XVI ouvir. Infelizmente, porém, a estreiteza de vistas foi terrivel. John Boles chegou ao cumulo de cantar a Marselheza em inglez... E, além disso, não cantou com o arroubo que todos conhecem nelle Rouget. Mormente nesta situação. E nem, tampouco, é possivel o embaraço de todos aquelles fidalgos. A esperar que elle cantasse até a ultima nota. Quebrasse a espada. E fugisse. Sem que nenhum delles interferisse.

O unico trecho do film realmente bom é aquelle idyllio. Naquella licção de piano. Bem photographado. Bem dirigido. E bem representado.

Mas, de resto, é fraco e e falso demais para agradar. Tem pomposidade e gastou-se dinheiro para a sua confecção. No emtanto, tudo foi prejudicado pela fraqueza da historia e pela inverdade da narração. No fim, quando a turba vem invadindo tudo. Chegaram ao cumulo de misturar o fox-trot For You, thema do film, com as notas majestosas da Marselheza...

Vamos estragar os outros. Vá lá! Vamos tomar, liberdades, tambem. Mas, francamente, cantar a Marselheza em inglez. Nada mais ser, elle, do que um "cow-boy" fardado para uma parada carnavalesca. E, ella, uma "girl" perfeitamente yankee.

E' exagero, não é?..

Se explorasse outro thema e fosse mais approveitado, agradaria. A melhor cousa do film, é aquelle trecho citado. As vozes de John Boles e Laura La Plante, agradaveis. Particularmente a delle. A direcção. Iniciada por Paul Fejos, que a deixou por molestia. E continuada por John S. Robertson. Que, afinal, ficou com o nome. E' fraca. Não corresponde, absolutamente, a espectativa alguma. A critica, mesmo, que tanto elogiou "All Quiet in the Western Front". Recebeu fria e ligeiramente este film.

Passa-se o tempo. Mas sáe-se aborrecido. Pelo amontoado de absurdos e por se ver até aonde vae o menospreso que os yankees votam aos demais paizes do mundo. Fossemos, nós, por exemplo, cantar o hymno americano com versos brasileiros Ou arranjassemos uma melodia de Sinhô para os versos do mesmo hymno. E veriamos em que complicação daria isso...

Cotação: 6 pontos.

RIALTO

A TRANSFORMAÇÃO DO DR. BESSEL (Dr. Bessels Verwandlung) — Mais um argumento baseado na grande guerra. Mas não é máo.

Hans Stuewe é o principal. Agnes Esterhazy, Agnes Peterson (esposa de Mosjoukine), Angelo Ferrari e outros tomam parte.

Cotação: 5 pontos.

PATHÉ

BANDAS DO OESTE (Points West) — Universal. — Producção de 1930.

Um filmzinho de Hoot Gibson que, no genero, agrada.

Alberta Vaghn é a pequena e Frank Campeau é o villão.

Cotação: 5 pontos.

NO CORAÇÃO DO BRASIL. — (Producção A. Junqueira).

Em tempos, já vimos tambem no Pathé, um film natural sobre o Estado de

Goyaz com os seus indios. Este senão é o mesmo, pouca differença faz. Indios nús, etc.

Os leitores já conhecem de sobra a nossa opinião sobre taes films que apenas deviriam ser exhibidas em sessões especiaes.

O DESFECHO — (The Climax) — Universal.

Apesar de exhibido na sua versão silenciosa, é um film que tem bons momentos. Na sinceridade do desempenho de Jean Hersholt. Na sua photographia suave e bellissima. E, tambem, em Henry Armetta...

REVISTA

Narra a historia de uma pequena que perdêra sua voz e que tivera promessa de a ver restaurada, pelo grande maestro Luigi Golfanti. Ella se apaixona por Pietro, filho do maestro e elle por ella. Mas o Dr. Gardoni, ou seja, o nosso conhecido Leroy Mason... E' a classica penninha. E' convidado a tratar da garganta da pobrezinha da Kathryn Crawford e, vingando-se, inutiliza-a, para sempre...

Renaud Hoffman, dirigindo este film, fel-o em proporções modestas. Apenas para o grosso publico. E, com a soberba interpretação de Jean Hersholt, consegue, sem duvida, entreter e agradar o publico.

Bom scenario de Julian Josephson.

Cotação: 5 pontos.

IRIS

PINTANDO O SETE — (The Wife's Relations) — Columbia.

Shirley Mason de volta. E ao lado de Gaston Glass. Mas Ber Turpin é quem agrada.

Cotação: — 5 pontos.

SEGREDOS DO CARCERE — (???).

Walter Rilla e Valery Boothby, são os principaes. Trata-se um film regularmente representado. A historia é algo sentimental. Bom complemento de programma. Nada de sacrificios para vel-o. Mas, se calhar, não fará ninguem sahir do Cinema.

Cotação: — 5 pontos.

AMOR A BEIRA MAR — (Ned Mc Cobb's Daughter) -- Pathé.

Um bom film. Esplendido, mesmo, considerando-se a invasão dos "talkies". O Iris, neste particular, é o typo do Cinema que desperta saudades. A pianista com a chicara de café e o copo com agua, ao lado. A flauta. O clarineta. Uma orchestra! Incrivel... E este film, então, é daquelles que prendem a attenção desde a sua primeira até á sua ultima scena. Bem representado e bem dirigido, por William J. Cowan. Irene Rich, sempre sincera, faz a infeliz esposa de um marido sem brio e sem entranhas. A situação delle, com Carol Lombard. A simpathia desta, apesar da sua situação. Mormente na scena em que impede que elle roube o dinheiro á esposa. E' um toque humano do argumento. Robert Armstrong, é o dono do film. Tem um desempenho natural e photogenico, sob qualquer aspecto. Agrada, immensamente. A sequencia da visita dos detectives, ao porão, com o corpo do Kelly, sob as maçãs e, depois, a corrida dos autos-caminhões, têm uma emoção fortissima e raras vezes sentida, num film. O final é logico e tambem humano. A scena em que Robert Armstrong beija Irene Rich, é muito bonita. Vale a pena assistir este film.

Cotação: — 7 pontos.

O GORILLA — (The Gorilla) — First National.

Outro excellente film. Silencioso. Maltrado por causa da epocha dos "talkies". Depois, tanto tempo preso, finalmente é exhibido pela agencia M. G. M. E' um film que explora, pelo lado comico, um assumpto policial, indecifrevel. E, apesar de não ter sido levado a serio. Já que se trata de uma comedia... Mantem o seu mysterio insoluvel, até ao final. E, ao lado de intensa comedia, offerece situações emocionantes e arrepiantes. O desmaio de Alice Day, por exemplo, é admiravelmente bem dirigido. E dá uma profunda impressão de pavôr. Charlie Murray, quando perseguido pelo Gorilla. Sem que o criado o possa avisar de que elle se acha pelas suas costas, está simplesmente formidavel! Fred Kelsey, bem. Brocks Benedict, bastante mal maquillado, é o reporter. Assistam, que, sem favor, vale a pena. Gaston Glass, Walter Pidgeon, Claude Gillinfwater e Tully Marshall, completam o elenco. A direcção de Alfred Santell é muito bôa. E a photographia está espledida. Ha angulos muito felizes e que auxiliam bastante as situações do film.

Cotação: — 7 pontos.

OUTROS CINEMAS

MÃES MODERNAS — (Modern Mothers) — Columbia (Prog. Matarazzo).

Um film regular. Helene Chadwick, é a estrella. Douglas Fairbanks Jr., Gene Stone, Albert Roscoe e Barbara Kent tomam parte.

Cotação: — 4 pontos.

O AMOR E' TUDO — (Thelma) — F. B. O.

Jane Novak, June Elvidge, Barbara Tenant e Vernon Steele sob a direcção de Chester Bennett. Haverá alguem que faça fé neste film?

Cotação: — 3 pontos.

O MORCEGO — (The Bat) — United Artists.

Um film de mysterios. Aventuras. E caiporismos de um agente policial. André Beranger, Charles Herzinger, Emily Fitzroy, Louise Fazenda, Jack Pickford, Jewell Carmen, Kamiyama Sojin, Tullio Carminati, trabalham sob a direcção de Roland West. Está um pouco velho. Mas ainda poderá agradar.

Cotação: — 5 pontos.

QUEM CORRE, ALCANÇA — (Yankee Speed) — Susst Productions.

Não corram e nem procurem alcançar a secção que exhiba este film! Se é que são verdadeiros "fans" e presam os verdadeiros films. Robert North Bradbury, como director e Kenneth Mc Donald, como artista principal, apostaram, ambos, como, ao fim do film, não haveria um só espectador na platéa... E, parece, conseguiram ganhar a aposta... A historia começa num velho solar da California e termina em pancadaria grossa. Consta que, aproveitando-se da circumstancia, o director e o galã fizeram os productores do film servirem de "extras e tambem levarem murros e sopapos...

Viola Yorba, é a heroina... Que tal?

Cotação: — 3 pontos.

—O—O—O—O—O—O—O—O—O—O—

LOLA

(FIM)

estimadas figuras do publico de um dos maiores theatros new-yorkinos.

Foi ahi que apanhou o seu maior contracto, até então. 450 dollares por semana, para uma "tournée" de vaudeville. Foi assim, então, que se achou em Los Angeles, California. Com a sua companhia de vaudeville.

Tirou um "test", para um film.

— Quando vi um Studio. Comprehendi, então, que era ali que eu queria trabalhar. E que aquillo, afinal, era o meu sonho, o meu ideal.

Um dia, na sua pensão, disseram-lhe que, lá em baixo, estava um director, esperando-a.

Desceu, muito emocionada. Era Benjamin Stoloff. Vinha convidal-a para tomar parte num dos seus films. Como figura central e importantissima.

Era, finalmente, o seu grande sonho que se realisava...

Agora, sabem, perfeitamente, quem é Dorothy Mulligan. O Cinema, sempre exigente, não a quiz com esse nome. Troucou-o, pelo de Lona Lane. Acaba de estrellar "The Big Fight", para a companhia de James Cruze, dirigida por Walter Lang e tendo Big Boy Williams como companheiro. E, pelo que dizem as criticas. E' a maior figura do film. Pelo seu desempenho. Extraordinariamente natural e humano.

Aqui está.

Toda sua vida.

Sahiu criança, de casa. Voltou criança. Depois, moça, tornou a sahir. E, afinal, venceu, na vida, como venceu no Cinema. Logo, Com apenas um "close up" feliz...

—O—O—O—O—O—O—O—O—O—O—O—

Le Spectre Vert, versão franceza de *The Unholly Night* da M. G. M., com a direcção de Jacques Feyder, obteve, em Paris, extraordinario exito. Jules Rancourt, o galã, por causa do seu desempenho, já obteve um contracto, em Paris, para figurar num film francez, falado, com a direcção de Maurice Tournerr.

The Great Day, da M. G. M., reunirá, no elenco, sob a direcção de Harry Dollard, a estrella, Joan Crawford e o galã John Mack Brown. Cliff Edwards será o comico.

Desde o inicio dos "talkies", Bryan Foy, encarregado do departamento de "shorts", da Warner Bros., fez, para a mesma, a ninharia de 1.340 "shorts"...

"Tres annos para fazer um film"

(Conclusão do numero passado)

Após a conclusão das filmagens das sequencias dramaticas, Luther Reed retirou-se. E Howard Hughes, que, ha tempos, já se vinha dedicando ao estudo da parte technica da direcção de um film, resolveu, elle mesmo, filmar as sequencias de aviação que faltavam. Era sua historia. Seu dinheiro. Seu film. Sentiu que devia dirigil-o para que sahisse aquillo que elle sonhava.

No campo de Inglewood, uma tarde, quasi que tudo termina em negra tragedia. Mr. Hughes sabia conduzir um avião. Mas faltava-lhe quasi que o principal. Pratica. E, principalmente tratando-se de motores de rotação. Subiu num delles. A 400 pés de altura tentou uma manobra. Desconhecendo o motor, cahiu. De aza. Deu-se o desastre. Conta-se, até hoje, que, quando o avião cahia, alguem murmurou, aterrorisado, "Meu Deus, é a primeira vez que vejo a quéda de 50 milhões de dollares..." Correram para o avião despedaçado ao sólo. Encontraram Howard todo sujo. Todo roto e bastante machucado. Levaram-no e medicaram-no. Ao cabo de horas, isto é, no dia seguinte, lá estava elle novamente. Firme ao lado de novo avião para de novo tentar...

Al Johnson, um dos seus auxiliares foi a primeira victima dos aviões. Morreu poucos dias depois deste accidente. E tambem num desastre que custou mais um apparelho á Howard...

Em Março de 1926 Howard deixou o campo de Inglewood para se passar para um campo novo, perto de Van Nuys, um suburbio de Los Angeles. Chegou, de New York, pilotado pelo Capitão Roscoe Turner, o avião Gotha de de dois commandos. Só mesmo aquelle Capitão poderia guial-o. Porque outros não o conheciam e, além disso, offerecia innumeros perigos pilotal-o.

O campo ficava entre plantações de batatas e de fructas. E, como os aviões desciam, invariavelmente sobre as mesmas, sem se importarem, era natural que os donos das mesmas fossem indemnisados. E, com isto, não eram pequenas as sommas gastas por Howard Hughes... Howard Hughes, nos gastos e nos exaggeros, bateu com vantagens todas as doidices de Von Stroheim. Comprou o campo, afinal. As suas circumvizinhanças todas. Mandou aplainar tudo para tirar determinados planos. E, afinal depois de tudo prompto, decidiu comprar outro, mais distante, de uma criação de aves, que servia melhor para o que seu cearebro imaginava que devia ser o certo... De outra feita, mostrou, de novo, que "Marcha Nupcial" e o seu tamanho e o seu capricho e as suas minucias, eram brincadeira de criança em comparação aos seus caprichos de millionario divertido... Porque, para apanhar um simples detalhe de valvulas de aeroplanos batendo, nada mais necessario era do que um "shot" de 25 pés. Pois bem. Howard Hughes chegou á perfeição de gastar 20 mil para filmar um destes... E isto é a pura e sincera expressão da verdade. Porque tudo isto me foi mostrado e estou escrevendo com dados e não com hypotheses.

Para outro "close-up", pouco tempo depois, gastou mais 18 mil pés... Porque elle levava a minucia ás mais elevadas extravagancias. Filmava. Não achava bom o negativo. Tornava a filmar. Não achava bom o "shot". Filmava mais uma vez. Gostava do negativo mas não apreciava a collocação de machina. Mandava que se tornasse a filmar. E, assim, nestas innumeras brincadeiras, iam-se metros e mais metros de pellicula e dollares e mais dollares de despezas.

Havia uma pequena scena na sequencia dos Zeppelin que, disse-me o assistente de Howard, elle fez repetir mais de 100 vezes até que ficasse ao seu inteiro sabor. Perguntou-lhe, afinal, o mesmo assistente qual das filmagens deviam ser approveitadas. Howard, calmamente, respondeu-lhe. "A numero 1"...

Em Outubro de 1928, afinal, todos julgaram que o film estivesse radicalmente filmado. Haviam, apenas, alguns curtissimos "shots" a filmar. Envolviam, justamente, 40 aeroplanos em vôo e, além disso, precisavam de um céo nublado. Para apanhar aquellas nuvens e dar effeito bonito ao apanhado. Foi, aliás, a unica vez que Howard Hughes não conseguiu avançar... Porque, é logico, nuvens elle não poderia comprar por dinheiro algum... Precisava aguardal-as. O Sul da California, durante o verão, é absolutamente desprovido dellas... Ao Norte da California poderiam ser encontradas as que quizessem. Pois bem. Aqui vem uma que até parece anecdota. Howard Hughes, calmamente, pensou. "Se as nuvens não vêm á mim... Eu irei á ellas!". E mandou, calmamente, que se encaixotassem os seus 40 aeroplanos e que embarcassem os seus 40 pilotos. Seus assistentes e seus technicos para Oackland, California do norte. E no aerodromo de Oackland, tempo depois, montou seus aviões, novamente.

Lá ficaram 4 mezes. Elle pagava semanalmente seus auxiliares. E as suas despezas eram avultadissimas. As nuvens andavam escondidas atraz do horizonte... Na viagem para Oackland, foi a vez de Clement Phillips tombar com mais um avião...

Finalmente sahiram as nuvens. Os 40 aviões lançaram-se ao espaço e postaram-se para a filmagem do referido "shot". Custou um dinheirão. Mas o sorriso de Howard Hughes foi immenso quando viu o resultado obtido com o capricho da sua vontade de millionario... Agora um parenthesis.

Mr. Hughes, durante este tempo, não esteve sómente occupado com "Hell's Angels". Elle teve ainda tempo de comprar o restante do contracto de Thomas Meighan com a Paramount e de obter lucros apreciaveis com os dois films que fez com o mesmo. "Lei do mais forte" e "Força que Seduz", foram dois legitimos successos para o artista e para o productor. E foram ambos distribuidos pela propria Paramount.

Alugando Louis Wolheim e Lewis Milestono, que elle tinha sob contracto, ás demais fabricas, tambem fez elle bom lucro. Aliás lucro este que não foi em parte approveitado porque precisou dar 75 mil dollares a Raymond Griffith que havia posto sob contracto e que viu, depois, não ser possivel usar.

Após a scena em Oackland, regressaram. Só restava uma scena. A do desastre do grande Gotha. Capitão Turner, quando soube disto, opoz-se formalmente a pilotar o apparelho naquella scena. Que elle subisse, pouco se lhe dava. Mas com elle a bordo.

Havia, no seu film, tomado parte Al Wilson. Que fôra astro de alguns films da Universal. E que além disso, figurara no mesmo film "Hell's Angels", fazendo diversos exercicios arrojados. Elle se offereceu para pilotar o apparelho mediante um bonus enorme. Quando elle partiu, com o mechanico Phil Jones, sob o apparelho fumegavam bombas de fumaça que iriam dar o aspecto de incendio no avião, na sua quéda. Mr. Howard Hughes nunca poude imaginar, por instantes que fossem, que a sua sêde de realismo tocasse a taes extremos... Al subiu á uma altura de 5 mil pés. Firmou a direcção do apparelho para baixo e, ao passo que elle se precipitava ao sólo, elle se soltava em para-quédas pelo espaço. Mas o mechanico Jones, não tendo percebido que elle já se atirára, persistiu no avião e, assim, veio, com elle, arrebentar-se no sólo... Mais uma vida...

Houve investigação official neste desastre. Wilson foi absolvido officialmente da culpa que lhe era atirada sobre os hombros. Mas o departamento de Commercio tirou-lhe a licença de aviador, por algum tempo e a Associação dos Pilotos Profissionaes deu-lhe demissão Humilhação, sem duvida, pelo cargo que elle exercia na mesma. Mas que importa tudo isto? Howard Hughes não conseguiu o seu "shot"?...

Al Wilson, mesmo, tomando parte em outras scenas do film, foi victima de mais alguns incidentes. De uma feita, voando num apparelho allemão Fokker, não estando elle aindr bem provado, sentiu que ia tombar. Saltou com o para-quédas. O avião veio arrebentar-se sobre os quintaes e casas de Frank Spearman, um escriptor e Joseph Schenck, o presidente da United Artists. E Al, tres quarteirões distantes, cahiu sobre o telhado de uma casa, machucando-se nos braços e ferindo sériamente uma das pernas. E' excusado dizer-se que Howard Hughes indemnisou tudo...

Burton Skeen, operador dos mais arrojados, foi a ultima victima. Elle não podia subir a alturas porque soffria de uma lesão cardiaca. Durante a filmagem de alguns "shots" a grande altura e com as manobras do avião, o sobreveio-lhe o que lhe advertiam os amigos e elle morreu no seu posto. O que o mantinha era o ordenado grande que elle recebia. E foi por elle que arriscou sua vida.

Filmaram-se, ainda, encontros authenticos de aviões. Com as vidas dos respectivos pilotos devidamente seguradas por Howard Hughes. E, com a filmagem da quéda do Gotha, terminou, praticamente, toda a filmagem. Isto em Março de 1929. Hughes já despendera 3 milhões de dollares. "Hell's Angels" foi cortado. Editado. Visto em secção especial num theatro de suburbio. Mas havia uma cousa que, positivamente, não estava direito e que estragava aquillo tudo! O film era silencioso... Nem um dos actores articulava uma sylaba que fosse...

Howard Hughes resolveu promptamente a questão. Resolveu annular todas as sequencias dramaticas filmadas, num total de 400 mil dollares e filmar tudo de novo com voz e som. Immediatamente Joseph March, autor de "Garotas na Farra", foi contractado para escrever os dialogos. Algum qualquer escreveu nova continuidade. James Hall e Ben Lyon e mais alguns outros do elenco. Foram novamente chamados e tomados com grande accrescimo de salarios. Jean Harlow, uma nova heroina, foi contractada. Porque Greta Nissen fallava inglez muito mal. James Whale, que ensaiára a peça "Journey's End", em Londres, foi contractado e importado para dirigir as sequencias falladas.

Jean Harlow veiu apenas visitar o Studio em companhia de Ben Lyon, seu amiguinho. Era de Chicago e nem sonhava com Cinema. Tinha justamente 19 annos... Uma pequena absolutamente despida de pratica. Mas foi a ella que Howard Hughes resolveu confiar a responsabilidade do principal papel feminino... O film, agora, está de novo terminado. Ainda existem detalhes para serem filmados, é logico... Temo, apenas, que Howard Hughes, no seu delirio de minucias, ainda queira refilmal-o em "grandeur" ou queira approveitar a mania da épocha e refilmar tudo em allemão, hespanhol, norueguez e esperanto...

E' provavel que agora seja lançado. Eu sou dos que não crêm...

Os que assistiram o film, na sessão especial, dizem que os "shots" de aviões são simplesmente phantasticos e unicos até hoje. A sequencia dramatica silenciosa não foi muito apreciada. Não se conhece ainda nada sobre o que é a versão fallada.

Não se póde negar é uma cousa. Que elle fez tudo para fazer um film colosso. E não é licito duvidar-se de um millionario moço e bem intencionado. Muito embora elle seja productor e isto só já seja um apellido que rescenda a burrice...

(N. da R. — Um mez depois de escripto este artigo, o film foi terminado. Já foi exhibido).

Cinema de Amadores

(FIM)

Estava tudo dito! Começamos a nossa filmagem, usando os domingos e feriados para os trabalhos nas locações. Pudesse eu contar o prazer que tive com essas nossas filmagens! Nunca mais nos esquecemos dellas. O scenario havia sido tão bem cuidado que já ninguem duvidava do nosso successo. Seguindo-se tudo na mais perfeita ordem, obtinhamos os melhores resultados. Pouco a pouco, comprehendemos que cada scena precisava ser explicada uma á outra scena precedente, e por outra ainda que se lhe seguisse.

A arte do Cinema reside na apresentação de idéas e emoções vivas, taes como essas outras idéas e emoções que chegam até nós, na vida real, atravez os cinco sentidos. A pratica mostrou-nos então que os titulos não deviam dizer uma parte daquella historia que a pellicula descrevia com mais brilhantismo. A' proporção que o nosso trabalho progredia, o nosso enthusiasmo ia-se duplicando. Por fim, a filmagem ficou concluida. E eu offereci a minha sala de visitas para a primeira exhibição, transformando-a num verdadeiro cinema em miniatura.

Sentámo-nos todos, ao lado dos tres criticos que o Jorge havia convidado para aquella noite memoravel. E a téla illuminou-se com os titulos de apresentação:

• "A Companhia Cine Amadorismo do Brasil apresenta"

"Revezes da Vida".

"Direcção de Ramão Planella. Continuidade de Jorge Julien, da historia do mesmo nome de Ramão Planella. Photographia de Sergio Barretto Filho."

"O Elenco..."

E assim nos vimos na téla, durante quasi uma hora, representando aquella magistral historia cinematica dos Revezes da Vida... Quando a exhibição terminou, naquelle beijo apaixonado daquelle homem do povo, que se havia resgatado pelo amor e vencido a Vida pelo Trabalho, foi uma salva de palmas, iniciada pelos proprios criticos do Julien!

De repente o Jorge levantou--se, e exclamou:

— Quem quer ser director agora sou eu! Amanhã, quinta-feira, convido todos vocês, não para uma feijoada, mas para um formidavel banquete na Rôtisserie! E de hoje em diante, Ramão, quem entra com o custo total dos 600 pés de film sou eu apenas!

Pois bem. Querem saber de uma coisa, leitores? Estamos preparando outra producção, e até o proprio Jorge Julien, quando vem jogar um pokerzinho comnosco, só fala em filtros, lentes de approximação, tele-objectivas e angulos artisticos...

A Estrella é uma Operaria

(Conclusão do numero passado)

Mas voltando ao assumpto da nossa monographia, nós devemos observar que Billie nunca fez outra coisa senão penar atravez de interminaveis desanimos desde os seus primitivos tempos, em New York, em que ella começou "posando" para photographos, illustradores e pintores de propaganda commercial frequentando a escola nas horas de folga e aprendendo a dansar. Um dia, porém, alguem que tinha ligações com as "Follies" do Professor Ziegfeld viu uma imagem sua num annuncio, e nesse dia Billie abandonou o seu curso de steno-dactylographa e as lições de dansa e incorporou-se ás "Follies", apenas para ser, dentro em pouco, arrebatada por um productor cinematographico.

Mas entre um contracto para o Cinema e ser um successo de bilheteria a differença é enorme. E é isso justamente que nos conduz ao thema que escolhemos: trabalho estafante. No começo Billie Dove foi o que na gyria do Cinema se chama uma perfeita "flop". Rescindiram-lhe o contracto. Ella se fez, então, livre atiradora em varios studios e trabalhou com Tom Mix em algumas *cavalhadas*. Veiu a seguir "O Vagabundo do deserto" primeiro film colorido de exito, mas que falhou como factor de nomeada para Billie. O film foi entregue á exhibição e Billie não recebeu nenhuma proposta de trabalho. A nova opportunidade para a estrella occorreu quando Douglas Fairbanks a escolheu para sua *leading lady* em "O Pirata negro". Billie era bonita, ninguem ousaria contestar, mas nenhum studio se mostrava soffrego por ella. Dizia-se que lhe faltava a arte de representar. Billie acceitou a insinuação e poz-se a representar na intimidade para o seu espelho. Fastidioso mister, pois não?

Em 1926 raiou, afinal, o velho sol bemfazejo e propicio. Billie concluiu um film intitulado "The Marriage Clause", e todas as companhias de Hollywood entraram a reclamal-a. Billie arregalou os olhos fulgurantes e assignou um contracto com a First National, como artista *featured* — não estrella — e fez "An Affair of the Follies". Notando o seu magnifico trabalho nesse film, a companhia apressou-se em rasgar o primitivo contracto e fel-a estrella com todas as honrarias. Affirma-se que isto foi obra das solicitações dos exhibidores de todo o paiz. E quando os exhibidores querem alguma coisa, quasi sempre obtem.

A partir de então, Billie nadou sempre em dinheiro grosso. Quando appareceu o cinema falado, que foi uma especie de panico na California, Billie recolheu-se á sua Yes Room e poz-se a conferenciar com as suas vogaes. Vencidos o a-e-i-o-u, ella passou ás consoantes e a victoria foi egualmente brilhante.

Hoje, segundo rezam as chronicas, tudo vae *all-right*. **Billie fez taes estudos acurados do "Estafante" e das suas ligações com o Ocio que ninguem mais se surprehende com o que possa acontecer. Miss Dove dispõe de systemas cuidadosamente regulados que funccionam como um relogio, a não ser quando algum subalterno do studio lhe informa: "Miss Dove, a sua companhia trabalha hoje até a meia-noite!"** Quando isso acontece, ella recebe sorridente a infracção ao seu regimen de vida e retira-se para um canto, a pensar, scismadora, naquella viagem de recreio á Europa com que vem sonhando ha tanto tempo e que ainda não pode transformar em realidade. Lá no intimo ella deve ter uma grande vontade de trocar o Estafante pelo Ocio.

MANOLESCO

(Conclusão do numero passado)

Depois, ciumento, entra. Jacques, por um Manolesco espia tudo. Vê a amante e o homem alto e forte. E, ao lado, outra mulher. Que guarda joias de valor, num pequenino cofre. Dos dois pontos da sua observação, colhe detalhes.

Depois, ciumento, entra. Jacque, por um instante, fôra-se. Elle apanha os pulsos de Cléo.

— Quem é?

— Elle!

Ella o teme. Demais, mesmo.

— Pensei que nunca mais voltasse...

Na ultima angustia da phrase.

Fica tambem o ultimo receio...

Quando Manolesco a ia censurar, de novo. Entra Jacques. Não ha explicação. Nos seus ciumes. Comprehendem-se. Atracam-se. Lutam. Como se fossem duas féras...

Esmurram-se. Arranham-se. Engalfinham-se. Atiram-se ao chão. Maltratam-se. Tudo isso. Com a extrema brutalidade. Com o extremo odio.

Cleo, assiste.

Depois vem a policia. Gritos. Sustos. E Jacques é preso e conduzido para longe de Cleo.

Houve um beijo. Cheio de sangue e de suor. De cançasso e de alegria. Pela victoria. Cleo cada vez mais amava o amante...

* * *

No dia seguinte. Continuava a sua pouca sorte no jogo. Sorte nenhuma, mesmo. Ella já nem sabia o que dizer. Depois lembrou-se das joias da vizinha. Falou. Cleo não disse que não. Achou até bom...

Elle roubou.

Pagou o Hotel. Pagou tudo. Sahiu, como um principe.

Quando deu a mulher do quarto vizinho, pelo roubo, já estavam elles em Paris, com outros nomes. Longe da policia. Longe de todos...

* * *

O primeiro passo. E' o que custa mais a se dar. Dá-se com difficuldade. Com receio. Com pena de o estar dando. Mas o segundo... O terceiro... E os outros... São faceis. E' a mesma cousa que aprender a andar...

Fizeram Paris. Depois Londres. Depois Paris. Depois Berlim e de novo Paris.

Novamente um encontro. Novamente, diante delles. Querendo arrancar Cleo dos seus braços, Jacques. Terrivel e medonho.

Nova luta. Mas, desta vez. Sem intervenção de policia alguma. Manolesco saiu dali para um hospital. Em confortavel padiola... Perfeitamente desaccordado. Perfeitamente quasi morto...

Cleo acha que Jacques lhe traz mais vantagens. Porque Jacques, afinal, cumprira a pena. Era novo homem. Nova figura. Cheio de possibilidades. Manolesco, afinal, para ella, era um perigo. Conhecido em todos os logares. Sem mais aonde roubar. Sempre em sobresalto. Sempre sujeitando-a á cousa peor. E, afinal, já tivera, delle, os melhores beijos. E, de Jacque afinal, guardava uma saudade distante e, agora, um interesse maior pelo dinheiro que elle já havia accumulado.

No hospital, quasi morto, Manolesco encontra, em Jeanette, uma enfermeira mais do que enfermeira. Uma menina cheia de carinho e delicadeza. Que, em poucos dias, já lhe restituia a saude abalada. E já lhe fazia ver a vida por um prisma mais decente e melhor...

Um dia, Cleo invade o seu quarto. Abala-o. Profundamente. Com a noticia de que elle ia ser preso. Mostra-lhe o mandato. E conta-lhe um pouco da sua resolução em relação a Jacques...

Sáe. Manolesco foge. Mezes depois, nas montanhas suissas. Bem longe dali. Com Jeanette, ao lado, inicia uma nova vida. Que queria fazer a sua vida de bem.

Cleo. Depois de mezes de convivencia com Jacques. Comprehende que não mais pode supportar aquella besta-féra. Cheia de ciume e de vicio. Lembra-se da distincção do seu primitivo amante. Lembra-se do seu carinho. Da delicadeza do seu amor. E, em pouco. Sente-se saudosa. Apesar de mulher de máos instinctos. Um lhe restara. O de pensar e o de sentir a saudade immensa do seu passado côr de rosa. Do trem. Dos primeiros beijos...

Descobre-o na Suissa. Sabe-o, em companhia de Jeanette.

Depois disso, nada mais vê. E' o ciume brutal, a invadir a sua alma. Procura Manolesco.

— Vem! Vamos continuar a nossa vida!

— Não. Cansei. Vae que eu ficarei aqui. Agora, encontrei o verdadeiro amor. Para que ir? Para que? Para de novo ficar. Sob os punhos de um rival. Ou sob a arma de um policia!

Ha insistencia. Ha violencia. Por ultimo, a verdade.

— Vou me casar com Jeanette. Nada me levará daqui. Muito menos tu! Que me fizeste peor do que sou e me auxiliaste na quéda para a lama...

Cleo retirou-se. Bruscamente. Resolução tomada.

E, dias passados. Na noite de anno bom. Quando todos se divertiam. E quando Jeanet-

te, tambem, aos pés de Manolesco. Humilde, ouve-o contar historias bonitas. Entre carinhos meigos e simples. Que lhe faziam tão bem. Porque, afinal, de nada mais lhe valiam no mundo as cousas. Sinão aquillo. Vêm os detectives. Enviados da trahição da mulher ciumenta. E o levam para longe dos seus braços meigos e sinceros...

Não houve lagrimas. Jeanette. Sempre simples. Comprehendeu tudo. Entendeu, ali, as phrases medrosas que elle lhe dizia, sempre, com medo de lhe contar a verdade.

Era um ladrão.

Não houve lagrimas. Nem phrases desesperadas.

Apenas isto.

— Manolesco. Vae. Aqui me encontrarás. Quando voltares para os meus braços e para os meus beijos.

O momento mais romantico da minha vida . . .

(Conclusão do numero passado)

— Mas, afinal, nunca fui alem de Montmartre. E, mais tarde, eu já sentia paixão pelas manhãs lindissimas de Paris.

— Passei, depois, a frequentar as livrarias. E, um dia, pela manhã. Corria eu os olhos por um volume. Que me contava a historia de uma corteză dos tempos de Luiz XIV, quando, atraz de mim, ouvi uma voz. Diziame. "Bom dia..." E, francamente, parecia a voz de um sonho... Deixei cahir o volume. E voltei-me. Assustado e nervoso. Era Marilinne. Suave e romantica, como sempre. Sem dizer palavra, ella me estendeu a mão. Beijeia, ternamente. Depois, de braços dados, sahimos, para ver a Torre Eiffel. Subimos por ella. Fomos para bem perto do azul do céo...

— O romance, nas vidas, são os rastilhos eternos, que nunca attingem a polvora do amor. Vivem a arder. Vivem a queimar. Sem nunca produzirem uma sensação violenta ou bruta. Já tinhamos conversado, rapidamente, sobre o accidente que me fizera perder o trem. E, assim, sentia-me intensamente feliz por saber que ella me tinha seguido. E que, juntos, achavamo-nos em Paris...

— A's vezes, apenas nos olhavamos. Não falavamos. Para que? Dizem alguma cousa as palavras, quando os olhos falam?...

— E, depois, para nós, começou a corrida do romance. Visitamos tudo. Percorremos tudo. Cada lugar, ao lado della, tinha, para mim, encantos novos. Fizemos, juntos passeios. E, juntos, inventamos situações. Que, sem favor eram paginas de um romance bonito ou scenas de um film romance...

— Uma noite, no theatro da Opera Comica, annunciava-se a exhibição da peça *Louise*. Parei á porta do theatro. Marilynne não comprehendeu o meu extase, diante daquelle cartaz.

— Entrarás commigo e passarás aqui as horas do espectaculo, ao meu lado?

— Ella sorriu. E, o resto do dia, todo, levamos virando e mechendo por recantos e recantos de Paris. Durante os passeios, conteilhe a historia de *Louise*. Era a historia singela e bôa de um casal de americanos. Que sempre sonhava com Paris... Eram namorados. Para elles, o amor era desconhecido. Apenas amavam o romance... Queriam apreciar Paris. Juntinhos. Como verdadeiros namorados. E, afinal, conseguem o desejo commum. Foram para Paris. Ainda eram jovens. E, ali, viveram o romance das suas juventudes ardentes...

— Quando, á noite, nos sentamos para assistir *Louise* Mãos dadas. Tinhamos, em nós, a convicção de que iamos assistir alguma cousa do nosso proprio romance...

— Ali não havia uma multidão. Meia casa, se tanto. Estavamos abandonados, dentro do nosso camarote. Haviam outros casaes. Todos, agarradinhos como nós, viviam, naturalmente, todos elles, as suas historias...

— Ergueu-se o panno.

— Diante de nós, um joven e uma joven. Eramos nós... E, diante de nós. Que apenas nos viamos. Estavamos ali. Amando-nos. Desejando Paris, como um sonho distante. Amando Paris, como realidade promissora. Finalmente vendo Paris, debaixo da fronde immensa do romance e da paixão...

— Quando terminou o espectaculo. Sem sentir. Tinhamos as cabeças reclinadas, uma na outra. E, volvendo o rosto para mim, entregou ella seus labios. Aos meus. Suavemente. Romanticamente. Como se fosse a natural consequencia de todo aquelle excesso de amor. Beijei-a. Longamente. Com ternura. Com paixão. Com extase e romance...

— A' porta do seu hotel, quando a deixei sabiamos, perfeitamente. Por instincto, talvez, que não deviamos mais ver. Apenas a ouvi dizer — "Goodbye, John...". E apenas respondi. "Coodbye, Marilynne..." E mais nada. Quando a beijei, senti que a perdia. Ella se iria. Eu me iria. Tudo estava para sempre perdido. Mas, felizmente, daquelle instante de romance e paixão. Guardei, apenas, o sabor do seu beijo. O calor de sua mãozinha e a maciez das suas palavras de mel...

— No dia seguinte, quando a procurei, ella já não estava mais no Hotel...

Terminando, John tinha os olhos muito longe. Recordando, talvez, o sabor de mel dos labios de Marilynne...

Se isso tudo não é publicidade, era o argumento que não foi acceito no departamento de Scenarios...

Ellas vão gostar de Decio Murillo

(FIM)

vida, as lições della propria... Agora, realizando meu ideal, entrar para o Cinema. Não posso deixar de assignalar. De vez. Que, ao lado dessa intensa alegria. Tive a immensa satisfação de os ver aprovando o passo que eu déra. E me honrando, mais uma vez, com as suas confianças.

— Orgulho-me do ambiente em que me acho. Palavra, pensei que não fosse assim. Mas vi e vejo, felizmente. Que tanto se respeita uma pessoa, na vida. Tanto se luta, dentro da moral, na vida. Quanto no Cinema Brasileiro. E isto, com franqueza, enche-me de orgulho.

— Eu não quero ser o idolo do publico. Quero apenas que elle me estime. E, para que elle me estime. Eu vou me esforçar para viver meus papeis com tudo quanto o possa agradar. O publico, para o Cinema, é a alma para o corpo. Se elle me estimar. Mais e mais feliz eu me sentirei. Mas, se fracassar, o que, espero, minha estrella não me permittirá. Ainda assim terei a convicção de tudo ter feito para o illudir com uma hora de romance e vida. Dentro do papel que me couber nesta ou naquella historia.

— Das scenas que representei, até hoje, a que mais me empolgou foi uma do *O Preço de um Prazer*. Scena dramatica. Cheia de romance. Muito ao meu sabor.

— A minha primeira scena amorosa. Não chegou a ser, propriamente, para o publico, uma scena amorosa. Porque não houve um beijo, siquer. Mas foi uma scena amorosa como sóem ser as de Charles Rogers. Apenas um carinho num olhar. Apenas um afago num sorriso. E eu acho que é tão bom amar assim! Illude! E quem se illude, foge da vida. E fugir da vida é viver um film...

— Se o papel que eu interpretar fôr aquillo que eu sonhei. Eu o interpretarei com minha propria vida. Se não fôr, fal-o-hei com sinceridade. Felizmente, em *O Preço de um Prazer*, estou naquillo que eu gosto. E em *Labios sem Beijos*, tambem gostasse do meu papel.

— Pelo seu modo de dirigir, Adhemar Gonzaga é, para mim, uma das figuras mais pujantes do Cinema Brasileiro. Sempre sonhei, no Cinema, ter um director assim. Afinal, desde "Barro Humano" que não se vê um film dirigido por Gonzaga. Tenho certeza de que o nosso film vae ser um colosso! Humberto Mauro que me dirigiu em *Labios sem Beijos*, é, sem favor, outro grande elemento.

Foi tudo quanto nos disse Decio Murillo. Ao deixarmos o seu bungalow, em Copacabana, traziamos a convicção de ter o Cinema Brasileiro, nelle, adquirido um esplendido artista e um magnifico elemento.

Não são poucos os que gostam de fazer anecdotas com a elegancia imperturbavel do Decio. Nem, muito menos, aquelles que acham exagerados os seus zelos pessoaes.

Mas, ainda que todos se riam. Decio Murillo não se abala. E' o mesmo rapaz distincto. Elegante. Fino. Correcto e sincero. Que brevemente vae se mostrar ao publico que assistir *Labios sem Beijos*.

Se Edmund Lowe fosse o Barba Azul...

(FIM)

Pensou em Colleen. Nos beijos que lhe deu. Nos instantes amorosos que, nos films, com ella manteve.

— Colleen, para que eu fosse feliz, com ella. Era preciso que me tornasse, para ella, uma verdadeira criança. Eu, para a tratar bem e para conquistar o seu eterno amor. Precisaria infantilizar-me. Porque, afinal, Colleen é mesmo uma criancinha cheia de vontades e cheia de pequeninos caprichos. Mas, para mim, se fosse seu esposo, seria ella como que uma brisa refrescante. Olhando os carinhos seus pelo lar. Um lar de bonéco... E precisando de carinhos. Precisando de amor. Precisando de protecção e bondade. Para todo o seu criancismo sem fim... O seu maior encanto é sua intelligencia. E' o que a torna mais attrahente. Agora, com Lois Moran...

— Lois é muito moça. Muito criança, mesmo. Mas, apesar disso, é enorme a sua capacidade. Ella dissipa muito as suas energias. E, depois, é das taes que nunca sabe o que quer. Para ser marido de Lois, era preciso sempre inventar cousas novas. Para augmentar o seu interesse amoroso e não permittir que o tedio invadisse tudo. Ella é uma pequena que pensa ter uma philosophia, na vida, a qual applica e vive. Mas engana-se. E' mesmo, pode-se dizer, a creatura mais sem philosophia que já conheci... Eu, seu marido, faria com que ella acreditasse que eu comprehendia a sua philosophia e, para não entedial-a, procuraria, diariamente, novos modos de beijar. De acariciar. E, nas minhas palavras e nas minhas expansões de amor. Seria sempre differente. Sempre outro. De accordo com o genio que a estivesse assaltando. Ella corresponderia, sem duvida. Porque é muito generosa e tem uma grande capacidade affectiva.

— E agora? Já disse tudo, não disse?

— Sim... Você disse. Eu te agradeço muito. Mas...

— O que ha?

— E' que eu...

— Vamos, homem, diga!

— Eu queria saber algo sobre...

— Sobre quem?

— Lilyan Tashman...

— Minha esposa?...

— Sim. Queria saber quem ella é? E como você a governaria se não fosse ainda seu esposo mas estivesse para ser...

Eddie pensou longos minutos. Muito longos, mesmo. Depois, calmamente, respondeu.

— Lil?

— Sim, Lil.

(Termina no fim do numero).

Amor de Satan

(FIM)

sorrindo, atirou-se aos seus braços.

— Happy, meu grande irmão!

Abraçaram-se.

— E a esposa, Bob?

Bob enlaçou Rose. Trouxe-a ao encontro do seu rosto.

— Mudei um pouco, não é? Sabes... Não me quiz casar com aquella pequena de collegio... Preferi. Priscilla! Acho-a tão admiravel. Happy, não é mesmo?

Happy apenas teve um relance de emoção profunda, brutal. Era um jogador. Jogava tambem com as emoções...

— Então é esse o tal irmão grande de que falavas?

— E era essa a esposa meiga que me contaste?

Era, mesmo. Abraçados, os tres, seguiram para a Mina. Rose era uma artista estupenda. Rose, a corista de cabaret. A esposa infiel. Agora como ingenua. Ao cumulo! A esposa do pobrezinho do Bob...

Assim que chegaram, Bob lembrou-se.

— Então seu solteirão impenitente... ¡Beija tua irmãzinha, vamos!

Happy beijou os labios de Rose...

Aquella gente que ali estava, não queria atirar flores. E mais nada. Queria, antes, arrumar pedras naquella noiva... Mas Ortez lhes deu a ordem. Tudo correu normalmente. Parecia um ensaio geral, na frente de um pobre leigo. O pobre Bob...

———

A' noite, em instantes que estiveram sós, Happy perguntou a Bob.

— Mas como foi isso?

— Isso? Ora... Foi simples. Encontrei-a num *dancing*. Pedi á um amigo que m'a apresentasse. Depois disso, não me lembrei mais de Marie, a minha colleguinha... Era muito fria. Muito insensivel. E Priscilla, Happy, é a menina mais adoravel do mundo todo!

Rose entrava.

Instantes depois estava a sós com Happy.

— Quanto queres?

— O que?

— Sei que estás dando cartada certa. Quanto queres?

— Nada, bemzinho. Não me disseste, um dia, que o teu pae só era pae de pequenos espertos? Ainda ha muita novidade nisto tudo...

— Vamos, Rose, o que queres para terminar isto? Foste, o mesmo, a ultima! Sabias aonde elle estava. Para que é que o procuraste? Não existem milhares de outros?...

— E' que te esqueceste. Quando nos separamos. De me dizer, querido, para aonde devia ir. Eu... O que faria? Preferi a California... Offerecia melhor clima...

———

Happy poz Loco a vigiar Rose. Elle sabia do que ella era capaz. E não queria, nunca, que Bob soffresse. O que elle havia soffrido. Supportava aquella situação. Porque não achava meios de a solver.. Bob soffreria, se soubesse alguma cousa. Como haveria elle de lhe contar tudo isso? Era impossivel. Loco a vigiaria.

E, bem por isso, uma vez que haviam sahido a passeio. Elle e Bob. Foram perseguidos por Loco. Que os apanhou, já distantes. Avisou Happy.

— Ella foi para o Mina de Ouro!

Houve uma desculpa qualquer. Bob, sem precaução de espirito, alguma, acceitou-a.

Happy disparou para a Mina de Ouro. Encontrou Rose ao lado de Joe

— Vamos, canalha, para fóra daqui!

Rose teve um lampejo de colera.

— Expulsas-me?

— Não. Mas vae para o teu lar! Ao menos esta vez deves ser descente!

— Ah Muito bem! Andas me espionando...

— Rose, não é preciso. Tens um caracter que qualquer um que não esteja cego lê, claramente. Devo esperar tudo, de ti. Vigiarei, ainda que não queiras, o menor dos teus movimentos!

— Bravos, ¡vaes traçar os meus futuros planos, vaes?

Sorriu Rose, com odio.

— Não. Emquanto estiveres aqui, porém, andarás certo. Porque Bob é uma criança. Tem sonhos. Não os pode perder com a estupidez destes factos! Eu tambem fui como Bob. Criança... Mas abri os olhos. E, agora, ainda que me custe muito. Has de ter, com elle, a decencia que não tiveste commigo!

— E se eu não te obedecer?

— E' difficil dizer-te, Rose, mas se não fosses tão frivola. Havias de ser uma bôa coisa! Mas, assim...

— Pode ser, meu bom Conselheirão. Mas ouça esta! Sou a esposa de Robert Manning. Se não queres que te arrase. De vez! E ao teu santinho irmãozinho caçula. Sáe do meu caminho! Sae, ou te vaes arrepender. Sei que nada preciso dizer, além disso, porque, segundo consta e tu mesmo contaste, teu pae jámais teve filhos tolos...

Eram palavras pesadas. Medidas. Contadas. Leu-lhes, nellas, Happy, uma resolução de aço.

Que fazer?

———

Dahi para diante, tudo que succedeu. Nada mais foi do que um amontoado de brutalidades ao coração de bom irmão. Que Happy tinha.

Rose apanhou o pobre Bob. Enthusiasmou-o pela Mina de Ouro. Levou-o para lá. Fel-o jogar. Fel-o beber. Assim, diversas vezes. Depois, uma noite, quando elle já não mais enxergava nada. Ali o deixou e procurou Joe.

— Hello, Joe!

— Vae-te!

Joe tinha a sua experiencia. Não a queria augmentar...

— Deixa-me, que trazes veneno! Quero morrer em paz, creatura! Não quero morrer com um tiro nos miolos!

— Bravos! As aulas têm tido alumnos!... Corja de moralistas...

Ahi, cheia de odio. Pois havia e queria apanhar Happy. Amesquinhal-o, profundamente. Qualquer um servia.

Até mesmo um rapaz alto. Americano. Que, ao longe, tomava a sua agua mineral.

Para elle se dirigiu.

Ortez, por sua vez, que já se achava ao lado de Bob. E que mandára chamar Happy. Presenciava todo o seu manejo.

Happy chegou e foi para a mesa do americano. Emquanto Ortez carregava Bob para fóra dali.

— Acompanha-me!

Sua voz era cavernosa. Medonha.

— Para aonde?

— Para casa!

Não havia meios. Precisava obedecer. Porque ella conhecia Happy. Sabia dos seus momentos de colera... Achou melhor acceitar. E, depois que todos sahiram, já Ortez sabia de todos os planos.

Quasi uma brasileira...

(FIM)

agora e pedia, apenas, que me dissesse mais alguma cousa do Brasil... Se soubesse como gosto delle...

Nossa Senhora dos Correspondentes no Estrangeiro, valei-me!!!

Que capricho da sorte que me collocou aqui. Longe de minha terra. A ouvir uma voz assim. Falando dessa maneira. De cousas que já me fizeram ficar *blue* do que um colorido de film em technicolor...

Quando uma mulher bonita pede alguma cousa, o que deve fazer um homem? Vamos, respondam? O que fariam os senhores que me estão lendo?... Fariam a sua vontade, não é?

Mas eu banquei o firme. Prometti-lhe ir á sua casa (Ave, que frio que me percorre a espinha toda...) e, lá, contar-lhe tudo que sei sobre o Brasil. Sobre a minha Bahia. Sobre o Rio. Sobre São Paulo. Sobre todo o Brasil. Que, indistinctamente, é, mesmo, vamos deixar de modestia, a cousa mais bella que já Deus imaginou. Sinceramente, Marion parece Brasileira. Por isso mesmo. Porque é attrahente. Sympathica. Amavel e perfeitamente simples.

Consegui convencel-a a ouvir mais detalhes sobre o Brasil, depois.

Perguntei-lhe muitas cousas sobre sua vida. Ella me disse tudo, com maxima rapidez.

Veio do palco. Mas, apesar disto. E' uma das figuras mais interessantes que, agora tem o Cinema. Porque? Ora, porque não ha regras sem excepção. E, afinal, ha alguma cousa de mais em ser ella justamente a excepção?... Ha um anno que se acha em Hollywood. Veio, apenas figurando na peça *Dracula*, que Los Angeles viu, ainda ha pouco. Fez já, um film para a Tiffany. Outro para a Metro. Figurou em importante papel em *Shadow of the Law*, com a Paramount. *On Your Back*, para a Fox. E, afinal, pelas suas aptidões estupendas, acabou sendo contractada, mesmo, pelo Studio aonde a encontrei. O da Paramount.

Irene Rich, na sua opinião, é a mais delicada artista que já conheceu. William Powell, o mais fino cavalheiro que já encontrou. Dada as circumstancias pelas quaes passou a fazer parte do Cinema. Parece-lhe, ainda hoje, que elle foi, na sua vida, um grande sonho. Entrou num Studio, apenas para apreciar. Tirou um *test*. Por méra camaradagem e brincadeira de um conhecido. E, finalmente, passou a fazer parte da colonia. Justamente por não ter pensado. E justamente por ter aquelle

seu *test* deslumbrado a quantos o viram.

Ella acha que trocar Hollywood por Broadway. E' a mesma cousa que trocar o inferno pelo paraizo. Que nunca pensou que existisse, no mundo, um lugar para se trabalhar. Dentro do que se gosta. Tão bom e tão agradavel quanto Hollywood. E, bem por isso, ficou satisfeitissima com a sua entrada para o Cinema que, tambem, reputa a melhor cousa que já fez, na vida.

Não consegui evitar, ao fim de tudo. Que a conversa retrocedesse. E que acabassemos, mesmo, tornando a falar sobre o Brasil. Pediu-me vistas. Livros. Qualquer cousa que eu tivesse. Para que conseguisse, com elles, alargar os conhecimentos que já tem do nosso paiz. Porque pretende visitar o Brasil. E, assim, quer, quando vier, encontrar tudo nos seus devidos eixos.

Marion não me deu os nomes dos seus primeiros *fans*. Porque ainda não os tinha de cór. Disse-me, no entanto, já ter enviado os retratos pedidos. Aconselho, á estes dois bons amigos della, tornarem a lhe escrever e agradecerem o seu interesse pelo nosso paiz. Afim de mais ainda a estimular na sua carreira de Cinema que agora se inicia. Podem, tambem, aquelles que a apreciarem. Pelo que della eu disse. Enviar-lhe vistas do nosso paiz. O Brasil, em Hollywood, não é muito conhecido. Elle precisa ser mais conhecido! Aqui tenho uma entrevista com Regis Toomey. Vão ver, por ella, que terrivel contraste com Marion Schilling... Mas, se cada um dos que escrevem para aqui. Mandassem, com as cartas. Um cartão. Com uma vista bôa do Brasil. Acabaria o nosso paiz conhecido, e respeitado. Como são, aqui, outros. Muito inferiores e muito menos importantes.

Estavamos, afinal, naquella celebre sala.

Qual?

Ora... Não me desapontem... Aquella! Na qual entrevistei Clara Bow, Kay Francis, Jack Oackie... Estavamos sós... Meu Deus!!!

Andavam os ponteiros do relogio. Eu tinha outra entrevista. Mas... A sua gentileza... Não a podia deixar, francamente! Nem que viesse o mundo abaixo!

Sahimos. Fomos dar uma volta pelo Studio. Tudo me parecia novo, estranho! Que engraçado, não?... Tiramos a fatal photographia. Arranjei bigode. Porque, assim, fico mais "a la" Mexicana... E, aqui, parecer-se Mexicano é quasi ter ingresso franco nos Studios...

Vocês sabem. Aqui, as attribulações são muitas. Arranjei o bigode, só para contrariar... Depois, ao lado de Marion Schilling, rodando pelo Studio, eu nem me lembrava. Vendo passar, ao meu lado. Tanta pequena bonita. E tendo, ao lado contrario. Marion Schilling... Nem me lembrava, coitado de mim, de um rolo de cozinha e de um braço de mulher. Empunhando-o e decidindo-se a agir em pról da "Liga dos Bons Maridos"..

Acabamos nos despedindo. Era fatal, não era?... Mas aconteceu, sim! Despedi-me... Apertamos as mãos. Aquelle mesmo aperto de mão. Quente... Macio e sentimental... Meu Deus! Eu nasci prá soffrê e fui olhá prá ocê, Marion, meus... Pensei no rollo e dei o fóra...

Vocês vão gostar de Marion. Ella gosta tanto do Brasil. Dos brasileiros em geral. Que, francamente, ou amou, já, um brasileiro. Ou, quem sabe, é Brasileira, mesmo... Fiquei, palavra, desconfiado em encontrar, no Cinema, uma pequena que tanto conhecesse o nosso paiz.

Ella, quando se despediu, me disse.

— Good-bye!

Mas eu, só de máo, respondi...

— Y hope to se you again...

Ella se foi.

Eu ainda fiquei ali.

Era a primeira que não me perguntára, aqui, se Rio de Janeiro é a Capital de Buenos Aires e se São Paulo é algum tunel que liga Pernambuco a São Salvador...

Entre todas as publicações
Cinematographicas
prefiro e preferirei o
"Cinearte-Album"
que está preparando,
para 1931,
uma edição luxuosissima
com bellos Retratos Coloridos
dos maiores Artistas de
Todo o Mundo

Offs. Gphs. d' O MALHO